

# Soca Magazine

REVISTA DA SOCIEDADE CABO-VERDIANA DE AUTORES

abril 2022 | N° 7 da II SÉRIE

PERFIL



**PEDRO MORENO**

NUM  
DEDILHAR  
SERENO

OPINIÃO



**DANIEL MEDINA**

A ESFERA  
PÚBLICA  
NA ERA  
DIGITAL



ENTREVISTA



**JORGE QUERIDO**

UM TESTEMUNHO  
IMPRESINDÍVEL,  
NUMA PERSPETIVA  
ÍMPAR

DIREITOS AUTORAIS



**SOCA**

DISTRIBUI  
DIREITOS  
AUTORAIS  
A CERCA  
DE 30 AUTORES  
NUMA GALA  
LITERÁRIA

Homenagem a

**CARLOTA  
DE BARROS**

# SUMÁRIO

4

## HOMENAGEM

• **Carlota de Barros – Uma escrita de lírica lira**

11

• **Sonho Sonhado: uma poesia de melancolia e leveza lírica radicada na diáspora e no chão sensível da alma**

17

## PERFIL

**Pedro Moreno num dedilhar sereno** *Por Danny Spínola*

24

## OPINIÃO

• **A esfera pública na era digital** *Por Daniel Medina*

24

• **Ao Correr da Pena VI - O Mais...** *Por C. Salgado*

25

• **Cabo Verde retoma orientada para enfrentar a globalização ultraliberal**

26

• **Para uma verdadeira geopolítica autóctone cultural de desenvolvimento**

*Por José Valdemiro Lopes*

27

## VIDEOVIGILÂNCIA: Segurança Versus Insegurança

*Por Evan Spencer*

32

## PUBLICAÇÕES

• **Salmos Sonhando Sol de Danny Spínola**

*Por Daniel Medina*

36

• **Uma antecipada apresentação!** *Por A. Sena*

39

• **Vera Duarte**

**Leituras e dialogismos intertextuais entre o Brasil e Cabo Verde**

*Por Maria Raquel Álvares*

48

## SOCA EM IMAGENS E NAS REDES SOCIAIS

Distribuição de Direitos Autorais a Autores e Artistas

64

## CONTO

**O Pavão e a Águia** *Por Mana Guta*

68

## TESTEMUNHO/ENTREVISTA

**Jorge Querido**

• **Tempos de um Tempo que Passou**

• **Um testemunho imprescindível, numa perspetiva ímpar**

*Por Danny Spínola*

86

## CURIOSIDADES

Caneta de Aparo *Por João Lopes Filho*

93

SOCA distribui Direitos Autorais a cerca de 30 Autores numa Gala Literária

99

Lista de Autores e Artistas que receberam Direitos Autorais da SOCA





Danny Spinola\*

**C**aros Associados, Caros Confrades, Caros Amigos, Caros Leitores,

*Antes de mais, peço a vossa compreensão por este editorial epistolar, com alguma mordacidade e contundência, mas, a verdade é que a conjuntura exige um discurso direto, veemente e concreto, sobre determinadas enormidades que vêm conspurcando as coisas e o que deveria ser natural e ideal.*

*Mordaças/la um poeta?//Loucura!//E por que não/ Fechar na mão uma estrela? O universo num dedal, disse o poeta cabo-verdiano Ovídio Martins, no seu poema *O Único Impossível*, para se referir à liberdade que o escrever e o denunciar as coisas contêm.*

De facto, quase que qualquer pessoa no mundo pode escrever, aliás, tem essa liberdade; no entanto, pode-se também dizer, mais ou menos no mesmo diapasão, embora já numa ótica diferente, que escrever é tão fácil como permanecer 10 minutos no fundo do mar, pois, quando se diz escrever não se está a referir-se ao simples ato de pegar numa caneta e preencher uma folha de papel, seja lá com o que for. Refere-se, sim, a escrever na duplicidade biunívoca que plasma a tessitura deste fenómeno: escrever como arte e como comunicação, numa perspetiva indissociável. Não é escrever tão só como informação, que implica a transmissão de factos e ideias passíveis de serem apreendidas por outrem; nem tão pouco se refere a escrever como forma de possibilitar o conhecimento organizado e que, possivelmente, poderá servir alguém; e nem tão pouco ainda, se refere ao escrever como forma de sapiência ou de desenvolvimento de teorias. Está-se a referir, sim, ao escrever que pode reunir tudo isso, ou nada disso, desde que se tenha algo importante a dizer, e se encontre uma forma estética de o fazer.

Pensar-se que escrever (nos termos que acima se refere) é tão difícil quanto beber um copo de água, ou que escrever é uma questão de ser um bom observador e transmitir o que se vê, é um enorme equívoco que necessita de uma nova incorporação dentro das cláusulas doutrinárias da filosofia do pensamento. Pois, escrever, nessa perspetiva estética e artística, é um ato pessoal e subjetivo, e intransmissível, que implica uma série de requisitos e complexidades de várias ordens.

Escrever, na verdade, exige recursos extremamente refinados, baseados em teoremas complexos e peculiares, ligados à horizontalidade de várias qualidades especiais, quando (acordados), inerentes ao homem.

Para escrever, é preciso que se tenha, para já, uma certa perceção de uma forma artística, não é somente uma questão de se estar na moda e querer ser-se escritor, como disse o outro: “*Já tentei a prosa e a poesia e vi que não dou nada, mas daqui a 10 anos eu serei um grande crítico*”. Como se um crítico se se forjasse sem uma certa sensibilidade de apreciação, só porque se quer ser crítico (assim como o homem não pode viver debaixo de água como os peixes, também os peixes não podem viver fora de água como o homem).

Pois, que se saiba, escrever está ligado também ao nível cultural e social da comunidade onde se está inserido e a uma certa prática reflexiva, que leve a abstrações proficientes. Uma sociedade que se preocupa só com futebol e passeatas de meninões na praça dificilmente produzirá escritores.

É preciso mais do que simples espírito de escrever. É preciso uma vivência, um estudo, uma vontade e uma criatividade imaginativa fértil, pois não se escreve somente em função do depoimento das nossas experiências como seres sociais; é, e tem que ser também, em função da criação de uma ilusão da vida suficientemente convincente,

verosimilhante, à semelhança do que disse o ilustre poeta Português Fernando Pessoa: *O poeta é um fingidor/Finge tão bem que é dor/ a dor que deveras sente*". O mesmo é válido para a literatura na sua totalidade.

Muitas pessoas dizem que tal poeta ou tal escritor escreve difícil e que é difícil compreendê-lo. Pois que não compreenda. Que para compreender é preciso refletir. É preciso também um pouco de trabalho intelectual e não deve nunca ser gratuito. Pois, se a vida às vezes é difícil como retratá-la fácil? Seria um paradoxo. E não há dúvida que a vida, às vezes, é difícil de compreender, e que a literatura retrata, (quer queiramos quer não), a vida nas suas várias instâncias.

Eu já ouvi, por exemplo, muitas pessoas comentarem que os poemas do poeta Corsino Fortes, são difíceis, e que dificilmente os compreendem. Pode até ser, mas uma coisa é certa também: são extremamente performativos, em termos estético e artístico, com um imagismo e poética orgânica e sedutora, e têm uma mensagem a transmitir, de forma não panfletária, porque interessa-lhe a arte, sobretudo a poesia. Quando ele diz, por exemplo: *"O povo/chove no povoado a sua chuva de séculos/ e a goela das ribeiras/incha-se de aplausos/ Que a chuva é podium/na maratona das nossas artérias"*, nós ficamos imediatamente contagiados pela forma do dizer, e só depois interiorizamos que ele quer dizer que o povo consciencializou que não deve esperar obsessivamente pela chuva, pela sobrevivência, mas deve procurar os seus próprios meios de subsistência. O que poderia ser dito, sem dúvida alguma, de diversas outras formas, mas incontestavelmente também de uma forma tão bela como essa.

Mas, o problema não reside propriamente na questão do difícil. A verdade é que a dificuldade, às vezes, está na nossa cabeça. Como disse o outro: *"A verdade não está na boca de quem fala, mas sim, nos ouvidos de quem ouve"*.

Senão vejamos. Uma coisa que é bela para mim, pode não ser para o outro. Como se costuma dizer, nós não podemos agradar a Gregos e a Troianos. Seria uma utopia. Como disse a eminente crítica literária, a brasileira Lúcia Leppecki: *"Todas as vezes que eu compreendo há sempre uma parte que não se compreende, ou que poderia ser compreendida de outra maneira"*.

O que quer dizer uma coisa muito simples. Que nem tudo pode ser compreendido, e que nem tudo é para se compreender (às vezes é para ser sentido). E aí é que está o busílis da questão. Para compreender é preciso refletir, é preciso aferir e refinar o que se leu, o que implica um certo esforço, um certo trabalho. Como o pedreiro talha a pedra para obter paralelepípedos, assim, também, o leitor tem de trabalhar o texto para sugar o que o mesmo quer dizer - Que não se espere tudo posto numa "bandeja de prata", ainda mais nos dias que correm. Já a proposta de escrita marxista da nossa atualidade é de que o texto seja: "Produção e não produto". Isto é, que a vitalidade da obra seja a partir dos interpretantes dados e conhecimento científico, e da prática, da experiência que nos ajudará a evitar a alienação da produção pelo produto feito, que nos levará a levantar questões pertinentes, capazes de fornecer muitas respostas importantes, fazendo pensar.

Retomando a questão da vida, aflorada atrás, e pensando, então em vida, penso na vida das pessoas que me rodeiam e na vida que se leva atualmente: «vida de muita guerra e pouco pão»; «vida de deixa estar, em vez de deixa-me ser»; «vida de: vivamos a vida e deixemos o amanhã para amanhã».

Não há dúvida que seja sintomática essa perspectiva de vida que se assenta sobre uma instável base de sustentação, incapaz de produzir férteis frutos. Senão vejamos: as sociedades dos dias que correm têm uma forte tendência para entrar em crise e encontrar-se

a braços com sérios problemas sociais, difíceis de serem resolvidos. Os valores que regem o funcionamento da engrenagem social, e principalmente, dos princípios morais e éticos, estão em franca mutação, revelando-se a sua forte propensão para o lado negativo.

Cada dia que passa, mais se invertem os polos da vida regrada, acertada e salutar. Enquanto existirem burocratas que dizem: temos de fazer isso, temos de fazer aquilo, só para se destacar, sem mexer uma palha sequer para essa realização, impossível será o progresso. Há muita venda de imagem, de gato por lebre. Na verdade, a não preocupação em ser, mas sim em parecer-se com algo superior: a busca do luxo e do bem-estar, castra a responsabilidade de se criar, de erigir, de construir. A vida externa, postiça e muito material acaba com a capacidade interior de Ser, que é a essência da consciência e da transcendência, e emperra a capacidade de dirigir e encaminhar sabiamente os outros e o futuro, porque têm uma base efêmera, transitória, por ser simplesmente matéria sem espírito. Onde é que iremos parar com uma sociedade em que as pessoas se orientam pela prepotência e por teorias em formas de chavões, e clichés mercantilistas, sem a mínima capacidade de análise e compreensão de fenômenos humanos?

Enquanto as pessoas não começarem a deixar as mesquinhices e passarem a ver que nada é eterno, principalmente o material, e que qualquer posição que ocuparem é transitória, nada avançará. Porque existirá sempre o perigo da apropriação e do egoísmo que destroem alguns dos valores mais puros da existência: a benevolência, a tolerância e o altruísmo.

Um outro fenômeno que grassa na nossa sociedade tem a ver com os sábios dos cafés, que, de forma estulta e gratuita, vão debitando os seus pseudo saberes sobre tudo e sobre todos, com ar de especialistas, sem contudo possuírem bases e argumentos para as suas apreciações e juízos. Na maioria, são potenciais artistas, ou “personalidades”, frustradas que, por despeito, encontram uma forma de sublimação na apreciação (depreciação) dos outros como forma de se afirmarem e de compensarem os traumas, com uma terapia, pela negativa, de autoestima.

O pior é que, na maioria dos casos, falam de assuntos em que são ilustres ignorantes e nem tentam investigar um pouco para terem o conhecimento necessário que lhes permita uma intervenção mais ponderada e válida. O que lhes interessa é mostrarem que sabem, dando ares de que são conhecedores e autoridades nos assuntos que abordam, fazendo juízos de valor, que são perfeitas heresias. Infelizmente, essa raça de aves de rapina, e de capoeira, existe na nossa sociedade em abundância.

Mas, enfim, o importante, nessas coisas, é cada um fazer o que tem a fazer e deixar os parasitas destilarem a sua bÍlis pelos becos e vielas escusas do nosso quotidiano, onde são reis de coisa nenhuma.

O que temos a fazer, nós que, de facto, nos sentimos comprometidos com a arte e a luz da vida, é trabalharmos cada vez mais e fazermos o que gostamos de fazer, sem pensar nesses energúmenos que tentam atrapalhar a nossa jornada e iluminação. É preciso seguirmos a máxima de um poema de Goethe *“A vida de um homem – que é? Porém milhares podem/ Falar desse homem, daquilo que fez e como o fez. / Menos ainda é um poema; contudo mil podem gozá-lo, /Milhares censurá-lo. Amigo, continua pois a viver e a fazer os teus poemas.”*

E é exatamente o que estamos a fazer neste número da SOCA Magazine dedicado à escritora Carlota de Barros, Membro da ACL, que já tem uma vasta obra publicada e apreciada por muitos. ■



# ***Uma escrita de lírica lira***

# CARLOTA de Barros

## *A autora, a obra*

Por: Germano Viana Xavier

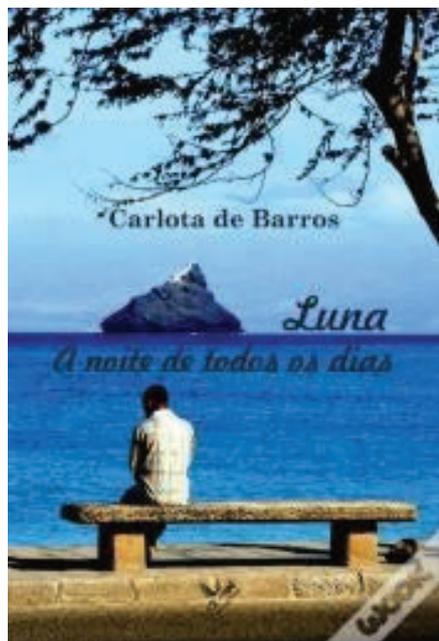
**C**arlota de Barros Firmino Areal Alves é uma contista, poeta e romancista cabo-verdiana, natural da ilha do Fogo. Foi professora e líder associativa da comunidade cabo-verdiana na diáspora. A sua biografia consta da badana do livro, cuja foto se anexa à presente ficha de leitura.

Sou leitor atento da sua obra há alguns anos e em vários géneros literários. Creio ser importante sair dos *sentiers battus*, ou seja, ir para além dos eventuais cânones e lembrarmos-nos de que os cânones de hoje, porventura, não o foram no passado. *Sentiers battus* é aliás uma expressão de que gosto particularmente porque se refere a caminhos já percorridos e exaustivamente explorados e conhecidos. Nestas circunstâncias, transpondo o conceito para a literatura, temos a certeza que a obra já tem provas dadas e foi estudada por todos os ângulos. Mas se nos restringirmos a esses caminhos palmilhados por tantos leitores, críticos e académicos, não avançamos no conhecimento do nosso tempo, no encontro

com novas culturas, realidades, pontos de vista, diferentes sensibilidades e estilos literários.

Parece-me importante estarmos mais atentos à literatura contemporânea, não obstante o facto de existir, nos nossos dias, uma produção literária muito extensa, que não permite acompanhar tudo o que se vai escrevendo. Ao ousar traçar caminhos novos, como leitores, talvez estejamos a olhar hoje para as obras que no futuro serão lembradas. Quem sabe? Esta pequena nota dirige-se sobretudo a leitores não cabo-verdianos, pois que, tanto no seu país de origem como junto da diáspora, Carlota de Barros goza há muito de uma reputação sólida nos meios literários. É uma autora que vem conquistando um público cada vez mais alargado.

Carlota é Cabo Verde mas também é Portugal, mundo e lusofonia. As suas raízes têm múltiplos matizes, que percorrem a língua portuguesa e a língua cabo-verdiana. E o nosso idioma fica mais belo quando atravessado pelo seu lirismo, inocência, alegria e leveza. ■



CARLOTA É CABO VERDE MAS TAMBÉM É PORTUGAL, MUNDO E LUSOFONIA. AS SUAS RAÍZES TÊM MÚLTIPLOS MATIZES, QUE PERCORREM A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA CABO-VERDIANA

## Carlota de Barros

### A autora, a obra

Por: Adriano Miranda Lima

**C**arlota, a tua alma sensível precisa volta e meia de contar estes segredos para aliviar o peso da saudade. Todos nós acumulamos a vida inteira sentimentos, experiências e recordações, mas só alguns têm o condão e a arte de transformar a memória em intuição capaz de segurar o fluxo do tempo e reter a vida. Contas o teu segredo com belas e sentidas palavras que não precisam de metáforas, metonímias e outros recursos de linguagem para adensar a carga poética. Direi que a tua mensagem dispensa descodificações complicadas, ela é de efeito epidérmico, é sentida com a mesma veemência tanto pelo coração sofrido como pela alma que ainda se abre em flor.

Mas não se pode associar a evocação da memória a qualquer sentimento de finitude, de algo que o tempo levou e agora só resta sentir o seu frêmito longínquo sabe-se lá onde. A vida é um confronto entre a materialidade e a consciência, sendo a primeira necessidade reconhecida e determinada, e a segunda algo que, segundo Hegel, é liberdade e reside entre a superação e a transcendência. A consciência deve assim transportar permanentemente o reflexo da realidade vivida e que se vive, e penso que isto nos deve dar a ilusão de um tempo sem marcos e sem limites. É isso produto da consciência, que não se sabe o que é mas apenas que se julga possuir.

Quando eu estava a escrever este comentário, vi na televisão um esboço de ensaio da última peça da Eunice Muñoz (93 anos), com uma neta. Corpo já marcadamente envelhecido, mas consciência ainda viva e em busca de unir o tempo num mesmo ponto de realização humana.

Sinto que a Carlota ainda lá está “na enorme casa ancestral do Tantchon, onde morou e que tanto amou”. Como poderia extinguir-se tanto amor? Ainda sinto o odor da brilhantina Yardley na cabeça do meu pai quando, numa madrugada, aos meus 6 anos, me pegou ao colo e rapidamente me transportou ao Hospital, acometido de pneumonia. Não é um acontecimento de exaltação saudosa, mas de um dos muitos da imensa teia em que a vida se faz de acasos, encontros e desfechos. Como extinguir-se o amor entre pai e filho?

As minhas felicitações, Carlota. ■



**Resumo:** A narrativa de Carlota de Barros, à qual me abstenho, por ora, de apor uma etiqueta, seduz desde logo pela belíssima capa da autoria do conceituado artista plástico cabo-verdiano David Levy Lima, que o pintor batizou com o nome “Cumplícidades”. O livro inclui igualmente Ilustrações da própria autora, intercaladas com o texto, as quais são objeto de um índice à parte. Poderiam até ser da autoria da protagonista, uma vez que se referem, maioritariamente, aos seus amigos de infância e núcleo familiar alargado, à casa de família, às papoilas e aos pássaros de Nimundo, a objetos e a locais simbólicos para a pequena Lis (“passarinho livre azul”, que gostava de tocar flauta e de voar nas asas da sua bicicleta).



É curioso notar que desta vasta lista de retratos a carvão não consta nenhum adulto, o que nos sugere que o ambiente representado é o pequeno mundo construído por Lis e os seus pares, um espaço de liberdade e construção de identidade, que inclui mais do que a casa familiar.

A história decorre algures na segunda metade do século XX, sem que sejam especificadas datas concretas. No entanto, pela referência à luta de libertação das antigas colónias portuguesas (posteriormente designadas por províncias ultramarinas) e a menção explícita de alguns locais em Angola, arriscaríamos situá-la na década de 60 do século XX, no que se refere à quase totalidade da narração, dividida em vinte e quatro capítulos, seguidos de um epílogo.

O cenário predominante é *Nimundo*, uma região em Angola que adivinhamos próxima de Cassanje,



## HÁ UMA MIRÍADE DE PEQUENAS HISTÓRIAS BEM URDIDAS E CONTADAS DENTRO DA NARRATIVA CENTRAL, COMO UMA MANTA DE RETALHOS SOLIDAMENTE COSIDA ONDE TUDO FAZ SENTIDO

descrita como uma terra muito rica, rodeada de montes, frio seco, propensa ao cieiro, de terra vermelha, com cascatas e matos, um pouco afastada da “cidade”. *Nimundo*, terra ficcionada, ou talvez não... Depreendemos que o espaço assim identificado corresponderia a uma zona de Angola algures entre Malanje, a Lunda Norte e a Lunda Sul. *Nimundo*, ainda que real (com outro nome), poderia representar um território de evasão e de sonho, construído no imaginário da pequena Lis, a qual, desde muito jovem, revelou um invulgar talento para a poesia e viria aliás a confirmar-se como escritora.

Outros países e locais fazem parte da narrativa, ainda que apenas mencionados de passagem ou recordados, sobretudo pelos adultos. É o caso, essencialmente, de Cabo Verde e de várias das suas ilhas, de Portugal, que na época era a *metrópole*, e ainda da

cidade do Cabo, na África do Sul. “A família de Lis tinha vindo das ilhas de Cabo Verde para Nimundo, ela apenas com cinco anos”.

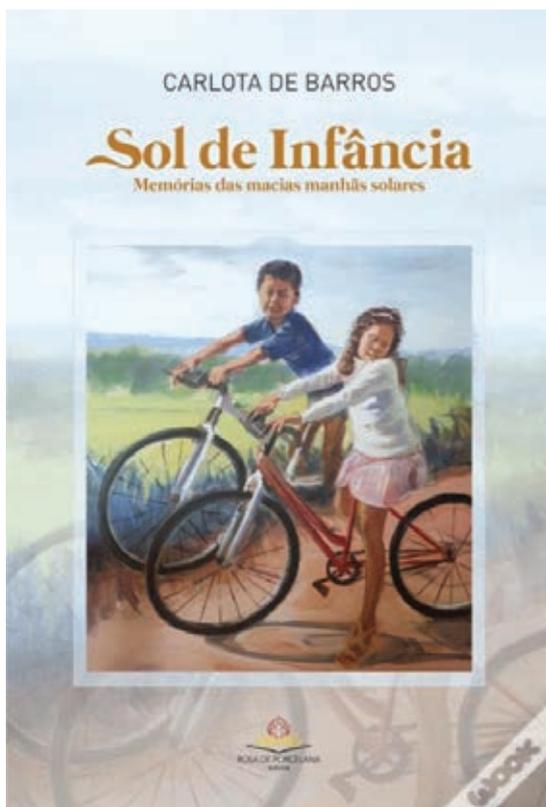
Cabo Verde é o lugar de lembranças, a raiz, a terra-mãe, a saudade. A sua História, os seus costumes, desde os seus primórdios, a geografia, o mar e o céu, o sentimento coletivo e identitário de pertença, bem como apontamentos pontuais de gastronomia (como *A Djagacida* – prato principal da ilha Brava), são amplamente destacados. Está sempre subjacente o apego à terra natal e a forte ligação a um espaço físico e a uma cultura muito vinculada.

Durante a maior parte da narrativa, a menina terá entre os onze e os doze anos, o que nos serve de guia temporal para muitos relatos. Do encadeamento de histórias, centradas na família de Lis, fazem parte, como personagens de maior relevo, os pais, Mariana e André, único médico da terra, Maninha, uma doce parente idosa que os acompanha, os irmãos mais velhos, Marcela e Guilherme e respetivas ligações amorosas, Rui e Zhara, e os seus numerosos amigos, cheios de curiosidade pelo mundo, quimeras e sede de conhecimento.

Com estes amiguinhos (Manuela, a melhor amiga, que sonha ir para a Austrália e estudar Veterinária, Kari, a determinada e corajosa menina-mulher de causas, Carlos, o afetuoso amigo que simboliza a promessa de uma amizade romântica, assumida como um pacto, Carol, Zé, Tina, Dina, Anita, Samuel, Dick...), Lis vai partilhar atividades e brincadeiras que envolvem passeios de bicicleta, a relação com a natureza, as tempestades, a vida ao ar livre sem a ditadura do relógio, conversas sobre assuntos plausíveis para aquela faixa etária (pré-adolescência) e outros temas mais *adultos* e profundos, inclusive ideias e planos de ação concretos determinantes para o futuro.

Para compor o *elenco*, ainda que quase como figurantes, lembremos ainda alguns empregados da casa e da família, Jorge, Manuel e José e conhecidos da terra, referidos superficialmente. Mais relevantes serão os exóticos animais de estimação de Lis, Bela, Ezequiel e Ísis, que são insistentemente convocados para o desenrolar das peripécias juvenis, mais até do que os animais domésticos da família, o gato, os Lobos da Alsácia, os patinhos, os pintainhos e as pombas. Quase todos eles têm nomes e assim são referidos de forma exata, o que lhes confere uma espécie de personalidade que encontra justificação no ambiente e na intensidade das aventuras relatadas.

Há uma miríade de pequenas histórias bem urdidas e contadas dentro da narrativa central, como uma manta de retalhos solidamente cosida onde tudo faz sentido. Histórias paralelas e ramificações. Maninha e a sua *grande história de amor de juventude* (ou a sua história sobre *o grande amor da juventude*), sempre lembrada e glorificada, apesar dos contornos sombrios. Os devaneios de Lis sobre a casa cor-de-rosa. Algumas tradições da ilha de S. Nicolau, nas narrativas de Maninha, exímia contadora dentro do *romance*, que afinal seria mais próximo do *conto*, como justificado pelo Professor Doutor Alberto Carvalho no prefácio da



## SOBRE A TRAMA DO LIVRO E AS SUAS MÚLTIPLAS DERIVAÇÕES, TRATA-SE DE UM CONJUNTO DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA, ONDE SE ADIVINHAM ALGUMAS NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS (A VEIA POÉTICA DA PROTAGONISTA, A PROFISSÃO DO PAI, OS OLHOS VERDES DA MÃE...) OU FOR

obra. Uma classificação que obedece a determinados critérios que o prefaciador detalha na sua explanação.

Detalhe muito curioso desta obra é também o facto de cada um dos vinte e quatro capítulos começar com um excerto de um poema de um autor diferente, sendo grande parte deles muito representativos da poesia de Cabo Verde, embora também estejam incluídos outros poetas, maioritariamente de países de língua portuguesa<sup>1</sup>. No desenvolvimento de cada capítulo, Carlota introduz, com mestria e subtileza, uma estrofe ou uma pequena passagem de cada texto.

Sobre a trama do livro e as suas múltiplas derivações, trata-se de um conjunto de memórias de infância e adolescência, onde se adivinham algumas notas autobiográficas (a veia poética da protagonista, a profissão do pai, os olhos verdes da mãe...) ou fortemente inspiradas em acontecimentos e pessoas reais. A obra dá voz a severas críticas ao colonialismo, sublinhando várias das suas facetas mais ignóbeis, como o racismo explícito e punições arbitrarias – e desproporcionadas – infligidas aos naturais da terra; racismo personificado aqui pela jovem Daniela, e ilustrado pelos castigos de que é alvo Moisés. Práticas revoltantes que lembram a escravatura e explicam com realismo o estatuto de “indígena” assim como as limitações que daí advinham.

1 Capítulo I, Eugénio de Andrade, II, Madalena Brito Neves, III, Teixeira de Pascoas, IV, Ovídio Martins, V, Rui de Noronha, VI, Mia Couto, VII, Vera Duarte, VIII, Oswaldo Osório, IX, Ana Sofia Paiva, X, Filinto Elísio, XI, Rupi Kaur, XII, Alma Dofer Catarino (um dos nomes literários de José Luís Hopffer Almada), XIII, Luísa Fresta, XIV, José Luiz Tavares, XV, Dina Salústio, XVI, Raquel Melo Duarte, XVII, Delmar Maia Gonçalves, XVIII, Carlos Santa Rita Vieira, XIX, Regina Correia, XX, José Luís Peixoto, XXI, Danny Spínola, XXII, Arménio Vieira, XXIII, Teobaldo Virgínio e XXIV, Paulo Martins.

## A AUTORA DESCREVE COM DELICADEZA O SENTIMENTO DE DESAMPARO DE QUEM FICA SEM NOTÍCIAS DE AMIGOS, DE AFETUOSAS RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA, CUJO RASTO SE PERDE; COMO SE DESVANECEM OS AMORES NA LONJURA DA EMIGRAÇÃO

Mas também se enfatiza a solidariedade, a condenação do preconceito e das injustiças sociais, assim como a luta anticolonial na clandestinidade associada ao processo revolucionário nas ex-colônias. O papel das elites e da juventude é objeto de descrições emotivas e de rara beleza. Aqui se reflete sobre a renúncia, a entrega a uma causa, sente-se a abnegação e o conflito de lealdades, a tensão psicológica. Família, amor, casamento, justiça histórica e social. Qual deles tomará a dianteira?



Veremos como o dever para com os nossos semelhantes, para com a cultura de origem (que pode conduzir a separações temporárias dos entes queridos, a ruturas, com um pesado custo para a paz familiar, ainda que provisórias) irá sobrepor-se, desde a conceptualização até à prática, consubstanciada por um espírito de missão.

Nos meios pequenos, periféricos e recônditos, à época, o médico era muito respeitado mas também era frequentemente obrigado a assumir responsabilidades muito além da sua formação como clínico. Assim era no “Posto Hospitalar de Nimundo” onde o Dr. André tentava atender os pacientes com os meios locais e fazer a necessária triagem para o que não era tratável localmente. Esperava-se que fosse polivalente, e fizesse do exercício da medicina um sacerdócio. Que gerisse a doença com objetividade e rigor mas sobretudo o doente, com humanidade.

A nota mais dramática neste contexto surge quando é obrigado a intervir junto da sua própria família, numa situação de emergência médica. O estado anímico pode facilmente comprometer a objetividade do clínico e o leitor viverá, certamente, momentos de angustiante expectativa.

Despojos de guerra poderia ser o subtítulo do epílogo. Quase tocamos o rasto de destruição deixado pela guerra com cheiro a cinzas e ouvimos o eco da voz da revolta, com o timbre de uma prolongada opressão, humilhação e sujeição das gentes da terra. Esta última parte da obra responde a algumas conjecturas naturais na mente do leitor. “Um dia voltaria a Nimundo, terra livre e independente, aos campos, à ‘Árvore da Saudade’, aos amigos que tivessem resistido à guerra, à sua casa”.

Ao cabo de alguns anos (o horizonte temporal é apenas subentendido), sendo a protagonista já adulta, onde andarão os amigos de Lis? O que terá acontecido com a casa de família, como se mantêm as figuras e os locais simbólicos para a pequena Lis, os amigos imaginários (Alexandre, Bia) e a “Árvore da Amizade” convertida em “Árvore da Saudade”?

A autora descreve com delicadeza o sentimento de desamparo de quem fica sem notícias de amigos, de afetuosas recordações de infância, cujo rasto se perde; como se desvanecem os amores na lonjura da emigração, nas separações prolongadas involuntárias, qual é o sabor do “exílio” de muitos cabo-verdianos, povo viajero por natureza e destino. Como diz o Dr. André: “O destino do cabo-verdiano é emigrar para melhorar a vida e ajudar a família a progredir”. ■



# Sonho Sonhado:

*uma poesia de melancolia  
e leveza lírica radicada  
na diáspora e no chão  
sensível da alma*

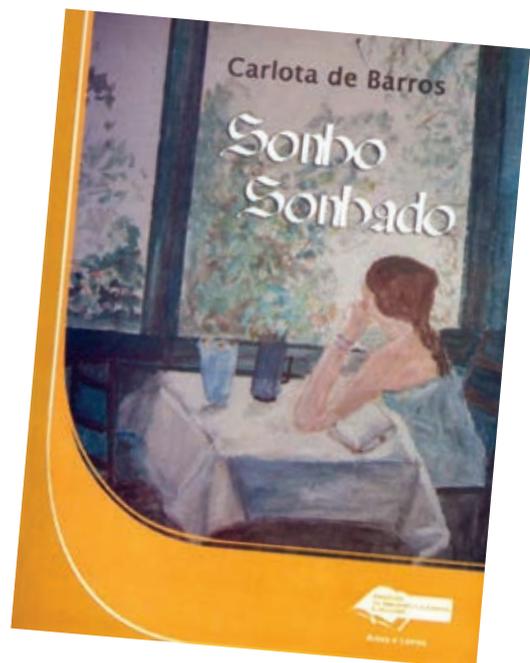
Por: José Luís Hopffer Almada

(...) A finalizar este breve excuro à poesia de *Sonho Sonhado*, assinale-se que, em traços gerais, a mesma pode ser caracterizada como uma poesia que emana de uma sensibilidade primordialmente radicada na diáspora.

Essa característica denota-se não só nos poemas de estrita temática diaspórica, mas também em duas outras dimensões fundamentais:

Primeiramente, aquela que evola do olhar cosmopolita de quem estando e situando-se no vasto mundo habitado pela sua alma habituou-se a ver esse mesmo mundo como lugar seu legítimo e os seus habitantes como seus semelhantes e próximos na auscultação dos rumores e dos mananciais todos da humanidade.

A segunda dimensão dessa sensibilidade radicada na diáspora detecta-se no olhar que lança sobre as ilhas. Olhar de quem regressa depois de longa separação da terra-mãe, de iniciais estranheza e choque, de ulterior entranhamento nas coisas da terra, como nos poemas “O silêncio dos poetas” (“acabo de chegar ao lugar/onde tudo é real (...), “Regresso à terra” (muito conseguido e especialmente tocante na sua versão em crioulo de São Nicolau: “Estás só/De longe avistas a Vila/aberta ao sol/de Agosto (...) /ninguém te conhece/não conheces ninguém (...) Bô sta bu só/dakel ólt/bô ta odjã Stanxa/abrid diant d’ sol/d’ mês d’ Ágost (...) ningen ta konxeb/ bô ka ta konxê ningen (...), “Seca” (“Não gostaria de ter visto/a seca a crescer/a boa terra a gretar (...) /mas vi”). Olhar sobre o povo das ilhas e as suas agruras e as suas imaginadas ou reais potencialidades lançado a partir de um lugar situado na terra-longe, mesmo quando se trata de um olhar presente e efectivamente regressado à terra-mãe, pois



que, também neste caso, é a terra-longe o lugar da distância que tornou possível preservar o tempo anterior à visão da devastação actual e, assim, permitiu conservar as imagens de outrora, do *perdido paraíso das águas* (na expressão do poeta Nzé de Sant’ y Ago) e, assim, possibilita a transfiguração da aridez dos sentimentos e das coisas em nostalgia regeneradora desses mesmos sentimentos e coisas mediante a contraposição entre o passado das coisas vivas e a sua ruína actual, como se pode constatar no poema “Seca”, ou em tempos vindouros mais auspiciosos, neste caso mediante a mobi-

lização dos recursos otimistas da esperança e do onirismo, como no poema “Sem o rumor das lágrimas”, por vezes também mediante a abordagem onírica/escapista do poema “Se o mar fosse milho”, ou uma aproximação evasivista/pasargadista, como ilustrada no poema “Sonhei uma ilha”, ou finalmente, mediante o reencontro com a fraternidade do abraço amigo e acolhedor como no poema “Regresso à terra” (“estás só/ (...) ninguém te conhece/não conheces ninguém/ (...) mas/algém toca-te/um abraço familiar/uma gargalhada sonora/a tua alma alegre-se/nada mais te dói/a terra acolhe-te/sorri hospitaleira”) e a recordação do afago carinhoso, como no poema “Alma Solitária” (“A velha Antónia/ensandeceu/vagueia pelas ruas da nossa Vila/entoando em voz melódica cadenciada/cânticos e aleluias ao Senhor e à Virgem Maria (...) comove-me esta mulher/das ilhas/o meu coração magoado/corre a confortá-la/e solta no ar um beijo/de ternos carinhos/pobre Antónia/ que ensandeceu/doce alma solitária/que um dia sorriu-me feliz”).

Concluindo: o livro *Sonho Sonhado* e as suas outras versões em crioulo e em inglês integram um conjunto de cinquenta e três poemas (textos em verso livre) e dois textos em prosa poética, ambos dedicados ou elaborados em homenagem ao poeta Eugénio de Andrade e à sua obra poética.

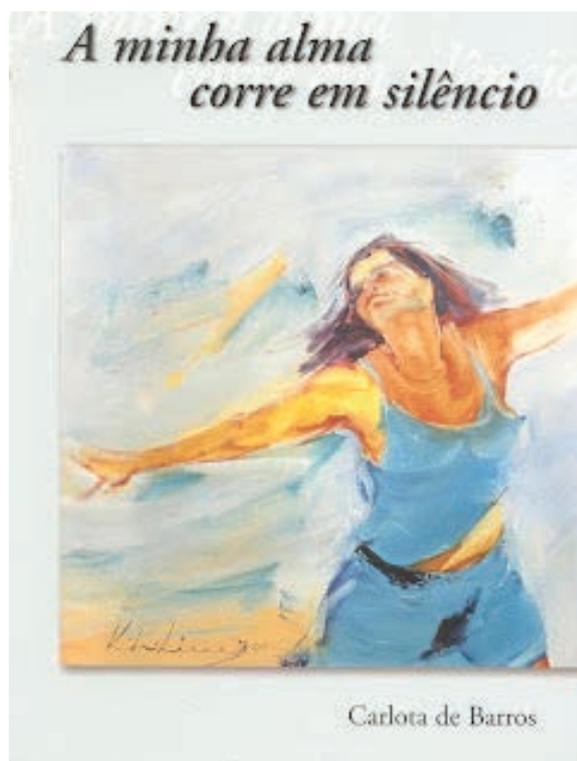
Ressalta, desde a primeira leitura dos poemas e dos dois textos em prosa poética, o intenso lirismo

e a indeclinável suavidade que os perpassam e, aliás, têm caracterizado a maior parte da poesia de Carlota de Barros, incluindo aquela constante dos dois livros anteriores (*A Ternura da Água* e *A Minha Alma Corre em Silêncio*). Creio serem essa ternura lírica e essa melancólica suavidade, essa contagiante amabilidade do olhar que concedem à poesia de Carlota de Barros um lugar singular no geral panorama literário caboverdiano contemporâneo.

Como é por demais sabido, o panorama actual das letras caboverdianas tem-se caracterizado por uma grande diversidade de estilos literários e de correntes estéticas, podendo-se até afirmar que, do mesmo modo que “*cada criatura humana é uma raça*”, no dizer original aproximado de Mía Couto e no sentido de cada um (de nós e dos nossos semelhantes) ser portador singular da sua pessoalíssima e intransmissível humanidade, na hodierna literatura caboverdiana cada poeta é, em si, uma estética e uma corrente estética, o que, a ser verdade, contribui sobremaneira para o aumento da diversidade formal e temática e, assim, da riqueza da nossa já mais que secular literatura, dada a exiguidade do país e das suas populações, mesmo se considerado o nosso índice *per capita* de poetas e escritores e, sobretudo, de bons poetas e escritores e as suas extensões por todas as nossas diásporas espalhadas pelo mundo. Diásporas essas, aliás, sublinhe-se de novo, literariamente assaz produtivas como comprovam as obras produzidas em longes terras por Guilherme Dantas, Manuel Lopes, António Nunes, Aguinaldo Fonseca, Nuno Miranda, Teobaldo Virgínio, Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Yolanda Morrazzo, Orlanda Amarílis, Maria Margarida Mascarenhas, João Manuel Varela, Mário Fonseca e, entre os muitos e profícuos integrantes das gerações pós-independência, Carlota de Barros.

Na verdade, uma das mais evidentes conquistas da nossa independência política e dos nossos mais recentes tempos de produção cultural, foi a firme ancoragem no nosso solo artístico e nas nossas mentalidades de artífices da palavra ciosos da liberdade de criação cultural e dos seus irrestringíveis mandamentos do pluralismo estético e dos correspondentes reconhecimento e legitimação estético-ideológicos das mais diferentes escolas literárias e das mais diversas estirpes e oficinas poéticas, mesmo se aparente e quantitativamente tendendo à precariedade, porque suportadas por escassíssimos cultores e por um reduzido e ainda menor número de epígonos.

A leveza lírica, a amável doçura, a suave ternura e a onírica melancolia que perpassam e impregnam a grande maioria dos poemas de Carlota de Barros contribuem sobremaneira para a diferenciar da restante





É CERTO QUE TAMBÉM  
EM CARLOTA DE BARROS  
SE RECORRE A ESSES  
ESTRATAGEMAS DE  
EXPRESSÃO DA REVOLTA E DE  
ENUNCIÇÃO DA DENÚNCIA.  
PARA O COMPROVAR ESTÁ AÍ  
O POEMA “O POVO DAS ILHAS”,  
DE CRÍTICA SOCIAL E DE  
VIRULENTE INTERPELAÇÃO DOS  
PODERES INSTITUÍDOS PARA A  
SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO  
POVO DAS ILHAS

poesia caboverdiana mais próxima dos nossos tempos, incluindo de grande parte daquela cultivada por outras mulheres, como Yolanda Morazzo, Vera Duarte, Ana Júlia Macedo ou Dina Salústio, por vezes catalogada como escrita feminina, outras vezes exaltada como escrita feminista, por nós recorrentemente denominada escrita no feminino.

Como é sabido, quiçá motivadas pelas pugnas de emancipação social, política e humana, incluindo por aquelas mais atinentes à condição e ao género femininos, as autoras acima referidas optaram, as mais das vezes e sem prejuízo da relativa diversidade temática e formal do seu estro poético, pela maioritária utilização de uma linguagem contestatária, de teor amiúde virulento, mesmo se por vezes também marcada pelas pan-

fletárias lamentações do choralutismo e pela nostálgica amargura que evolva da sofrida humanidade dos seres humanos retratados. A mesma linguagem de *irritada postulação da fraternidade*, no dizer de Aimé Césaire e retomado por Mário Fonseca, também se detecta na grande maioria dos poemas de pulsão amorosa das poetisas acima referidas, muitas vezes também eles delirantes e desvairados, em suma *apaixonados* no desferimento da palavra amorosa e *tesa* (no sentido obviamente de *excitada*).

Parecendo retornar à simplicidade das coisas simples da nossa terra, às cenas quotidianas, amiúde banais, frequentemente retratadas na poesia de Jorge Barbosa, da qual, aliás, se aproxima pela abordagem chã, por vezes crua, por vezes amorosa, de alguns temas telúricos mediante a utilização de uma linguagem nua (infelizmente, demasiado nua nalguns casos) no seu fraterno e despojado humanismo, a poesia de Carlota de Barros demarca-se todavia nos seus momentos de maior autenticidade humana e de mais apurado consequimento estético da poesia cultivada pelo grande vate claridoso do evasionismo e das humildes ressonâncias das coisas e dos seres das nossas ilhas outrora resignadas ao seu secular destino de abandono, por nele (no sacrossanto vate claridoso) ser mais evidente a trágica dimensão do modo de abordar e das coisas abordadas, enquanto que na poetisa, não obstante a presença de alguma tragicidade, sobreleva a amorabilidade e o suave lirismo do olhar que, deste modo e como referido anteriormente, logram muitas vezes transmutar a tragédia em funda nostalgia e contagiante melancolia. Em Jorge Barbosa, assiste-se *in loco* do olhar dilacerado à quotidiana miséria, testemunha-se as sequelas contemporâneas de *meio-milénio de desventura*, convive-se com a desolação e com a tragédia das devastadoras fomes, indaga-se a morte nos corpos esfaimados e moribundos das vítimas das secas, interpela-se os poderes dominantes na metrópole de então e os mandarins da província/colónia que fomos, por vezes de forma ironicamente reverente e reverencial, conclamando o abandono, a incúria, a desfaçatez dos poderes instituídos, interrogando a história, compenetrando-se dos ditames da misericórdia cristã, narrando e descrevendo por vezes de forma minuciosa, mas quase sempre fomentando a irrupção da comoção mediante a trágica encenação que, afinal, é pura escrita da factual presença das tragédias constatadas *in loco* do inominável e interminável sofrimento. É certo que também em Carlota de Barros se recorre a esses estratagemas de expressão da revolta e de enunciação da denúncia. Para o comprovar está aí o poema “O povo das ilhas”, de crítica social e de virulenta interpelação dos poderes instituídos para a solução dos problemas do povo das ilhas, designadamente da Brava

e de São Nicolau (“O povo das ilhas/pede terra para lavrar/e espera que lhe dê milho/para semear/o povo das ilhas veio de longe/e confiou a sua alma/às tuas promessas/não atraíções/ com palavras vãs (...).” Sintomaticamente dedicada à memória de Ovídio Martins, ressalta todavia o nítido parentesco deste poema com “Um poema diferente”, de Onésimo Silveira.

Contudo, em Carlota de Barros, a compaixão que nasce do confronto com as situações de subjugação e de anomia social e com os estados de sofrimento das criaturas humanas sublima-se amiúde em melancolia mediante a convocação quer de um passado mais auspicioso, entranhado na fraternidade e na rememoração das águas paradisíacas que banharam a sua infância e o passado das ilhas (*a ternura da água*, da linguagem da poetisa), quer das potencialidades primevas e primaveris de um olhar fraterno e amável (mesmo que de forma imaginária ou sublimada) sobre as coisas e os seres humanos que as tecem e refazem ou delas são vítimas quase predestinadas, como no poema “Alma Solitária” e em outros poemas do mesmo quilate compassivo e de idêntica sensibilidade, referidos anteriormente. Essa característica da arte literária de Carlota de Barros é também particularmente evidente nos poemas de expressão do amor, obviamente de cariz mais lírico. Mas é também evidente nos poemas de cariz telúrico, sobretudo quando a linguagem não se prende em demasia às armadilhas do versilibrismo, como se verifica em alguns (felizmente poucos) poemas, e, por isso, se torna refém de uma linguagem demasiado directa, prosaica e coloquial, sem todavia lograr atingir os efeitos de

comunhão e comoção estéticas amiúde induzidas, por exemplo, pela aparente simplicidade de meios estéticos e pela narratividade factual da poesia de Jorge Barbosa. A mesma leveza terna e melancólica envolve igualmente os poemas de revolta e de consternação de Carlota de Barros ante a guerra, a miséria e outros males do mundo contemporâneo, se bem que nalguns poemas incidentes sobre estas odiosas problemáticas se detectem os constrangimentos formais acima referidos para alguns poemas de feição telúrica. Tal ocorre quando e na medida em que a abordagem se torna demasiado crua, sobretudo quando a poetisa opta por renunciar à utilização dos meios próprios da linguagem literária específica da arte da poesia, contaminando-se assim essa poesia de um teor mais panfletário, mesmo se politicamente correcto ou exactamente por causa disso. Nesses casos, parece emanar o poema não da autenticidade sensível da alma humana tocada pela dor e pela compaixão, mas de um imediato estado de necessidade, que se quer mais vociferante do que pungente na urgência em expressar a consternação rebelde e a revolta política, à semelhança, aliás, e de modo quase idêntico aos demais circunstantes (incluindo os activistas políticos e os rebeldes profissionais da alterglobalização) da turbulência que assola as periferias das grandes cidades (incluindo de países mais desenvolvidos) e as vastas extensões terceiro-mundistas do nosso planeta e das advenientes injustiças e tragédias contemporâneas, infelizmente assaz banalizadas pela sua excessiva e anestesiante mediatização.

Como já referido, a poetisa assume num poema em verso e em dois textos em prosa poética constantes



CARLOTA DE BARROS QUIS  
TOMAR EMPRESTADO AO  
SEU POETA AMADO (COMO,  
ALIÁS, OCORRE DE FORMA  
QUASE IDÊNTICA, PORQUE  
EM MENOR MEDIDA, COM  
O ALGO QUE TAMBÉM  
TOMA DE SOPHIA DE MELO  
BREYNER ANDRESEN PARA  
O TRANSGURAR



## SENTIMO-NOS LEVES, A MAIS DAS VEZES, AO LERMOS A POESIA DE CARLOTA DE BARROS. SENTIMO-NOS ENTRANHADOS DO LIRISMO QUE HABITA GRANDE PARTE DOS SEUS POEMAS

de *Sonho Sonhado* a força demiúrgica e inspiradora que a poesia de Eugénio de Andrade exerceu e vem exercendo sobre a sua verve literária e a sua oficina poética, convocando as obras do insigne poeta português, mas sobretudo convocando a sensibilidade e o estilo característico desse grande poeta lusógrafo, como se nota da seguinte citação do texto em prosa poética “Pensamentos feridos para um poeta muito amado:” a ti devo todas as sílabas dos meus versos, toda música, a luz, o oiro, o ardor dos meus simples poemas. A ti devo este amor solar pela poesia, esta ternura de orvalho pelos búzios, pelas pedras, pela respiração do vento, pela música sublime do silêncio das estrelas (...) Chamam por ti *os poetas da chuva, da memória dos dias, dos sulcos de sede. Têm pássaros fechados na mão*”. No mesmo texto, fazem-se referências a *laranjas maduras, fulgor das maçãs, brancura da cal, à beira de ser água* e outros signos e imagens característicos da escrita e das obras de Eugénio de Andrade, cujas mãos, no dizer de Carlota de Barros, “soltam música e silêncio no coração do mundo”.

Procede-se do mesmo modo em “No teu aniversário” e “Última Carta para Eugénio de Andrade” remetendo-se expressamente para os títulos de obras do poeta da casa da Foz como *as mãos e os frutos* e *ostinato rigore*.

Conclua-se com esta citação de “Última Carta a Eugénio de Andrade”: “Ouço-te no silêncio do orvalho sobre o coração da terra, como o som harmonioso das primeiras chuvas sobre as telhas. Vejo o teu olhar de criança escutando a respiração vagarosa dos montes, imaginando a delicadeza da flor da água que não chegaste a saber como era (...) Como disseste na elegia a Che Guevara, digo-te também: “cada palavra tua é um homem de pé”. E digo-te mais: “Cada palavra tua é a verdade, é o amor, é um bago de cristal puro na guerra dos mundos”.

Creio residir na força inspiradora desse estilo e da sua escrita enxuta, plasmada na força elementar dos sentimentos, na transparente essência das coisas primordiais, na sua (ir)reflectida palpitação nos seres e nas cores solares do dia o que de mais positivo Carlota de Barros quis tomar emprestado ao seu poeta amado (como, aliás, ocorre de forma quase idêntica, porque em menor medida, com o algo que também toma de Sophia de Melo Breyner Andresen para o transfigurar com a suave força da sua palavra sensível na mais autêntica amorabilidade, certamente bafejada também pela lira de Eugénio Tavares).

Sentimo-nos leves, a mais das vezes, ao lermos a poesia de Carlota de Barros. Sentimo-nos entranhados do lirismo que habita grande parte dos seus poemas. Sentimo-nos comovidos com os poemas, sentimo-nos comovidos com os seres que neles deambulam os seus estados de alma, sentimo-nos comovidos conosco que os acompanhamos nos poemas porque sentimos que também esvoaçamos com as brisas e as asas que fazem pairar a sua alma sobre as coisas simples, sobre as breves vicissitudes, sobre os sentidos perfumes, sobre as comoções e os espantos todos que perfazem o mundo da sensibilidade humana e testemunham a perenidade e a beleza do mundo natural dos seres humanos, mesmo quando conspurcados e despojados da razão, dos seus direitos mais elementares e, assim, das bases de uma existência sustentada na dignidade.

Ainda mais quando bebemos essa poesia nas nossas duas línguas de labor literário, o crioulo caboverdiano e o português, ainda quando nos sabemos acompanhados pelos nossos semelhantes leitores da versão dos poemas em inglês. ■



# PEDRO MORENO

Por: Danny Spínola

## Num dedilhar sereno

*Com formação musical erudita, Pedro Moreno, o músico que se dedicou por inteiro à alma da guitarra por não ter podido seguir os apelos da gaita (que seria a sua lembrança paterna), é o escolhido para este número da revista Soca Magazine. Esta entrevista, que ora publicamos, é o rescaldo de uma conversa que teve connosco no programa televisivo Finason di konbersu.*

**P**edro Moreno, para começar, fala-nos um pouco do teu percurso, para que as pessoas possam te conhecer melhor. Creio que fica mais interessante, talvez, falares de ti mesmo. Parece-me, que não começaste como muitos músicos que começaram desde a infância, desde pequeno?

– De facto, comecei com a música quando já estava crescido. Na verdade, desde pequeno tinha vocação para a música, talvez por ter encontrado a música em casa.

O meu pai tocava gaita. Creio que se tivesse tido oportunidade, em vez de guitarra, seria a gaita que tocaria, porque sempre gostei muito.

– Não chegaste a aprender gaita quando eras pequeno?

– Não, não cheguei a aprender gaita, mas fiquei com aquela vontade, que mais tarde veio a se resumir em guitarra. Depois, comecei a mostrar boa vontade. Quando

estava mais crescido, conseguimos através de um vizinho da Calabaceira, arranjar uma viola, que estava bastante maltratada; e repará-mo-la, recuperá-mo-la e começamos a praticar.

**– Começaste sozinho, de qualquer maneira?**

– Comecei a aprender alguns acordes. Os primeiros acordes, quem me mostrou foi um vizinho, na época, Danilo Semedo. Como ele era canhoto, como eu, foi fácil de mostrar-me os acordes.

**– Ele tinha aquele grupo com Pantera?**

– Sim, naquela época, ele tinha aquele grupo, Pentagrama e do qual Pantera fazia parte.

Depois de aprender os acordes com ele, inscrevi-me na escola de música Pentagrama. Mas, depois, quando chegou, na época, um professor francês, que veio para dar um workshop sobre música, estava eu no Pentagrama e foi lá que apanhei aquela formação de música. Achei interessante aprender a ler música no papel.

**– Então foi importante a escola Pentagrama?**

– Foi importante, na época, porque foi financiado pelo Centro Cultural Francês. Financiaram a vinda de um professor para dar uma formação na escola Pentagrama.

Então foi lá que consegui aprender algumas coisas. E depois continuei a praticar. Ele tinha deixado um método para estudar, e, com a minha boa vontade, consegui terminar aquele método; quando terminei, passei a tocar, sempre que aparecia oportunidade. O Centro Cultural Francês, também, me convidava para algumas atividades, juntamente com outros músicos.

**Quais foram as músicas que aprendeste? Foi algo diferente das outras pessoas que tocavam em Cabo Verde, das que não foram à escola de música?**

Sim, de certa forma, eu aprendi música erudita. É verdade que em Cabo Verde a nossa música é música de tradição oral, eu transmito, eu aprendo e depois eu ensino a outro. Sim, é uma música diferente em relação às outras.

**– Antes de aprofundarmos esta questão, fala-nos um pouco mais dessa aprendizagem. Foste para a França, foste para a Conservatória e...?**

– Sim, depois consegui uma bolsa, que foi algo excelente para mim. Fui para a conservatória de Paris. Fui trabalhar com o mesmo professor que estava aqui na época, e foi ele que se interessou para eu continuar o meu trabalho com ele. Então, fui para a França e continuei a minha formação. Fiquei lá durante 4 anos e meio, mais ou menos, e consegui ter um Diploma de fim de estudo em música, da Conservatória.



**– Fala-nos daquela experiência na Conservatória; davam história de música, davam prática de música, aprendeste a tocar vários instrumentos, ou só a guitarra?**

– Sim, eu fiz a guitarra. É certo que na conservatória, fiz a cultura musical, fiz estudos de harmonia e fiz análise de música. Depois, fiz solfejo, que é a base fundamental para aprender música, porque a solfejo engloba tudo, desde a história da música, aos estilos de música diversos, etc.

**– Tiveste piano também?**

– Tive piano, sim, porque piano é um instrumento primordial na formação musical, principalmente na formação de harmonia. Tem que ter para poder formar os acordes. Piano é o instrumento mais indicado para alunos.

**– Com esta formação, dá para ser um crítico de música em Cabo Verde?**

– De certa forma, sim. Eu penso que dá para criticar alguma coisa. É certo que vejo Cabo Verde, a nível da sua história de música, mais num contexto histórico do que crítico.

**– Num contexto histórico em que sentido?**

– Quer dizer, para vermos realmente a história de Cabo Verde, em termos musicais – de onde viemos e onde conseguimos chegar –, com as nossas poucas coisas, que temos aqui.



**MÚSICAS... ZOUK, PARA MIM, ACHO QUE É UM ESTILO QUE O CABO-VERDIANO ADOTOU, E DIZ QUE É NOSSO, MAS, ESPERO QUE TODAS AS PESSOAS SAIBAM, QUE O ZOUK NÃO É NOSSO.**

**– Já fizeste algum estudo nesta área, como podemos falar da nossa música, de como surgiu e de onde veio? Temos vários géneros e estilos de música.**

– Sim, é certo que em Cabo Verde temos vários estilos de música e somos influenciados por muitos outros estilos, que é o seguinte: eu acho que, Cabo Verde, fica geograficamente bem situados, então tivemos influências de vários estilos diferentes de música, da América Latina, da África, que é nosso de certeza, e, também da Europa. Isso fez com que tivéssemos uma fusão de estilos diferentes, que veio a resumir-se num estilo só de música. Acho que Cabo Verde é rico, a nível musical e Cabo Verde já tem estado a mostrar realmente isso.

**– Podemos dizer que, a partir das várias músicas que passaram por Cabo Verde, acabamos por criar uma música só nossa, muito própria? Mesmo que tenha influência?**

– Sim, realmente acho que a música de Cabo Verde é só nossa, sim, porque, a música, em si, é uma fusão; são

estilos diferentes e Cabo Verde tem o seu estilo. Só que, o seu estilo é influenciado: apanha um aqui, apanha outro além, para formar algo próprio. Então, acho que o estilo de música que temos, é nosso, é algo que nós temos, que ninguém consegue nos tomar, e só nós conseguimos executá-la da melhor maneira.

**– O nosso percurso passou pela morna, coladeira, funaná, etc, um pouco influenciados pela música latina, principalmente, mas, agora estamos numa outra fase. O que podes dizer-nos desta nova fase, com o zouk como se fosse a nossa música, etc?**

– Bom, do meu ponto de vista, acho que não é normal, quando falamos do zouk como música de Cabo Verde. Estou de acordo que a música tem que evoluir, como pessoa que tem mais ou menos conhecimento, a nível musical, mas tem que evoluir no seu contexto, não de adotar um estilo e dizer que é nosso. Sim, e precisa tentar pegar a base e desenvolver até chegar lá. Assim dizemos, que nossa música era de lá, que veio até aqui. Assim, podemos chegar à história do nosso passado. Zouk, para mim, é um estilo que o cabo-verdiano adotou, e diz que é nosso, mas, espero que todas as pessoas saibam, que o zouk não é nosso. A única coisa que podemos dizer que é nosso, é que é cantado em crioulo, mas de resto, a música em si não é nossa.

**– Podes falar um pouco da evolução da música cabo-verdiana, morna, coladeira, etc...?**

– Bom, não vou falar especificamente da morna, da coladeira, mas sim de estilos de música de Cabo Verde, em geral, na perspetiva de evolução que permite dizer aquela música é de origem tal. Tal estilo, veio resumir-se neste. Há vários estilos que são famosos. Posso falar da sinfonia, por exemplo, que é um estilo de música que evoluiu em forma de concerto e resultou em sinfonia.

**– Isso tem que ver com os instrumentos que usam nesse tipo de música?**

– Exato, entram vários instrumentos, que vão mudando um pouco o sistema, mas que não deformam completamente o sistema de base. Eu defendo isso, porque acho que é o que nos permite conhecer a nossa música, também.

**– No caso da nossa música, quer dizer que há uma base, mas podemos colocar outros instrumentos. Entretanto, em termos da música em si, ela não muda. Embora, possa ter formas diferentes daquela inicial?**

– De facto, é verdade. A nível propriamente de música, não há grandes mudanças, colocam-se novos instrumentos, que mudam muita coisa passam a ser mais

conhecida, mas, realmente o estilo continua a ser o mesmo. O que acho normal, porque Cabo Verde continua ainda sendo um país de tradição oral, e por isso é transmitida oralmente, pelo que tem pouca possibilidade de mudar, de fazer coisas novas, porque leva muito tempo a maturar.

– **Quanto a ti, é necessário existir uma escola de música para que os nossos músicos não aprendam só de ouvido, e aprendam mesmo a ler a pauta, a ter teorias sobre a música, e práticas de música?**

– Com certeza que em Cabo Verde temos necessidade, e merecemos isso, por aquilo que andamos a fazer. Andamos a mostrar capacidade, sem grandes conhecimentos a nível musical, a nível teórico. Já estamos a mostrar que temos capacidade, que podemos explorar a nossa música. Acho que Cabo Verde devia ter um lugar onde pudessemos formar os nossos músicos, para que, no futuro, consigam fazer um trabalho bem feito. E eu, em princípio, tomo muito o exemplo do Brasil, que conseguiu isso. Podemos, também, fazer isso, sem perdermos o nosso folclore, o nosso estilo, que ninguém quer perder, porque é o que nos identifica. É preciso a parte teórica, que nos possibilita criar e elevar o nosso folclore, sem perdermos a nossa raiz. É preciso ter um conhecimento teórico, a nível de música, que permita avançar e ir mais longe.

– **Para a música ser mais rica, em termos de tonalidade, em termos de instrumentos, da própria composição. Por acaso, numa entrevista que fiz ao Luís Morais, ele disse que a coladeira veio da morna, que é um C cortado, (qualquer coisa assim), portanto, a questão de tempo e de compasso. O que achas disso, é assim ou... ?**

– Com certeza. Em princípio, na música, temos dois tipos de C, um C, por inteiro, que normalmente é um C com divisão de 4 tempos, que é 1,2,3,4 e um C, cortado, que faz a divisão de 2 tempos, e vai mais rápido do que um C por inteiro. A nível disso, realmente, é possível sim, que coladeira seja um C cortado, porque é uma música mais rápida e mais viva do que a morna.

Ao nível do ritmo, é certo que é diferente, mas ao nível do compasso, é certo que a coladeira é um C cortado.

– **Podias falar um pouco da tua música?**

– Eu tenho uma música que fiz em duas partes. Na primeira, o ritmo é do tipo da Contradança, Coladeira, Colá Sanjón. Depois, na segunda parte, introduzi um ritmo mais aproximado do batuque. É uma música simples, a nível harmónico, não tem grandes coisas, é uma música baseada no ritmo que, também, como a nossa música, em geral, e própria para a dança.



– **Portanto, isso demonstra que é possível tocar a nossa música de forma clássica, também?**

– Claro, com certeza.

– **E é difícil fazer uma composição assim? O que te leva a fazer uma composição? É só porque aprendeste a música, ou porque gostas muito ou porque sentes necessidade disso?**

– Penso que qualquer músico, que assuma o que quer ser, tem uma certa responsabilidade de tentar criar, de fazer alguma coisa; de afirmar o que o identifica como músico. É certo, que tem de mostrar alguma coisa que demonstrar que é músico. Tem de mostrar alguma coisa, a nível de composição.

– **O que é mais importante para fazer uma composição?**

– Em que sentido?

– **Por exemplo, o que determina uma composição, musical é a letra ou o arranjo musical?**

– Qualquer estilo de música, tem um aspeto histórico, cultural, geográfico e religioso. Ouso, até dizer, político. De certa forma, acho que a música engloba tudo isso. Normalmente, um músico, que pensa fazer uma composição, pensa, realmente, no material que tem e em coisas que pode fazer. Costumo dizer que a música é uma imitação. São coisas que vives e que depois transmites através da música. Como tu, por exemplo, quando escreves um livro é a mesma coisa, são coisas que fazem parte de ti, da tua cultura, do teu percurso, da tua vida e depois transmites...

– **E pensas alguma vez com a tua mensagem atingir algum público. Será que a música é só diversão ou pode ter algum papel social para além de diversão; social ou político, já que falaste de tudo isso?**

– Acho que a música não é uma obra só por diversão. Acho que nenhum músico faz música só por diversão.

**ACHO QUE QUALQUER COMPOSITOR, TANTO O POPULAR, COMO O ERUDITO, PARA FAZER UMA BOA MÚSICA, TEM QUE FAZER AQUELA PESQUISA**

Fazer música não é uma diversão, é um trabalho de arte, de certa forma. Enfim, acho que qualquer compositor dá o máximo de si para fazer uma obra de arte. Estamos habituados a ouvir uma música em 5, 10 minutos, mas nem imaginamos quanto tempo um compositor leva para fazer 10 minutos de música. Ele reflete muito. É muito tempo de trabalho. Há aquela exigência: tem de ser bem feito, mas isso é uma coisa que se aplica em qualquer estilo de música. Acho que qualquer compositor, tanto o popular, como o erudito para fazer uma boa música, tem que fazer aquela pesquisa.

– **Ele tem que ter a preocupação de criar, de fazer algo original, só dele, ou não? Embora, claro, dentro da nossa música?**

– Também, sim, embora dentro daquele contexto. Então, realmente não considero a música como diversão, é certo que podemos utilizar a música como diversão para ouvir, para divertir...

– **A música pode servir também para revolucionar mentalidades, para mudar comportamentos, para intervir na sociedade, quer na cena política, quer social?**

– Acho, principalmente, que a música cabo-verdiana, tem uma ligação forte com a língua falada, com as palavras. De certa forma, a nossa música é baseada num sistema de música de texto. Porque, na música cabo-verdiana o instrumento, em si, joga um papel menor, que é de acompanhamento, sendo a voz, o principal, que tenta fazer o máximo para transmitir a mensagem, de forma a que todas as pessoas entendam o que se canta. Quer dizer que a palavra, em geral, na música cabo-verdiana, não é deformada, porque o objetivo principal é transmitir a mensagem. Então, penso que, com certeza, há influência, pois que os músicos utilizam as palavras como meio de passar uma certa mensagem e de ganhar mais número de pessoas para ouvir. E, então, considero que, nesse aspeto, a música pode influenciar fortemente a sociedade.

– **E sem palavras, é possível também? Bom, na Europa há muitos exemplos de músicas que revolucionaram as coisas, e músicas, mesmo de intervenção, sem letra, sem palavra... mas em Cabo Verde, estamos nessa fase, ou não, pois só há algumas pessoas que já têm formação, como tu, não é?**

– Sim. Certo. Penso que a música está ligada à cultura. É certo que em Cabo Verde quando se faz uma música, se não tiver palavra torna, talvez, difícil de a ouvir, de forma a provocar alguma mudança a nível social. É certo, que pode acontecer. Se for um músico, pode ouvir, uma música, que lhe interessa, e pode tentar criar alguma coisa nesse sentido, mas, realmente, não vejo como é possível numa tradição oral, como é o nosso caso, conseguir-se isso.

– Neste momento, como vês a situação da música em Cabo Verde? Há muitas pessoas que fazem composições, ou não; isto é que já têm formação como tu? Em que situação estamos?

– Em Cabo Verde, não conheço muitas pessoas que têm formação como eu, é uma coisa sobre a qual não posso falar. Não tenho muito conhecimento de maltas que tenham formação, mas há alguns.

– Podemos dizer que a nossa música evoluiu um pouco de uns tempos para cá?

– Sim, acho que a nossa música ganhou uma certa evolução, apesar de ser pouca, mas ganhou uma certa evolução, sim. Para falar, com sinceridade, a nossa música passou a ser mais conhecida, passou a ser ouvida mais e os nossos artistas passaram a sair fora do país, levando a nossa mensagem. Mas, realmente, a nível de música, continuou a ser a mesma coisa, aquela que tínhamos o hábito de ouvir sempre. Se repararmos bem, continua a ter os mesmos acordes e o mesmo sistema tonal, que é a tónica dominante, subdominante, e assim por diante, isto é, um sistema standart de canção. Acho que já chegamos a uma fase em que temos de mudar; temos que ter outros conhecimentos, temos que olhar, principalmente, a música em si; instrumentos como a guitarra, por exemplo, que tem muita coisa para explorar. Podemos fazê-la brilhar mais, do que só ficar como acompanhamento. A guitarra é um instrumento que pode responder por si mesma, a nível de possibilidade, do que se pode fazer com ela. Então, realmente, acho que devíamos dar mais atenção à musicalidade, e não só ao texto e à palavra. Temos de prestar mais atenção à música, em si.

– E tu, estás a fazer este trabalho? Estás a fazer composições já com esta ideia?

– Sim, exato. Tenho esta ideia de explorar ao máximo, o que posso fazer, com os instrumentos. Tento fazer um trabalho, a nível de música, mas com uma certa musicalidade diferente, aproveitando o conhecimento harmónico que tenho, bem equilibrado e rico, a nível de sistema.

– O que é preciso para mudar um pouco a música de Cabo Verde? Para chegar a uma fase em que a raiz da nossa música já esteja evoluída?

– Bom, acho que o que temos de fazer é investir mais na formação. Aliás, tentar criar, porque, realmente, ainda temos pouca coisa feita. Temos de tentar criar espaços para formar os nossos músicos e acho que é necessário e fundamental criar um conservatório, para formar nossos jovens, para que, no futuro, tenhamos grandes músicos. Realmente, acho que, em Cabo Verde, temos por obrigação criar um espaço para a música, porque a música é algo



SIM, ACHO QUE A NOSSA MÚSICA GANHOU UMA CERTA EVOLUÇÃO, APESAR DE SER POUCA, MAS GANHOU UMA CERTA EVOLUÇÃO, SIM

que já está a mostrar ao mundo o nosso valor. Ele tem um papel primordial no nosso quotidiano. É ela que utilizamos para dizer artisticamente tudo o que queremos, em termos de mensagem e tudo mais.

– Diz-se que somos um país de músicos, e, em geral, dizemos que temos música dentro de nós? Que nascemos já com a música?

– É certo, é preciso ir mais longe e tentar seguir a evolução, porque é certo que qualquer estilo de música que se faz, no decorrer do tempo, pede uma evolução. Acho que a nossa música não avançou muito por causa disso.

– E podemos dizer que temos algumas falhas, algumas coisas de que precisamos? Como, por exemplo, uma orquestra sinfónica ou algo do género?

– Sim, exatamente. É justamente isso que quero dizer. Para ter uma orquestra é necessário ter músicos formados, músicos que saibam ler partitura. É certo que quando se



toca com 4, 5 pessoas, não é a mesma coisa que tocar para uma orquestra, que pode ter 200 músicos. Então, para isso, temos que ter músicos formados, que saibam, que conheçam a música, que saibam ler partitura, para podermos fazer uma orquestra. Então, tudo é baseado numa educação musical. Acho, também, que a cultura da música, em Cabo Verde é baixa. Temos estilos de músicas, que ouvimos muito, e aos outros não damos muito atenção, porque, às vezes, falta, realmente, esse tal conhecimento.

**– Hábitos de ouvir. Cultura de ouvir, porque, para os cabo-verdianos a música clássica, no seu todo: a romântica, erudita, ou lírica, para os cabo-verdianos, não valem nada?**

– Sim. Certo. Acho que tudo é uma questão de educação. Se não estamos habituados a ouvir uma coisa, depois às tantas fica aquela coisa que eu não entendo... ora, quando não entendes, não é porque não gostas, é porque não estás habituado com ela, não estás acostumado a ouvir, então, torna uma coisa um pouco estranha, não compreendes. É como uma linguagem que não entendes, que não te interessa. A música é mais uma linguagem, também, que, ora entendes de uma certa forma, e, é claro, interessas-te ouvir precisamente o que

entendes. Para entenderes, é preciso teres uma educação, de ouvir vários estilos de música. Estamos num mundo, onde temos escolhas de ouvir muitas músicas, do nosso interesse.

**– Acha que a educação não é só uma questão de hábito? Penso que as pessoas não têm o hábito de ouvir a música como puro deleite? Como a música instrumental apenas?**

– Toda a música tem um certo objetivo, tem uma mensagem, que o compositor quer transmitir. Música é música. Toda a música tem o seu encanto. Não devemos ouvir música apenas num contexto nacional de preferência. Acho que a música é uma arte tão nobre, tão nobre, que devemos dar mais atenção, quando a ouvimos. De fazer mais esforço em ouvir a música, em si, porque a música é algo extraordinário, que tem o seu interesse. E não

é só dizer é esta que ouço, que gosto, e esta não é o meu estilo preferido, pois toda música tem o seu valor e a sua mensagem. É uma questão de compreender a mensagem que a música transmite. Se, realmente, todas as pessoas dizem que esta música não me diz nada, nunca mais se ouve, como deve ser. Temos de aprender a ouvir, a música.

**– Vasco Martins, por exemplo, tem um outro tipo de música. O que achas da sua música? Muitas pessoas não gostam, porque é uma música diferente?**

– Como acabei de dizer, nem sempre ouço música que me dá prazer, ou ouço a música básica, no sentido de a conhecer no seu contexto, de estudá-la, de saber como se formou, como é feita, por isso, nesse aspeto, ouço tudo. Eu, em geral ouço tudo.

**– O que achas do Vasco?**

– Gosto muito de algumas músicas dele. Há alguns de que gosto. Por exemplo, gosto de algumas sinfonias que ele fez, que é feita pela orquestra de câncer, de um CD, que, por acaso, gosto muito, apesar de achar que teve muitas influências a nível de muitas músicas, mas, como considero normal a música ter influência, desde que tenha cheiro do que é nosso, de Cabo Verde, gema bom..

**Ele tem também algumas criações a nível do batuque e do colá?**

Exato, e gosto, gosto da sua expressão. ■



# A esfera pública na era digital



Por: Daniel Medina

A noção de espaço público e de esfera pública na contemporaneidade alterou-se de forma substancial. A imagética, o formato, o contexto e a ambiência tradicional em que os argumentários eram esgrimidos e dirimidos conhecem hodiernamente outros desenvolvimentos. As tecnologias aliadas às novas formas de comunicação potenciam outras dinâmicas e competências que importa conhecer, discutir, analisar cientificamente e tirar-se “partido” disso nas várias dimensões que se nos postulam e desafiam no dia a cada.

## Comunicação pública e internet: limites e amplitudes no ambiente digital

As relações entre a comunicação e o poder, para além das agendas de pesquisa, são tema de debate em todas as latitudes, entre todos os atores do jogo que se preconiza como democrático. No entanto, e como era de esperar, as opiniões divergentes refletem a pluralidade de concepções teóricas e ideológicas, bem como a complexidade e a liquidez dos conceitos envolvidos na discussão: público e político, Estado e comunicação.

A comunicação massiva passou, de fator marginalizado e até estigmatizado no campo político, a um dos eixos centrais no funcionamento da democracia. Com o advento e o recrudescimento das tecnologias presentes nas redes sociais, e a emergência, no final do século passado, de meios digitais que integram e sistematizam uma quantidade incomensurável de informação, ao mesmo tempo que permitem a ampliação das expressões pessoais dos indivíduos de maneira bastante simples e eficiente, trouxeram de uma vez por todas a reflexão sobre os processos de comunicação para os fóruns de elaboração de demandas sociais e ações políticas correspondentes.

Da perspectiva das instituições de poder, pelas quais compreendemos fundamentalmente o Estado democrático e suas múltiplas instâncias, o desenvolvimento destes canais de comunicação significou, ao mesmo tempo, aproximação e vulnerabilidade diante da sociedade civil, e poder de produção, sistematização e interpenetração de mensagens persuasivas além dos filtros e contra-balanceamentos próprios dos processos de produção de notícia, publicização do jornalismo tradicionalmente instituído, de outras trocas de informações e formas de entretenimento inesperados.

Dentro das redes de comunicação que compõem tal processo, dado o seu protagonismo, destaca-se a rede de comunicação estatal, composta pelos sistemas de comunicação do Estado e seus produtos. Para Pierre Zémor (2003), a comunicação pública se legitima pelo interesse geral e é situada necessariamente no espaço público, acompanhando inclusive a tomada da decisão política. Trata-se da comunica-

ção formal que diz respeito à troca e partilha de informações de utilidade pública, cujo desenvolvimento é uma resposta à crescente complexidade das nossas sociedades, facilitando a busca do interesse geral e correspondendo a uma necessidade de relação entre Estado e cidadão, representante e representado (Zémor, 2003).

Entretanto, uma parte fundamental ao pensamento de Arendt é o entendimento acerca da relação do indivíduo singular com os demais (portanto, do singular com o universal) e as implicações que daí acarretam. Não haveria, de maneira alguma, vida humana possível sem um mundo que, direta ou indiretamente atestasse a presença de outros seres humanos. A ação humana, assim, reporta-se ao facto de que há uma unidade na vida do conjunto. Daí termos vindo a verificar uma espécie de poder em crescendo, ou senão, uma atenção especial que atravessa as redes sociais que, emergindo de um aparente submundo para as manchetes, por vezes de uma forma concorrencial à chamada comunicação pública.

Governos e empresas, não podem presentemente ignorar o que anteriormente se queria epitetar de periferia informativa.

## A questão da esfera pública

Até há poucos anos, a esfera pública constituía uma “estrutura intermediária” que fazia a mediação entre o Estado e o sistema político e os setores privados do mundo da vida. Uma “estrutura comunicativa”, um centro potencial de comunicação pública, que revelava um raciocínio de natureza pública, de formação da opinião e da vontade política, enraizada no mundo da vida através da sociedade civil. Hodiernamente, verifica-se uma aproximação, diríamos influência, com outros pontos de vista e que exige (ou impõe democraticamente) novas abordagens comunicativas e de interpretação.

A esfera pública tem a ver com o “espaço social” do qual pode emergir (e tem-no feito de forma audaz e poderosa) uma formação discursiva da opinião e da vontade política. No seu bojo colidem os conflitos em torno do controlo dos fluxos comunicativos que percorrem o limiar entre o mundo da vida e a sociedade civil e o sistema político e administrativo. A esfera pública constitui uma «caixa de ressonância”, dotada de um sistema de sensores sensíveis ao âmbito de toda sociedade, e tem a função de filtrar e sintetizar temas, argumentos e contribuições, e transportá-los para o nível dos processos institucionalizados de resolução e decisão, de introduzir no sistema político os conflitos existentes na sociedade civil, a fim de exercer influência e direcionar os processos de regulação e circulação do poder do sistema político, através de uma abertura estrutural, sensível e porosa, ancorada no mundo da vida real e não naquela que preenche os espaços tradicionais da informação.

Esfera ou espaço público é um fenómeno social elementar do mesmo modo que a ação, o ator, o grupo ou a coletividade; porém, ele não é arrolado entre os conceitos tradicionais elaborados para descrever a ordem social. A esfera pública não pode ser entendida como uma instituição, nem como uma organização, pois ela constitui uma estrutura normativa capaz de diferenciar entre competências e papéis, nem regula o modo de pertença a uma organização, etc.. A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e *opiniões*; nela os fluxos comunicativos são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões *públicas* enfeixadas em temas específicos.

Na contemporaneidade, o que se passa nas redes sociais pode transpor-se para outros espaços e vice-versa. A sua influência é enorme em termos interpretativos

DAQUI BROTA O “PODER  
COMUNICATIVO”. O PODER  
COMUNICATIVO É O  
“PODER” QUE RESULTA  
DO PROCEDIMENTO  
DELIBERATIVO  
DE DISCUSSÃO E  
DELIBERAÇÃO, QUE  
TOMA FORMA NA  
ESFERA PÚBLICA E  
QUE GERALMENTE É  
CONTRAPOSTO À ESFERA  
DO PODER POLÍTICO-  
ADMINISTRATIVO

e de veiculação de opiniões, criando espaços de debate ora circulares, ora periféricos, no entanto, com a consciência de que mesmo os mais resistentes não poderão negar-lhe a visibilidade adquirida ou importância conferida em particular pelos mais jovens. Nenhum gestor público da atualidade ousa furtar-se, ou ignorar o que perpassa no mundo digital das redes sociais.

Ela [a esfera pública] representa uma rede supercomplexa que se ramifica num sem número de arenas internacionais, nacionais, regionais, comunais e subculturais, que se sobrepõem umas às outras; essa rede se articula objetivamente de acordo com pontos de vista funcionais, temas/círculos, etc., assumindo a forma de esferas públicas mais ou menos especializadas, porém, ainda acessíveis a um público de leigos (por exemplo, esferas públicas literárias, eclesiásticas, artísticas, feministas, ou ainda, esferas públicas “alternativas” da política de saúde, da ciência e de outras);

além disso, ela se diferencia, por níveis, de acordo com a densidade da comunicação, da complexidade organizacional e do alcance, formando três tipos de esfera pública: esfera pública *epi-sódica* (bares, cafés, encontros de rua), esfera pública da *presença organizada* (encontros de pais, público que frequenta teatro, concertos de rock, reuniões de partidos ou congressos de igrejas) e esfera pública *abstrata*, produzida pelos média (leitores, ouvintes e espetadores singulares e espalhados globalmente). Apesar dessas diferenciações, as esferas públicas parciais, constituídas através da linguagem comum ordinária, são porosas, permitindo a ligação entre elas.

A esfera pública tem como característica elementar ser um espaço irrestrito de comunicação e deliberação pública, que não pode ser anteriormente estabelecido, limitado ou restringido, os elementos constitutivos não podem ser antecipados. Em princípio, está aberta para todo âmbito social. Não existem temas ou contribuições *a priori* englobados ou excluídos. A esfera pública é sempre indeterminada quanto aos conteúdos da agenda política e aos indivíduos e grupos que nela podem figurar. A era digital reformatou tudo. Tornou a discussão, e quase toda a informação, num mundo de debate e partilha globais.

Daqui brota o “poder comunicativo”. O poder comunicativo é o “poder” que resulta do procedimento deliberativo de discussão e deliberação, que toma forma na esfera pública e que geralmente é contraposto à esfera do poder político-administrativo.

Os argumentos a favor da concepção deliberativa de esfera pública e democracia têm sido alvo de muitas críticas. Muitos teóricos que se ocupam com teorias democráticas têm questionado as assunções básicas da teoria política deliberativa, apontando pontos frágeis, sobre as implicações práticas, possibilidades de efetividade, entre outros.

Na obra de Habermas *Faktizität und Geltung*, os desdobramentos acerca da concepção de democracia recebem um detalhamento mais apurado do papel da esfera pública e a sua penetração mais efetiva sobre o político, traduzido numa ênfase na institucionalização.

Alguma crítica à imprecisão das implicações institucionais da concepção habermasiana de esfera pública conduz-nos à ideia de um certo “sitiamento” que fragiliza a concepção de política e que resulta do quadro teórico da *Theorie*.

Na contrapartida ofensiva do novo modelo de circulação do poder político, a categoria de esfera pública é redimensionada dentro deste novo modelo de eclusas e assume um papel mais amplo e mais ativo junto aos processos formais mediados

institucionalmente. Com o novo modelo de acoplamento, os processos de comunicação e decisão do sistema político são estruturados através de um sistema de eclusas, no qual os processos de comunicação e decisão já estão ancorados no mundo da vida por uma “abertura estrutural”, permitida por uma esfera pública sensível, permeável, capaz de introduzir no sistema político os conflitos existentes na periferia.

A concepção de política deliberativa é uma tentativa de formular uma teoria da democracia a partir de duas tradições teórico-políticas: a concepção de autonomia pública da teoria política republicana (vontade geral, soberania popular), com a concepção de autonomia privada da teoria política liberal (interesses particulares, liberdades individuais).

Esta concepção normativa gera uma matriz conceitual diferente para definir a natureza do processo democrático, sob os aspectos regulativos (ou exigências normativas) da publicidade, racionalidade e igualdade. Embora também tenha um caráter empírico-explcativo, a ênfase da concepção habermasiana de democracia procedimental assenta no caráter crítico-normativo. Por ser assim, esta concepção está centrada nos procedimentos formais que indicam “quem” participa, e “como” fazê-lo (ou está legitimado a participar ou fazê-lo), mas não diz nada sobre “o que” deve ser decidido. Ou seja, as regras do jogo democrático (eleições regulares, princípio da maioria, sufrágio universal, alternância de poder) não fornecem nenhuma orientação nem podem garantir o “conteúdo” das deliberações e decisões.

As recentes transformações nos panoramas social, político, económico, cultural e religioso, refletem uma nova dinâmica envolvendo estados nacionais que se juntam em comunidades regionais e supranacionais, e de sociedades pluralistas.

A expansão do debate sobre a esfera pública para um âmbito global significa que o contexto teórico específico que até aqui serviu de base para a discussão e descrição das possibilidades de uma esfera pública (cultura política comum engenhada no âmbito territorial nacional, Estado-nação ou a autoridade do Estado como endereço político do público, soberania popular, estado democrático de direito, constituição, direito), já não seria mais suficiente para compreender a nova dinâmica engendrada pelo processo de globalização do capital e da política em termos internacionais e as repercussões à escala mundial.

O novo mundo da era digital nos impela para uma abordagem mais dinâmica e interativa visando a compreensão das diferentes amplitudes da Esfera Pública: locais, nacionais e globais. O lugar da “globalização” foi conquistado. ■

## REFERÊNCIAS

- AVRITZER, L. *Democracy and the Public Space in Latin America*. Princeton: Princeton Univ. Press, 2002.
- BENHABIB, Seyla. Models of Public Space: Hannah Arendt, the Liberal Tradition, and Jürgen Habermas. In: CALHOUN, Craig. *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992. p. 73-98.
- BOHMAN, J. Expanding Dialogue: the Internet, the Public Sphere and Prospects for Transnational Democracy. In: CROSSELY, N. *After Habermas: new perspectives on the public sphere*. Oxford, UK: Blackwell, 2004. p. 131-155.
- BOHMAN, J. *Public Deliberation, Complexity, and Democracy*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- CALHOUN, Craig. *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.
- CHAMBERS, S. *Reasonable Democracy: Jürgen Habermas and the Politics of Discourse*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1996.
- COSTA, S. *As cores de Ercília: esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- COSTA, S. Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil: uma abordagem tentativa. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, 38, p. 38-52, 1994.
- CROSSELY, N. *After Habermas: new perspectives on the public sphere*. Oxford, UK: Blackwell, 2004.
- DAGNINO, E. *Sociedade civil e espaços públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DUTRA, Delamar V. *Razão e consenso em Habermas*. Ed. UFSC, 2005.
- FARIAS, Fábio B. *Globalização e estado cosmopolita: antinomias de Jürgen Habermas*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GIESEN, K. Habermas, a segunda modernidade e a sociedade civil internacional. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 60, p. 87-96, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. *A political constitution for pluralist world society?* 2005. Manuscrito.
- HABERMAS, Jürgen. *Der gespaltene Westen: Kleine politische Schriften X*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.
- HABERMAS, Jürgen. *Faktizität und Geltung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.
- HABERMAS, Jürgen. *Political communication in media society*. 2006. Manuscrito.



## VII – O MAIS...

**A** EPÍGRAFE EM PAUTA SUBENTENDE-SE REFERIDA A ALGO DE POSITIVO, UMA SAUDÁVEL COMPETIÇÃO, CHEGAR-SE AO ACÚMEN EM ÁREAS OU MATÉRIAS APETECÍVEIS. TAL COMO O MAIS RÁPIDO OU VELOZ, OU O MAS DISCERNIDO OU INTELIGENTE. O MAIS RICO OU O MELHOR VESTIDO. OU, AINDA, O MAIS ELEGANTE OU DISTINTO. E POR AÍ FORA...

DE UM MODO GERAL (E EM PRINCÍPIO), O MELHOR CLASSIFICADO EM DADA PROVA, ASSUNTO OU DESEMPENHO, GANHARÁ O COBIÇADO PRIMEIRO LUGAR, CONQUISTANDO, POR MÉRITO PRÓPRIO, O DIREITO DE CARREGAR E OSTENTAR A EXPRESSÃO “O MAIS...”

PARA MERECEER, TODAVIA, TAL NOTA OU LUGAR NA CATALOGAÇÃO, TEVE O SUJEITO QUE SUBMETER-SE A ALGUMAS REGRAS: NA APRESENTAÇÃO DA SUA CANDIDATURA, NO OMBREAR-SE COM OS DEMAIS PRETENDENTES, EM EVENTUAL CONFLITUALIDADE QUE A CONVERGÊNCIA DE INTERESSES PODE SUSCITAR E MESMO NA ARRUMAÇÃO OU ORDENAMENTO FINAL (EM TERMOS DE RESULTADO) DOS CONCORRENTES.

CABO VERDE (O MEU PAÍS!) REGISTA UMA PARTICULARIDADE PRÓPRIA NESTA SEDE. TALVEZ POR SER UM TERRITÓRIO CONOTADO COMO TRADICIONALMENTE DESABONADO DE MUITOS (QUASE NENHUNS!) RECURSOS NATURAIS, INTERIORIZOU-SE A IDEIA PEREGRINA DE SE APURAR QUAL O MUNICÍPIO MAIS POBRE...

TEMOS ASSISTIDO A UMA AUTÊNTICA BARAFUNDA (NUM BERREIRO DE BRADAR AOS CÉUS!) – NESTA RIVALIDADE QUE CAMPEIA PELAS ILHAS – A VER QUEM GRITA MAIS ALTO (E CONVENCE OS POVOS!) SER O MUNICÍPIO MAIS POBRE DE CABO VERDE. PELOS VISTOS, AQUELE QUE ACABAR ACEITE COMO O MENOS BAFEJADO, PELA SORTE, GANHARÁ GROSSA RECOMPENSA, EMBOLSARÁ CHORUDA MAQUIA.

ATÉ FAZ LEMBRAR O OUTRO QUE, NA MIRA DE FAZER O GOVERNO ABRIR-LHE OS CORDÕES DA BOLSA DO TESOURO, BERROU, DECRETOU E CHORAMINGOU NEGRA FOME ASSOLANDO O SEU CONCELHO...

NÃO SENDO A POBREZA, NO ESPECTRO SOCIAL CABO-VERDIANO, UMA DIMENSÃO NOBRE E APETECIDA (NÃO É POR ACASO QUE ESTEVE NA GRELHA GOVERNAMENTAL UM DEPARTAMENTO DITO DE “LUTA CONTRA A POBREZA”), FICA POR SE EXPLICAR O PORFIADO DESAFIO A VER QUEM ARREBATARÁ O PRIMEIRO LUGAR NESSE TÃO INSÓLITO **PODIUM**. A NÃO SER QUE OS NOSSOS DILIGENTES AUTARCAS ESTEJAM ASTUTAMENTE PONDERANDO (A CONSELHO DO AUTARCA-MOR EM MATREIRICE) SEREM CONTEMPLADOS POR UMA DAS BEM-AVENTURANÇAS, A CONFERIDORA DE UM SEGURO BILHETE PARA O REINO DOS CÉUS!

EIS, POSSIVELMENTE, O **LEIT MOTIV** ESCORANDO (E EXPLICANDO!) A GANÂNCIA EM SE(R) PROCLAMA(R)(DO) O MAIS POBRE MUNICÍPIO DE CABO VERDE.

ASSIM, FICA PERFEITAMENTE LEGÍVEL: CREMOS TER SIDO SANTA CRUZ A DAR O PONTAPÉ DE SAÍDA NESTA SAGA, NÃO LHE FICANDO PAÚL E MAIO MUITO ATRÁS. NA GERAÇÃO MAIS NOVA, SÃO LOURENÇO DOS ÓRGÃOS E SÃO SALVADOR DO MUNDO ACOTOVELAM-SE PARA FICAR NA DIANTEIRA DO CLUBE. E, PARA COROAR, SANTA CATARINA DO FOGO ASSEGURA SER ELA, NA **DERRADEIRA FORNADA** DAS CÂMARAS MUNICIPAIS CABO-VERDIANAS, A LEVANTAR ALTO, E GALHARDAMENTE, O FACHO DE SUPINA POBREZA.

ACREDITAMOS PIAMENTE, TODAVIA, QUE A PROCISSÃO AINDA VAI NO ADRO AO OUVIRMOS DA BOCA DO PRIMEIRO MINISTRO DESTES PAÍS (19/11/2020) A GRANDE E INÉDITA NOVIDADE – DE QUE A MAIOR POBREZA RESIDE EM SANTIAGO NORTE!... ■

# Cabo Verde retoma orientada para enfrentar a globalização ultraliberal

Cabo Verde fixa seu objetivo de desenvolvimento, desafiando as novas e contraditórias tendências que ameaçam e ao mesmo tempo oferecem uma tendência nova de oportunidades às sociedades e culturas modernas com vínculo universalista, nesta época difícil para todas as nações do mundo, a todos os títulos: *A Pandemia Covid-19; A Desregulação Climática; A Globalização Ultraliberal...* Mais ainda no nosso caso, urge ainda, efetuar-se o salto qualitativo para a “*Descentralização-Regionalização*”. Essas tendências e outras, se complementam e se opõem nesta pequena sociedade arquipelágica essencialmente jovem e nas culturas em todas estas nove ilhas, que estão sensibilizadas e ansiosamente voltadas, graças aos resultados alcançados com a política de vacinação contra Covid-19, pelo governo cabo-verdiano, para a chegada da desejada e indispensável “*Retoma Económica*” e possibilidade de unificação do pequeno mercado económico, com a operacionalidade dos transportes marítimos e aéreos...

O fim da guerra fria, no passado século XX, com a queda do muro de Berlim, desbravou novos caminhos de entendimento, fazendo crer a todos os “*bem-intencionados*” que o mundo tinha superado conflitos e a revolução tecnológica permitiu a transição imparável para um novo sistema de relacionamento baseado num reequilíbrio esperançoso de poderes, entre as nações desenvolvidas e pequenas economias como o caso de Cabo Verde...! O nosso país lutou para e conseguiu a obtenção do estatuto da “*Parceria Especial com o Espaço Económico Europeu*” que, se for convenientemente bem explorado, conferirá, ao país o estatuto de fronteira intermediária entre a Europa e a África ocidental oportunidade ideal de confirmação e orientação destas ilhas como sociedade de prestação de serviços e de ligação de trocas comerciais, negócios, serviços e culturais entre o Ocidente Europeu, talvez outros continentes e a África continental...

Cabo Verde tem de estar sempre alerta, porque as mesmas tecnologias que facilitam o processo de globalização, podem condicionar a ação dos governos de países economicamente mais frágeis fazendo com que se pense que, apesar dos efeitos e ameaças da globalização - homogeneizando culturas, arrasta o planeta para uma economia e comunicação a duas velocidades - há também, espaço para a subversão. Ou seja, é possível recolocar o universal como espaço sociocultural, onde se realimentam as singularidades próprias destas dez ilhas do Atlântico médio, em oposição ao espaço de fluxos económicos e financeiros dos países desenvolvidos, que favorece a tendência para corrupções e muitas vezes, também a “*destritorialização cultural*” e o não-lugar económico e financeiro (o

mercado mundial)... Mais claramente Cabo Verde deve agir “*culturalmente*” para defender em todas as suas relações multi ou bilaterais, o universal como espaço sociocultural em que se realimentam as singularidades (a universalidade dos valores), e não cair na dependência e supremacia dos países ricos... O país tem de enfrentar as contradições e objetivos, usando sempre a nossa “*cabo-verdianidade cultural*” como ferramenta para fortalecer mais ainda o processo de construção da nossa identidade, em diálogo crítico com os acontecimentos mundiais que exigem de nós respostas democráticas, que daremos na medida em que os possamos interpretar e pesar na nossa dupla condição de cidadãos cabo-verdianos e cidadãos do mundo.

Vivemos novo tempo histórico, tornando Cabo Verde, ator global com referência modesta, geopolítica e também como sujeito activo no concerto mundial de países e como nação politicamente independente, que festejará em 2022 uma vivência de quarenta e sete anos, um país que se enraizou desde 1991 à democracia e que se abriu e adaptou, ao mundo, com relativa independência, e talvez por isso também com poucos indícios de indiferença e incompreensão, as nossas iniciativas do dia-a-dia, de todos os tipos dão conta da característica própria deste povo ilhéu em todas as nove ilhas habitadas, uma referência verdadeiramente humilde e universal, graças à paz social e estabilidade política que vivenciamos.

Cabo Verde não tem outra alternativa senão olhar sempre para frente, instalando mais justiça social de Santo Antão à Brava. A *Crise Sanitária, Económica e Social Global*, deve servir para nós arquipelágicos nas ilhas e na Diáspora como exemplo laboratório de extração de conhecimento, para se poder orientar estas dez ilhas e a sua população maioritariamente jovem para um desenvolvimento modesto, mas harmonioso, ao serviço de todos os seus filhos, o que irá ajudar-nos a enfatizar o descrédito em que se deu ao ultraliberalismo, uma doutrina que além do económico introduziu uma estratégia devastadora relativamente aos problemas sociais e sobretudo ambientais graves pondo em perigo o mundo inteiro e sejamos positivos esperando que a cimeira para salvar o planeta da morte ativa do meio ambiente e da biodiversidade, incluindo o humano, realizada no Reino Unido, neste mês de Novembro de 2021, sirva para tomada de posição acertada e consciente da comunidade internacional e isto nos diz respeito, porque estamos nós, os ilhéus, já a pagar e de maneira incisiva as facturas dos outros...

“*Adira à Vacinação contra Covid-19 e salve Cabo Verde*” ■

miljvdav@gmail.com



Por:  
José Valdemiro Lopes

“... para Bruna  
& David e que  
o futuro vos seja  
risonho ...”

# Para uma verdadeira geopolítica autóctone cultural de desenvolvimento

CABO VERDE, PODERÁ,  
GRAÇAS À INTEGRAÇÃO  
SOCIOECONÓMICO  
DA JUVENTUDE DAS  
NOVE ILHAS, HOJE,  
MAIS BEM FORMADA  
E COMPETENTE  
QUE AS GERAÇÕES  
PRECEDENTES, CRIAR,  
SEGURAMENTE,  
MELHORES  
OPORTUNIDADES  
DE MUDANÇA E DE  
DESENVOLVIMENTO

A ajuda para o desenvolvimento, até à presente data, neste arquipélago, de certo, ponto de vista, foi sempre, uma “camuflagem”, um verdadeiro investimento, de médio e longo prazo por parte dos pressupostos benévolos países doadores, uma falsa generosidade, à custa dos contribuintes desses países “generosos”. Aqui, em Cabo Verde, a ajuda, observando alguns indicadores e ações “contratos”, faz-nos chegar à conclusão que o processo comprou influências e comportou condições humilhantes: exigência de prática de boa governação, obrigatoriedade de respeito dos direitos humanos fundamentais, etc. (não sou contra essas ideias, mas sim contra a imposição como condição necessária...), a obrigatoriedade, por exemplo, no caso do projeto, “Casa para Todos”, da presença de empresários portugueses e materiais de construção a serem adquiridos, em Portugal... preservando, pois, os interesses do país doador-emprestador, do capital, perdão “do investidor”, que cinicamente exporta, seu próprio negócio e dá emprego à sua classe empresarial, quando o montante, da ajuda empréstimo e dos juros, deverá, ser honrado por Cabo Verde, mas, estrategicamente, o país “investidor”, faz valer sua imposição, como condição *sine qua non*... Aliás, a história, de maneira geral, nunca rezou que houve país qualquer, neste planeta terra, que se desenvolveu graças à ajuda para o desenvolvimento... Em Cabo Verde, devemos ser sempre nós mesmos os mestres do nosso destino e do nosso desenvolvimento, a ser realizado, à nossa maneira, e necessariamente, deve-se atrair e envolver todas as forças vivas das nove ilhas e a Diáspora, cabo-verdiana, no processo.

Se recuarmos três séculos atrás, os veleiros americanos da pesca da baleia recrutavam cabo-verdianos nesta aventura, inserindo já no século XIX, Cabo Verde, na modernidade da economia mundial. Esta primeira leva da emigração espontânea, de mão-de-obra nacional, para os Estados Unidos, provavelmente os primeiros assalariados cabo-verdianos, esses primeiros crioulos da diáspora, graças às suas poupanças, que foram enviadas, nas cartas ou em mãos, ajudaram, as suas famílias, aqui no país, a enfrentar as secas e mais dificuldades... Essas remessas económicas foram eficazes, contra o abandono e a irresponsabilidade do colonizador em relação a Cabo Verde.

Os primeiros emigrantes cabo-verdianos cedo familiarizaram-se com os mecanismos do capitalismo (católico

-protestante), graças ao trabalho assalariado, os que regressavam à terra em férias, traziam novidades e utensílios domésticos, com impacto no melhoramento da qualidade de vida dos que ficaram e os emigrantes aprenderam o que o colono não teve capacidade de mostrar, aos nativos, a saber, os mecanismos da produção, do comércio e da poupança, área onde até à presente data os americanos continuam superiormente mais fortes e muito mais eficazes, que os próprios portugueses e, nesses tempos, a vida em Cabo Verde parecia ser quase impossível e sem esperança de mudança. Apareceram casas novas e mais construções de infraestruturas mais modernas e mais confortáveis, e a afirmação de trabalho assalariado no território

nacional fez-se valer. Se, em tempos remotos, houve nichos de desenvolvimento autónomos em Cabo Verde, hoje se houver vontade política, realizaremos, nós mesmos, a nossa rota de desenvolvimento, estamos ativos na economia mundial, a indústria turística, nacional, está a crescer e precisa ser diversificada e fidelizada, a nossa economia, nacional, precisa também ser diversificada e relançada, em todas as ilhas habitadas, o tecido empresarial deverá ser protegido e empoderado, revidendo a imposição fiscal e os custos da energia e água, sem esquecermos de criar efetivamente condições de atração do investimento direto estrangeiro (IDE).

As remessas da diáspora, que continuaram sempre, até à presente era, atuam, de maneira potencial, no crescimento e desenvolvimento de Cabo Verde, mas, elas deviam ser transformadas em investimento e a informalidade deve, necessariamente, transitar, definitivamente, para o processo formal e na presente época de sociedade da nova tecnologia de informação, comunicação, robótica e inteligência artificial, Cabo Verde, poderá, graças à integração socioeconómico da juventude das nove ilhas, hoje, mais bem formada e competente que as gerações precedentes, criar, seguramente, melhores oportunidades de mudança e de desenvolvimento, mais adequado à nossa realidade geopolítica, cultural social e económica. ■

José Valdemiro Lopes  
miljvdav@gmail.com

# VIDEOVIGILÂNCIA:

## Segurança Versus Insegurança

Por: Evan Spencer

Com o objetivo principal de diminuir a criminalidade em 30%, o Governo de Cabo Verde construiu um Centro de Comando Operacional de videovigilância, orçado em 4,5 milhões de euros, instalando um sistema de videovigilância, com alerta inteligente e comunicação operacional integrado (voz, mensagens e dados).

Denominado “Cidades Segura”, o projeto pretende garantir a segurança pública através da modernização de um modelo de gestão de segurança, garantindo eficiência e rapidez na resposta aos cidadãos ameaçados.

Em princípio, as Polícias, Nacional e Municipal, estão, assim, equipadas com as mais modernas tecnologias para combater a criminalidade, e diminuir, drasticamente, a insegurança no país, o que poderá garantir uma certa tranquilidade da população.

O Projeto Cidades Seguras, quer ser um meio eficaz de reduzir a criminalidade, garantindo a segurança nos principais centros urbanos do país, a partir de um centro de operação unificado, terá um único número para atender a população, quer seja emergência médica, de bombeiros, ou de polícia.

Esta nova forma de gerir a questão da criminalidade em Cabo Verde pode traduzir-se numa grande mais-valia para os cidadãos, em termos sociais e económicos, e de bem-estar, podendo trazer também benefícios para a incrementação do turismo e do desenvolvimento socioeconómico.

Se é certo que essa medida pode ser um paliativo para a insegurança pública do país, é certo, também, que está longe ainda de resolver este problema, que tem, na base, a impunidade dos criminosos. Para muitos, a lei cabo-verdiana tem de ser mais dura e punitiva para poder garantir a justiça e a segurança.

Segundo alguns elementos da população, a lei que temos garante segurança ao criminoso, que muitas vezes não é preso, ou é solto rapidamente, enquanto o cidadão se sente preso no seu próprio domicílio, por ter medo de ser assaltado na rua. Aliás, o cidadão está praticamente aterrorizado, sentindo-se ameaçado constantemente, com um sentimento de que a autoridade e justiça não funcionam no país. Basta ver que há juízes que dão sentença, sem julgarem os casos que têm em mãos (o que é um absurdo, evidentemente). Se bem que isso acontece, em situações especiais de mancomunicações com bancos e entidades endinheiradas.

E, em alguns casos, de esquemas de estelionato, fraude e burlas.

A questão está na jurisprudência do país, que não garante a punição devida dos meliantes e prevaricadores que cometem as maiores barbaridades e atrocidades, em assaltos violentos e homicídios constantes. Não basta o sistema de videovigilância, é preciso garantir um clima total de segurança, com boa iluminação pública, e, principalmente,

com um corpo de intervenção bem montado para o combate à criminalidade, para além de uma lei que funcione, de fato, e puna os criminosos, como se está a frisar muito.

Há pessoas, até, que receiam um pouco essa videovigilância, por ser uma forma de coartar a liberdade individual, por representar a possibilidade de acabar com a privacidade das pessoas, pois estaremos, assim, a ser vigiados constantemente, e, qualquer ato público pode ser visto por todos. Seria um pouco a modos da série televisiva “Sob Suspeita”.

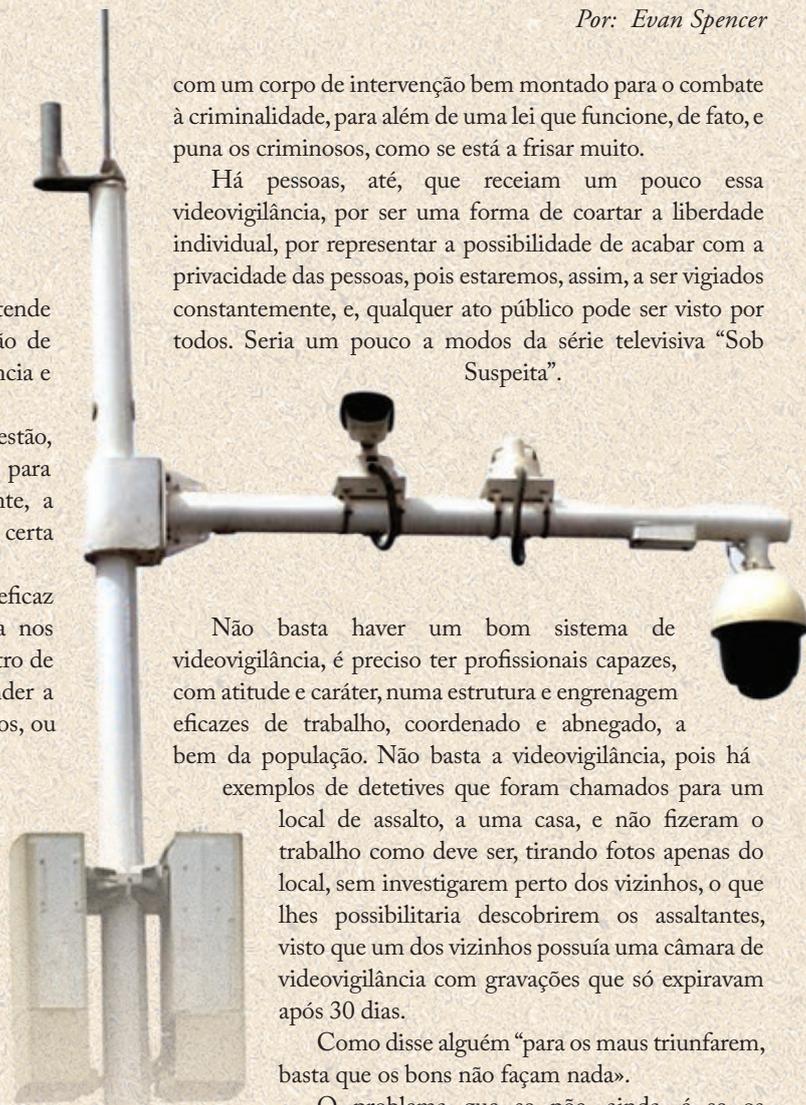
Não basta haver um bom sistema de videovigilância, é preciso ter profissionais capazes, com atitude e caráter, numa estrutura e engrenagem eficazes de trabalho, coordenado e abnegado, a bem da população. Não basta a videovigilância, pois há exemplos de detetives que foram chamados para um local de assalto, a uma casa, e não fizeram o trabalho como deve ser, tirando fotos apenas do local, sem investigarem perto dos vizinhos, o que lhes possibilitaria descobrir os assaltantes, visto que um dos vizinhos possuía uma câmara de videovigilância com gravações que só expiravam após 30 dias.

Como disse alguém “para os maus triunfarem, basta que os bons não façam nada”.

O problema que se põe, ainda, é se os vândalos não irão destruir as redes desse sistema de segurança, como têm feito com as cabines telefónicas, os postes de luz, os contentores e as árvores.

É verdade que a criminalidade vem aumentando exponencialmente no país, de ano para ano, chegando a ultrapassar os 50%. O mais grave é que a impunidade é muita. Muitos desses criminosos ficam livres e não são punidos pelos crimes cometidos. E o mais flagrante são os crimes violentos e homicídios que têm acontecido, como se fossem formas do criminoso troçar da justiça. Num país tão pequeno como o nosso, não se entende este estado de situação. Curioso é que nem o mais elementar das tecnologias funciona, tal como o IMEI, que nunca é acionado, ou, se for acionado, a vítima nunca recupera os seus telemóveis roubados, pelo que não se descortina como é que as outras tecnologias, mais complexas, podem funcionar, de forma eficaz, para o bem da população.

E aqui, queremos abrir um parêntese relativamente a essa boa nova era das tecnologias de segurança, que carece de alguma reflexão, na linha da que foi feita, há muito tempo, já num tempo ainda longe de termos sonhado com estas maravilhas de “Um Novo Tempo” e “Um Novo Mundo”. ■



# Salmos Sonhando Sol

de

**D**ANNY  
**S**PÍNOLA

*Uma apresentação especial por Daniel Medina*

34

Socra Magazine

Permitam que me penitencie, porquanto, se a apresentação de um livro, feita com sentido de responsabilidade estética e literária é uma tarefa pungente, hercúlea e imbuída de subjetividades cometidas pelo putativo apresentador, um livro de Danny Spínola (DS) com este quilate, é um autêntico desafio.

A dimensão pensante deste livro só é perceptível através de uma leitura “clínica” aturada. Acontece que, de cada vez que ele publica algo, digo para os meus botões: “desta vez deu o máximo, ultrapassou todas as minhas expectativas”. No entanto, não sei por que carga de água, os botões nunca me respondem. Talvez saibam, mais do que eu, que este ser humano batizado com o nome artístico-poético de Danny Spínola consegue sempre surpreender-se. E a nós também.

Esta viagem começa com um salmo. “...Pois será como uma árvore plantada junto a ribeiros de águas...a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará”. Esta indicação sálmica de índole profética é uma esteira onde se cruzam: amor, vontades, fé, esperança e tempo.

Durante o percurso de leitura desta obra iremos sentir ou descobrir na alma desses seus escritos que o poeta parece ter uma fé divina, ou quem sabe, a intuição interna da existência dum Uno Supremo Divino.

Portanto, toda a leitura dos seus poemas se imbricam de subjetividades, caso - o amor, a fé, a luz e os sonhos - sejam isso mesmo, abrindo portas para quaisquer interpretações possíveis, dada a profundidade desta temática.

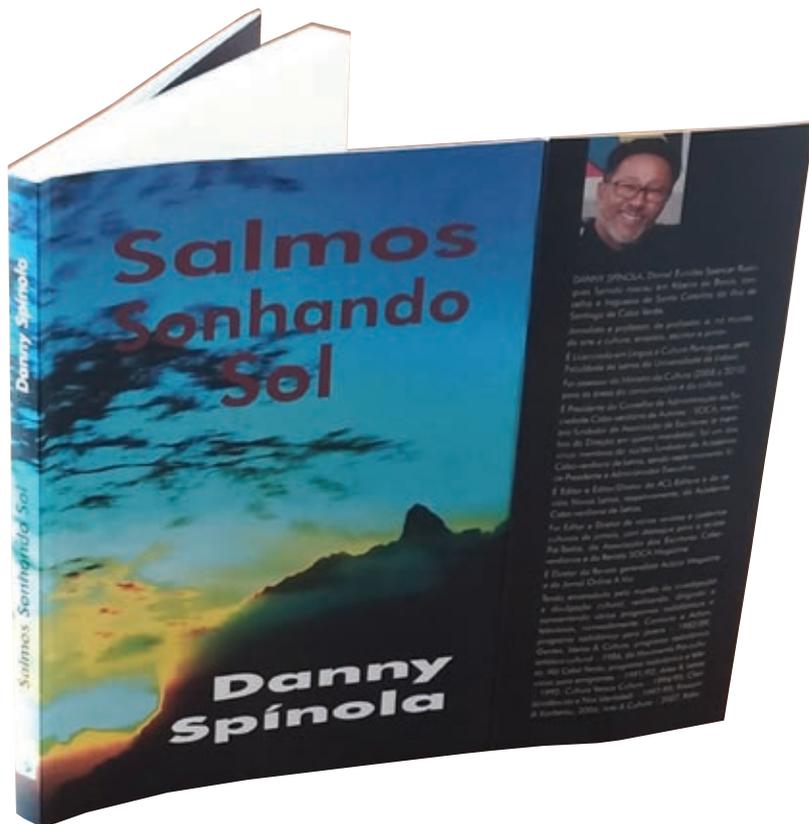
DS traz uma marca estilística diferente neste livro. Decidiu colocar os títulos no final de cada poema. Outra é a de colocar palavras aparentemente aleatórias com iniciais maiúsculas.

## OS SALMOS

Sabemos que Salmo é um termo usado para designar uma composição que se pronuncia ou se entoava para louvar uma divindade. Os tradicionais do catolicismo e do judaísmo destacam-se compilados numa série de livros que fazem parte do Antigo Testamento. Quase todos preconizam a paz para a alma, a esperança e o conforto. O livro de Salmos é composto de 150 capítulos sendo David o salmista mais conhecido.

Existem diferentes tipos de salmos: didáticos, os de ação de graças, os de sabedoria, entre outros. Por meio dos salmos, os cristãos podem cantar e louvar a Deus expressando o seu amor, gratidão ou mesmo podem ser usados num sentido de profecia.

A riqueza de comparações e a profundidade dos sentimentos garantem a beleza dos salmos e fazem com que, a qualquer tempo, um adorador possa se identificar: profundezas da alma, esperanças, provações, perdas e ganhos, vitórias, resignação, adoração, arrependimento, gratidão, clamor na enfermidade, senso de justiça e toda espécie de anseio humano.



## PARTINDO DO PRESSUPOSTO DE QUE OS POEMAS TAMBÉM SONHAM, DS PERMITE AQUI QUE OS SALMOS GANHEM OUTRA DIMENSÃO E VIAGEM NAS ASAS DO SOL. E GANHAM MAIS FORÇA COM A LUMINOSIDADE DO ASTRO, POIS ESTE OS ILUMINA E OS LEVA AO PATAMAR DO CONHECIMENTO

O próprio Jesus Cristo, filho de Deus, figura central do cristianismo, utilizou os Salmos durante o seu ministério.

Os salmos possuem um certo caráter musical, que determina o modo como devem ser executados. E, assim, mesmo quando o salmo é recitado sem canto, ou até individualmente ou em silêncio, a sua recitação terá de conservar este mesmo caráter.

Eles são também poesia, que é a forma mais apropriada para expressar os sentimentos diante da realidade da vida permeada pelo mistério de Deus. Tudo isso para dizer que este trabalho meticuloso de Danny Spínola – não se espantem! – está alicerçado numa profunda religiosidade que traça horizontes poéticos e proféticos

(em termos de análise societal) e que podem ser cantados à semelhança dos salmos bíblicos. Diria que são caminhos diferentes para se atingir os mesmos objetivos na procura da luz e do amor.

### SONHOS

A linguagem dos sonhos é simbólica, o que instiga ainda mais a nossa curiosidade sobre o que eles querem dizer. E não há limite para quem sonha. O sonho é uma experiência que possui significados distintos se for ampliado um debate que envolva religião, ciência e cultura. Para a ciência, é uma experiência de imaginação do inconsciente durante o nosso período de sono. Durante o sono, mesmo deitados nas nossas camas, podemos voar, nos transformar e viajar por mundos inimagináveis.

Há textos muito profundos sobre sublimações, predestinações e exortações à volta dos sonhos.

Para Freud, os sonhos noturnos são gerados, na busca pela realização de um desejo reprimido. Outros dirão que os sonhos são a estrada real para o conhecimento da mente ou para mostrar aos mais incautos a verdadeira dimensão do sonho como forma de construção.

A oniromancia, previsão do futuro pela interpretação dos sonhos, tem grande credibilidade nas religiões judaico-cristãs: consta na Torá e na Bíblia que Jacó, José e Daniel receberam de Deus a habilidade de interpretar os sonhos. No Novo Testamento, São José é avisado em sonho pelo anjo Gabriel de que sua esposa traz no ventre uma criança divina e, depois da visita dos Reis Magos, um anjo em sonho o avisa para fugir para o Egito e quando seria seguro retornar a Israel.

Partindo do pressuposto de que os poemas também sonham, DS permite aqui que os salmos ganhem outra dimensão e viagem nas asas do Sol. E ganham mais força com a luminosidade do astro, pois este os ilumina e os leva ao patamar do conhecimento.

### SOL

O Sol simboliza a luz, o amor, a paixão, a vitalidade, o conhecimento, a juventude, o fogo, o poder, a realeza, a força, a perfeição, o nascimento, a morte, a ressurreição, a imortalidade.

Símbolo complexo, o Sol é um elemento presente em muitas crenças, rituais e costumes desde a antiguidade, representando a força vital e o poder cósmico; e, por isso, esse símbolo está presente em muitos mitos da criação do mundo.

Símbolo da luz, o Sol era considerado o norteador humano e, em algumas tradições, ele é uma manifestação divina, simbolizava o “Pai Universal”, aquele que rege e, portanto, é cultuado e adorado como um Deus.

O Sol é também considerado um símbolo de Cristo na medida em que os seus raios representam os seus apóstolos e pelo facto de refletir esperança, é um dos símbolos cristãos da ressurreição.

Muitos deuses, em diversas culturas, estão também associados ao Sol, como por exemplo, Eos, a deusa grega do amanhecer que com o corpo coberto de orvalho matinal, representa a juventude e a esperança.

## POESIA TRANSCENDENTAL

Sabemos que alguns autores têm vidas pessoais mais interessantes do que aquelas que criam ficcionalmente. A poesia de Spínola nos eleva a universos pouco explorados, colocando-o como um dos grandes poetas da literatura nacional e mundial.

O autor de Salmos Sonhando Sol congrega de uma forma especial, num autêntico jogo de espelhos, a imanência e a transcendência. Ora, os termos imanência e transcendência, são, em princípio, opostos e designam, respetivamente, aquilo que se encerra em si mesmo e aquilo que tem uma causa maior e exterior a si mesmo.

Esta permissão filosófica foi referida por Platão que estabeleceu a distinção entre as duas realidades. Essa discussão sobre a diferença entre os dois termos permeia a religião e pode ser mais bem visualizada no contexto religioso.

Ainda sob a temática transcendental, os poemas de Danny Spínola atribuem as causas mundanas ao divino, ao universo. Escreve livre de amarras, mesmo estando “preso” a um espaço físico de que ele mesmo pode se soltar, através da sua própria imaginação, viajando pelo cosmos.

Os seus escritos conduzem-nos à liberdade. Liberdade esta de pensamento, de ir e vir metafisicamente, de trabalhar e de ser livre para o que queira ser.

Jean-Paul Sartre quando anuncia que estamos condenados à liberdade é porque ela não nos pode ser dada no ontem, no hoje e nem no amanhã, ou seja, a liberdade não pode ser uma escolha, uma vez que o homem - no mundo - é sempre um projeto de vida livre, dono do seu destino.

## A MULHER E O AMOR

Este livro versa e explana a luz do amor na maioria dos seus poemas. É natural que para escrever um poema, este deve transportar-se para a esfera da Musa e perder-se por lá. Ele deve ser como a chama que queima tudo exceto a si mesma. Por conseguinte, o amor é um sentimento que não pode ser racionalizado. Nasce da sensibilidade humana, do sentir, do querer e do doar-se.

Amor é o elo da vida. Está na admiração, na simplicidade, no companheirismo, na tolerância, na renúncia, na lealdade, no respeito, na paciência, na ternura, na lembrança. É a essência da alma, sobrevive além da distância.

Graças ao misericordioso amor do nosso Deus, o Sol que nasce do alto nos visitará. Diante deste amor paternal, cabe a nós, filhos do amor, simplesmente amar. O amor é isso: amar e desejar ser amado, sem cobranças nem intolerâncias! E é o que este livro reflete em ti a sua essência.

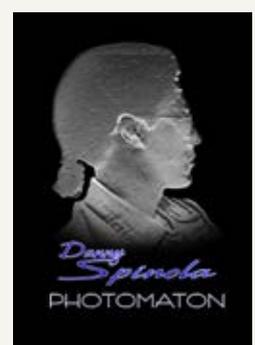
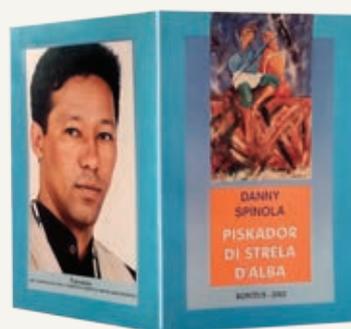
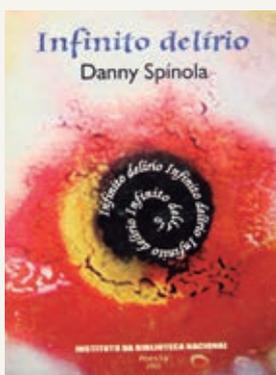
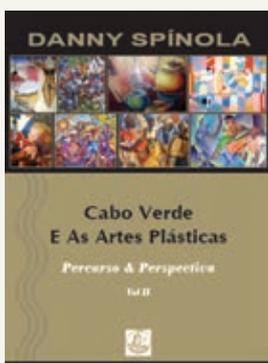
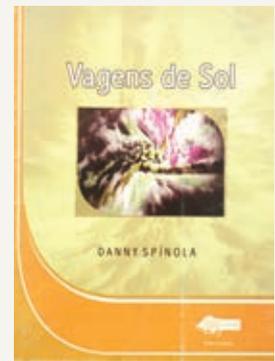
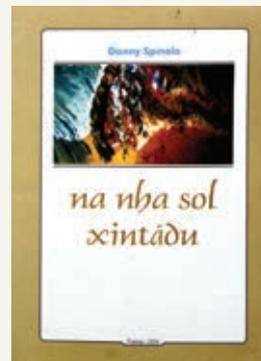
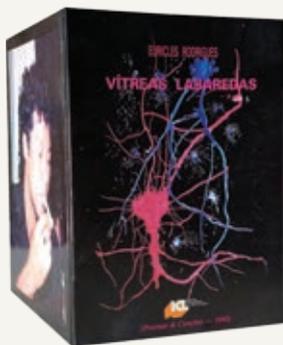
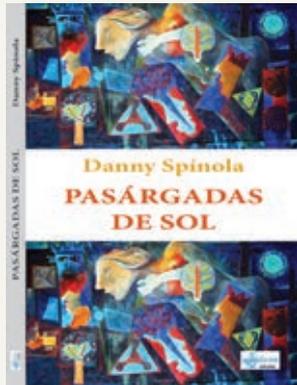
A primeira dimensão do amor (tão esquecida quanto mal interpretada) é esta: amar a si mesmo. Ao contrário de qualquer desvio narcisista – como tem sido a tônica nesses tempos de *selfies* e afins –, o amor a si mesmo seria o alicerce fundamental de tudo em nossa vida.

Com imensas dedicatórias, o livro fala de Jesus, de criação, de fé, de misticismos, da natureza, de mistérios, de sensualidade, de encantamentos, de artes, do cosmos, de sonhos e de amor.

Enfim, é um livro de amor, escrito com amor, porquanto os salmos, os sonhos e o sol, prenunciam e conduzem-nos ao amor universal. ■

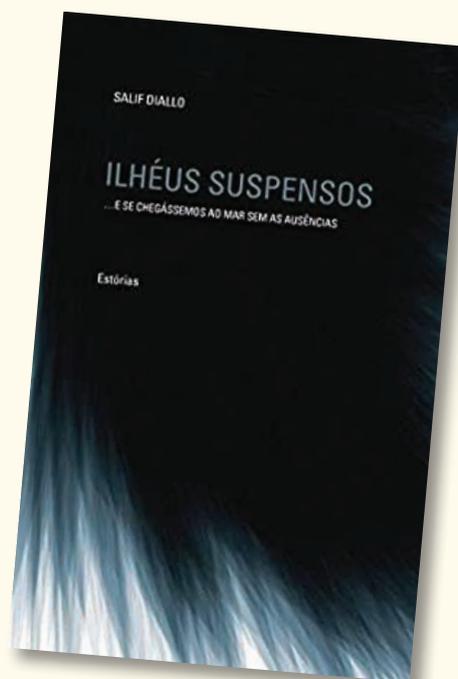


# ALGUMAS OBRAS DO AUTOR



# Uma antecipada apresentação!

Por: A. Sena



## 1ª parte

**À laia de questão prévia, tenho o ónus de esclarecer aos leitores a presente peça que se publicita: era suposto que o ato em pauta se enquadraria, por insistência amiga do autor, SALIF DIALLO (SD), numa apresentação pública e coletiva, na capital do país.**

**Porque os mal-iniciados e imberbes (impreparados, no caso – valeria dizer!) são os mais impacientes, não resistindo à ansiedade (e correlativa pressão tomando conta de um neófito na matéria) – perante delongas ou indefinição do quadro final, os impacientes (dizia) claudicando, optaram por uma saída à capucha! Para fechar este intróito: deve ficar registado este esclarecimento a anteceder o texto que se segue – o impaciente em causa (que entendeu dar à estampa a peça de apresentação) é quem se vos dirige!**

38

Sociedade Magazines

Meus amigos!

**H**averá dias em que uma criatura quase que se arrepende de ter acordado, de ter descerrado os olhos. Mas, dado que não reside na vontade de um sujeito desdormir, lá terá ele que, involuntariamente, ainda que num ato reflexo, tomar consciência de que o dia clareou, de que o mundo segue girando e que a vida está somando os pequenos atos que perfazem uma existência.

Terá sido por um desses pequenos atos parcelares do nosso ciclo de existência e num desses dias aziagos (para mim, claro!) que o estimado amigo SD se terá lembrado de me comunicar uma tarefa ímpar – a de fazer a apresentação do seu livro ILHÉUS SUSPENSOS aqui na capital do país.

Para quem fora convidado (permitam-me sublinhar o termo “convidado” para evitar dizer “forçado”) a prefaciar essa obra e a, mais tarde, proceder à sua apresentação na altura do lançamento do livro na ilha natal do autor – tudo isso após ter efetuado a revisão dos textos integrando o volume – para quem (dizia) passou por to-

dos esses momentos, naturalmente ficará o justo receio de repetir-se. Ou a desconfiança (quase a certeza!) de não encontrar mais nada a dizer dessa coletânea de estórias.

Entenderão outros de modo diverso: para quem já perpassou algumas vezes pelas ricas e succulentas páginas desse volume, a estreita familiaridade com o seu conteúdo deveria ser de tal ordem que não haverá mistérios, dúvidas ou reticências que perturbem uma apreciação escorreita. Ou obstaculizem um desaterro a contento. E que, portanto e naturalmente, não surgirão antolhos de monta para mais uma leitura. Será assim mesmo? Lá terei as minhas dúvidas!

O que, desde logo, me vale (valerá?) é integrar uma sólida equipa de obreiros eméritos da coisa literária. De modo que o meu défice será generoso e solidariamente compensado pelo mérito sobranante dos companheiros da jornada. E mais: mesmo constituindo o meu desempenho demérito em si e para os demais, porque é sabido e consabido que a variedade pode consubstanciar um prisma, uma riqueza (pela unidade) resultante, bastaria

isso, apenas isso, para destilar a virtualidade de me animar e acalantar a seguir em frente!

Caros convidados, minhas senhoras e meus senhores!

No percurso de uma obra literária, entre dois polos essenciais – de um lado o autor/produtor e, no outro extremo, o leitor/consumidor – posta-se e estará o desgraçado do apresentador. Como é o vertente caso... Permitam-me sublinhar o qualificativo “desgraçado”, pois tal como o mexilhão, tendo de um lado o mar e de outro a rocha, ele, o apresentador, estará entre a espada e a parede.

Assim ensanduichado, dê por onde der, ele tem que se desunhar dessa posição esdrúxula: com qual deles estará (ou se sente) identificado? Papel e posição delicados e ingratos **ab initio**. Pelo menos à primeira vista e aparentemente. Já que, desde logo, conotado por muitos como um comparsa do autor (senão, como se explicará o convite deste para ele “ler” essa obra ao público?). Ou, ainda, como incondicional subscritor dos pontos de vista e de perspectiva – até porque compartilham ambos do mesmo espaço, na mesa da presidência, num lugar destacado e de honra?

Esta perspectiva estará longe de ser pacífica, até porque outros, menos estáticos, terão do apresentador uma visão mais dialética e dinâmica: à semelhança dos inúmeros e potenciais destinatários da mensagem do autor, ao apresentador convidado para retransmitir ao público as suas impressões, ao apresentador (dizia) estará confiado desempenhar e fazer uma antítese: mesmo sem uma expressa e explícita orientação, importará ao mesmo fazer (ou sugerir!) uma oposição ao discurso vertido, “descobrir outras verdades”. Já que esse produto à disposição e apreciação do público,

**POR ESTAS E DEMAIS  
OUTRAS RAZÕES,  
O BERDIANU É  
UM FICCIONISTA  
CONGÊNITO. MAS, NO  
CASO EM PAUTA, SD  
É UM FICCIONISTA  
ACABADO, DE GINJEIRA,  
POR EXCELENCIA!**



como qualquer obra de arte, é passível de muita e diversificada análise. A sua apreciação é, antes de tudo, subjetiva e, mais que isso, essencial e puramente pessoal. Diria mesmo: ególatra!

Como não há duas sem três, uma síntese (ou combinação!) se descortina. Ou se perspectiva. Assumindo-se declaradamente um dentre os muitos leitores, o apresentador (para descodificar a perspectiva do autor!) procura vestir a pele deste. Para o efeito, mister se torna ele conhecer muito bem a personalidade literária do plúmmitivo em questão. Ou, em alternativa, ter penetrado profundamente na obra produzida, estudando-a, sob os mais diversos ângulos, até ao âmago!

Não podendo ufanar-se este iniciante apresentador de um excelente desempenho em qualquer das alternativas da disjuntiva em presença (não pode gabar-se de um aceitável domínio hermenêutico a propósito de **ILHÉUS SUSPENSOS** e, sequer, a sua apreciação consegue dissecar q. b. a personalidade literária do escritor que responde pelo nome de **SALIF DIALLO**), não obstante tais défices, abalança-se este temerário a atrevidamente traçar umas linhas nas duas áreas.



Sem prejuízo daquilo que, a propósito da obra, mais à frente se expenderá, importará, do seu autor, registrar:

Da nascença até ao fim dos seus dias, o filho das ilhas é confrontado, numa dialética de aparente compensação, com uma mundividência fantasiosa que desafia a sua imaginação para espaços surreais. Uma forma, diria, de, eventualmente, superar as cruéis limitações que o envolvem de maneira gritante. Ou angustiante: literalmente cercado de água (mas sem ser peixe ou submersível!), enclausurado entre imponentes massas rochosas (despido, no entanto, de meios adequados!), estará ele circunscrito a vegetar. Para sobreviver. Numa terra altamente ressequida. Que, em matéria de uberdade, apenas regista sonhos. Eis, assim, o ambiente ideal para fazer medrar um ficcionista de fibra!

Por estas e demais outras razões, o berdianu é um ficcionista congénito. Mas, no caso em pauta, SD é um ficcionista acabado, de ginjeira, por excelência! Trata-se daquela velha



história que tão bem os estudiosos da matéria explicam: o meio, as condições naturais, as circunstâncias do ambiente condicionam, moldam e criam o homem. Este, numa palavra, é fruto resultante, produto redundante da natureza!

Artesão, artífice e artista da escrita, SD maneja e manobra a enxada da pena (como, a propósito desta produção, disse já algures), maneja e manobra na lavra escrevinhatória, com assinalável desembaraço, o cálamdo do seu desenfado. Mais: deparamo-nos, neste seu primeiro trabalho literário, conhecido em letra redonda, com uma corrida e escorreita criação ficcionista que de tão fantástica e fantasista (perdoem-me estas propositadas cacofonias!) merecerá ficar assinalada. Como peça de antologia!

Ainda de SD: não são apenas vocábulos, frases ou expressões que o identificam. Para além dos termos e construções, a sua cabo-verdianidade estará entranhada nos textos tal como o sal. Diluído num manjar, dá a este um gosto distinto e específico, diferenciando, de imediato, um prato temperado com esse composto doutros de tal desprovidos. O condimento chamado berdianidade é tão forte e relevante que qualquer leitor, de que paragem for, identificará como parido, e nestas ilhas vivido, o autor destes escritos. Para além desta propriedade distintiva, especifica a obra de SD aquilo a que apelidarão os entendidos de seu estilo. O estilo salifiano é, pois, a linguagem que enforma e informa a expressão artístico-literária do sujeito. Naquela dupla vertente, como se assinalou algures. Pois, tal como sucede com os escritos, observando com cuidado as gravuras estampadas no volume em análise e permeando os textos, acabamos por identificar o peculiar jeito do autor igualmente no traço. Assim como não precisamos de um acurado estudo para distinguir obra de Mito Elias da de Kiki Lima, igualmente basta-nos um relançar de olhos para, à primeira, identificarmos o específico estilo deste maiense. A autoria de SD despreza de um registo e reconhecimento notariais: quer nos textos, como nas gravuras, ela está aí: mais que subentendida, a autenticidade dessa firma e marca, por demais evidente, dispensará uma expressa assinatura por baixo. ■





## Leituras e dialogismos intertextuais entre o Brasil e Cabo Verde

Por: Maria Raquel Álvares

### Resumo

Em rotas geográficas e percursos poéticos, os caboverdianos cantaram o Brasil na sua escrita. Pretende-se dar a conhecer algumas vozes poéticas de Cabo Verde que receberam influências da Literatura Brasileira e suas relações dialógicas com os poetas Jorge Barbosa e Vera Duarte.

De Jorge Barbosa as *Cartas* dirigidas ao Manuel Bandeira e ao Brasil e de Vera Duarte os poemas «Vozes Atlânticas», «Ode ao Brasil» e outros poemas do livro *De Risos e Lágrimas*.

Fundamenta-se este trabalho com os teóricos: M. Bakhtine, Harold Bloom, J. Kristeva, Roland Barthes e os que forem necessários.

Imagens dos pintores Tarsila do Amaral e Kiki Lima serão apresentadas, destacando as suas influências temáticas.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira, dialogismo, Jorge Barbosa, Vera Duarte, Literatura Caboverdiana

## PRIMEIRAS PALAVRAS

A presença da Literatura Brasileira ocorreu nas ilhas de Cabo Verde, tendo como exemplo mais significativo no aparecimento da *Claridade*-revista de Arte e Letras (1936) criada e organizada pelos escritores João Lopes, Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes.

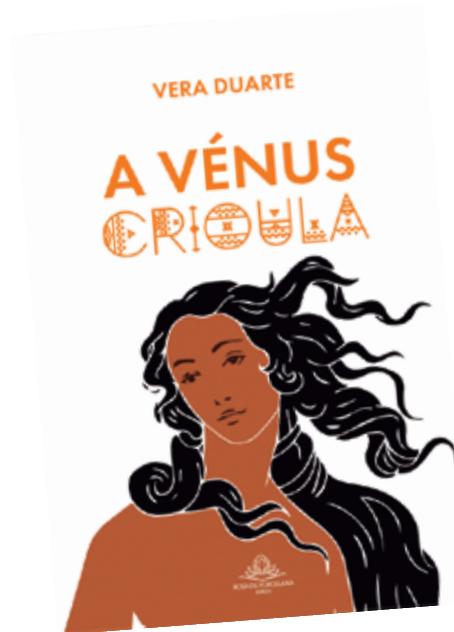
Dentro desta relação dialógica com os escritores brasileiros, esses intelectuais das ilhas crioulas foram muito influenciados em ambientes, estilos, formas de comportamento, atitudes, semelhanças profundas de estrutura social.

Dois poetas foram escolhidos, de duas épocas históricas importantes na literatura caboverdiana: Jorge Barbosa e Vera Duarte, o primeiro antes da Independência Nacional e a segunda do pós. Dois olhares que nutrem um sentimento de ligação muito forte em diálogos com as diversas vivências e interações entre dois povos.

## DOIS OLHARES POÉTICOS

Jorge Barbosa fundador de uma nova estética poética que reflete o sentir do sujeito poético com o espaço das ilhas e suas consequências psicológicas expressas pelo sentimento de solidão, de nostalgia, estados de ansiedade que o leva a sonhar com outros horizontes para lá do mar. O factor geográfico do Arquipélago tem condicionalismos climáticos, marca a sentimentalidade e a maneira de estar do homem, e constitui o factor predominante na sua poesia.

No texto «Carta para o Brasil» (2002:133) com a epígrafe (ao cuidado de Gilberto Freyre) o sujeito poético manifesta o desejo de uma viagem imaginária ao Guanabara, ele faz uma viagem ao interior do próprio sujeito numa procura de estar com o outro, um percurso nos planos mental, afetivo ou intelectual entre o real



e o onírico: «Estou a ver-me entrando no Guanabara/ para essa visita finalmente [...]» (2002:133) associada a uma indefinição do tempo da partida, «Não sei quando será/Algum dia, meu amigo, /Algum dia !». (2002 :135).

O sujeito poético dá um tom característico ao apelo da terra e à temática da evasão, dilema que animou a sua poesia dos primeiros tempos, esse desejo do poeta de querer sair, a partida para assistir «aos sambas nos Morros/estar nas [...] cidadezinhas do interior/querer deixar-se arrastar [...] na onda da Praça onze/ na Terça-feira do Carnaval [...] ver o mar do Sertão/ de apertar a cintura de uma cabocla » (2002:136).

Esse gosto pelo Brasil estende-se a Manuel Bandeira a quem dedica alguns versos e ao Doutor Jorge de Lima. O poeta evasionista de teor psicológico faz uma representação mental de um desejo impossível de realização.

Deve-se dizer que Jorge Barbosa como qualquer caboverdiano viveu na condição do ilhéu, sempre em conflito permanente entre a pequenez da ilha e a imensidão do mundo, que o mar separa.

O poeta compara o Brasil a Cabo Verde nas secas, dramas, renúncias, na música, na bebida, determinados espaços e ambientes em que se assemelham. Cabo Verde com os tocadores de violão, o sucesso, a perfeição dos seus tons, a cachaça, o grogue de cana, contudo o café da Ilha do Fogo é melhor do que o do Brasil.

Uma das grandes diferenças entre o Brasil e Cabo Verde é que o povo brasileiro ainda pode fugir ao flagelo e o caboverdiano não tem a possibilidade de fuga.

Jorge Barbosa na *Carta Você Brasil* dedicada ao poeta Ribeiro Couto, o sujeito poético na primeira pessoa do singular, uma vez mais relata esse seu gosto, as semelhanças entre os dois países, a sua grandiosidade. Ele destaca a importância das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Baía de todos-os-Santos, ainda foca a música brasileira, sambas e batucadas e em Cabo Verde também «os canta e dança e sente/

com o mesmo entusiasmo/e com o mesmo desalento também.» (2002:137). O sujeito poético reforça Cabo Verde com as mornas, polcas, cantares que também são semelhantes aos do Brasil pela presença da nostalgia, do desalento, simplicidade e emoção. A estudiosa Elsa Rodrigues dos Santos reforça a atração do sujeito poético pelo Brasil:

[...] explica-se não só pelas semelhanças apontadas pelo poeta (o povo, pelo quase idêntico fenómeno de miscigenação, o português falado com o seu sotaque, as mornas, as polcas, os cantares cabo-verdianos fazendo lembrar as músicas brasileiras, as secas do Ceará semelhantes às estiagens em Cabo Verde, a cachaça, o grog de cana, os tocadores de violão e o café da ilha do Fogo tão bom como o brasileiro) mas também pelo interesse que deriva da leitura dos escritores brasileiros: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Gilberto Freyre e Jorge Lima. (1989:80).

Jorge Barbosa como qualquer ilhéu viveu condicionado pelo espaço geográfico. Houve um conflito permanente entre a pequenez da ilha e a imensidão do mundo, que o mar separa. Assim ao viver numa prisão projeta algumas viagens imaginárias, num desejo evasíonista.

Nesta viagem imaginária o sujeito poético dialoga com os outros, procura fazer uma relação intimista com os diversos espaços e ambientes brasileiros que implicam sentimentos e estados de alma consequentes da insularidade.

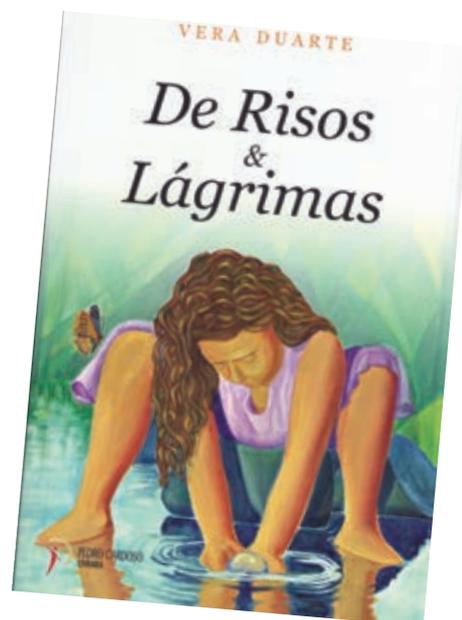
No seu olhar distanciado geograficamente, o poeta, em resgate confessional, sente essa aproximação entre os dois países pelo processo aculturativo, o ethos africano e as secas com as suas desgraças conhecidas pelo ilhéu de Cabo Verde.

Igualmente a poeta Vera Duarte no texto poético «Ode ao Brasil» (2018) dedicado à Dirce Carrion, exalta as terras brasileiras, destacando a paisagem, o passado histórico, as terras da Amazônia, de São Salvador, do Ceará que ela interiorizou: «Ah Brasil terras da morabeza/Deixa que estas ilhas africanas/jangada de pedra à deriva/Em busca da présida Atlantida» (2018:79). O sentimento expresso pelo sujeito poético virado à africana ancestralidade, isto é, aos antepassados: « E entre a baía das gatas/E a foz do Iguazu/Entre Santa Catarina alta/E a São Paulo desmesurada.» (2018:79).

Percursos afetivos que referenciam o passado histórico daqueles que foram os primeiros a chegar às suas terras, os portugueses, as tropas da rainha Ginga, os anglos, os alemães, «asáticos meticulosos/todos estiveram presentes e extraíram riquezas/Das matas esculpiram jardins/Em recantos de paraísos tornados/Por nova gente habitados.» (2018:79).



IGUALMENTE A POETA  
VERA DUARTE NO TEXTO  
POÉTICO «ODE AO BRASIL»  
(2018) DEDICADO À DIRCE  
CARRION, EXALTA AS TERRAS  
BRASILEIRAS, DESTACANDO  
A PAISAGEM, O PASSADO  
HISTÓRICO, AS TERRAS  
DA AMAZÓNIA, DE SÃO  
SALVADOR, DO CEARÁ QUE  
ELA INTERIORIZOU





O Brasil é visto como o espaço da fraternidade entre os povos e não deixa de focar «os navios negreiros/os escravos foragidos/de Cabral a Mourão [...] (2018:80) e por último pede para que a união entre os dois países permaneça no espaço miscigenado existente. Há no texto uma geografia em busca de união marcada por um lirismo sentimental e uma dimensão de natureza intertextual e em simultâneo com os dois textos «Carta para o Brasil» (2002) e «Você Brasil» (2002) de Jorge Barbosa, em relação aos diferentes espaços físicos, a nível geográfico e sociocultural, reafirmando a necessidade de uma reciprocidade cultural.

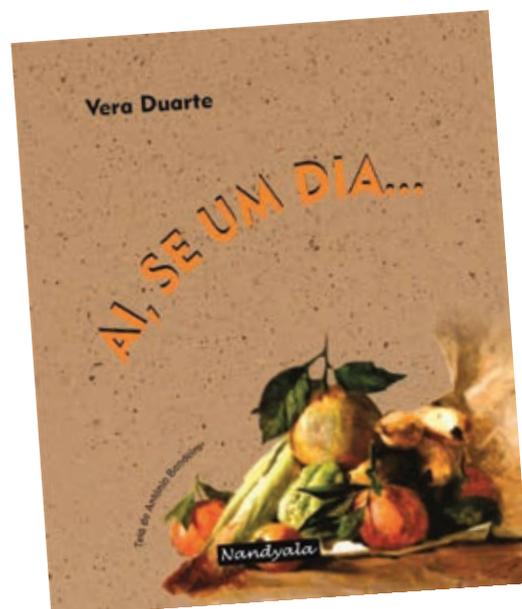
44

Socra Magazine

Recorda-se Sophie Rabau: «un texte est une transformation d'un autre texte et en ce sens il agit sur lui, le travail.» (2002 :26). Retoma-se o texto «Ode ao Brasil» (2018) de Vera Duarte, espaço onde o sujeito poético faz uma homenagem às terras brasileiras numa travessia atlântica em que rememora a história dos africanos, a luta pela libertação colonial e a relação histórico-cultural com o Brasil. Laurent Jenny seguindo o pensamento de Julia Kristeva, afirma: «Il y a intextualité quand le texte retravaille un autre texte» [...] (1976:262). Sem dúvida que a escrita desta poeta não só sofre influências semânticas e textuais do poeta Jorge Barbosa como também dialoga e exalta o Brasil.

De facto a existência de partilhas culturais e literárias entre os dois países, além da evocação de outros momentos históricos conforme apontado por Vera Duarte como «A estação da dor» no seu ensaio «O Atlântico Estrada Cultural entre Cabo Verde» de 2013 publicado em *A Palavra e os Dias* (2013:142). É de notar que a poesia desta escritora sofre influências do poeta Jorge Barbosa e neste sentido cita-se Harold Bloom: «Acontece por vezes que um poeta influencia outros ou mais precisamente, que os poemas de um poeta influenciam os poemas de outros, através de

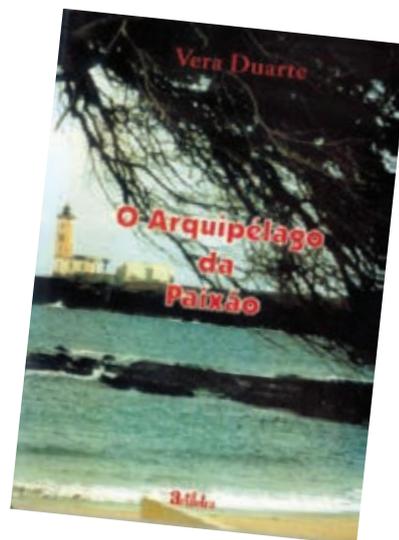
O CANTO ÉPICO DO SUJEITO POÉTICO ESTÁ TAMBÉM PRESENTE NO POEMA «VOZES ATLÂNTIDAS» (2018), FALA AO BRASIL COM DEDICATÓRIA A SIMONE CAPUTO GOMES



uma generosidade do espírito, mesmo de uma generosidade partilhada.» (1991:43).

A poesia de Vera Duarte sofre influências de alguns poemas do ilustre escritor Jorge Barbosa mas também brasileiras, buscando a proximidade dos dois países, Brasil e Cabo Verde.

O canto épico do sujeito poético está também presente no poema «Vozes atlânticas» (2018), fala ao Brasil com dedicatória a Simone Caputo Gomes. Aqui a poeta assume o papel de uma voz sofredora que «sangra» em relação à escravatura presente em «navios negreiros» (2018:92) e a sua vinda às terras caboverdianas. Essa voz é o grito dos «bravos emigrantes» numa procura de trabalho e que foram para o Brasil. É a voz «leve e cantante» (2018:92) daqueles que atravessaram o Atlântico, é a voz dos homens e mulheres destemidos que fizeram do Atlântico o caminho de abertura a novos contatos, uma navegação de união e de solidariedade no futuro. Ainda as vozes estão presentes em Castro Alves, em Jorge Barbosa, em Vera, Simone, Cesária, Daniela e outras que se cruzaram cheias de ternura, de sonhos, «abraçando o mundo» (2018:94), vozes atlânticas de união, de amor e de amizade que unem o Brasil a Cabo Verde e que guardam na memória épocas históricas de extrema relevância.



Ana Mafalda Leite no prefácio do livro *De Risos & Lágrimas* (2018) de Vera Duarte escreve:

[...] «Ode ao Brasil», «Ode a Mindel», «Vozes Atlânticas – fala ao Brasil» postulam também de uma certa continuidade entre a experiência do espaço e a linguagem, revelando, para além dos percursos de viagem da autora e seu especial afecto pelo Brasil, os muitos especiais afectos e partilhas culturais e literárias entre Cabo Verde e o Brasil, além da evocação de outras épocas históricas [...] (2018:10).

Vera Duarte dirá que «existe entre nós um tipo de relações não só de proximidade geográfica, mas de carácter histórico, cultural e linguístico, o traço de



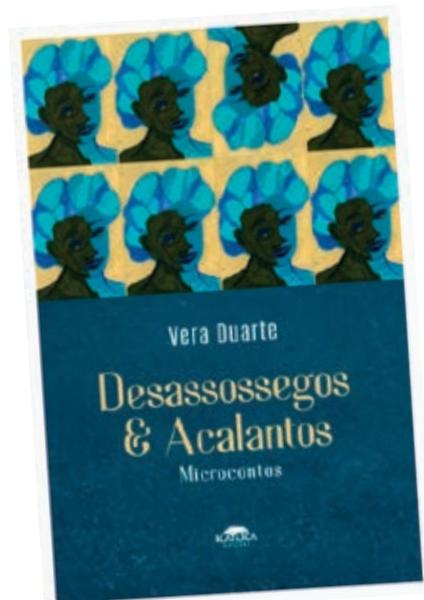
união entre todos nós, o concreto que nos liga de forma inabalável.» (2013:142). No texto «As literaturas dos PALOP no currículo escolar brasileiro» dedicado à Carmen Tindó Secco e que se encontra em *A Palavra e os Dias*, a escritora informa:

Bebi Brasil desde tenra idade, nas páginas de Jorge Amado de *Capitães de Areia* e *Subterrâneos da Liberdade* que, literalmente, embalaram nossos sonhos de liberdade, na sedutora *Helena* de Machado Assis e nos versos de Manuel Bandeira e Guimarães Rosa, entre muitíssimos outros poetas e escritores brasileiros. (2013:143).

Dois encontros poéticos, Jorge Barbosa e Vera Duarte de grande dimensão literária, de olhares diferentes, o primeiro imaginado e à distância, o segundo de experiências vividas que em diálogos sublinharam aproximações, traços de união, relações histórico-culturais, pontes, alianças numa busca da *Estrela da manhã* (1936) idealizada por Manuel Bandeira, retomada por Jorge Barbosa e presente em Vera Duarte.

## DOIS OLHARES PICTÓRICOS

O filósofo francês Étienne Souriau no livro *La Correspondance des Arts, Science de L'Homme: Éléments d'Esthétique Comparée* (1969) sustenta o interesse em relacionar as várias expressões artísticas no âmbito de uma estética comparada: «Poesia, arquitectura, dança, música, escultura, pintura são todas as activida-



des que, sem dúvida, profunda, misteriosamente, se comunicam ou comungam [...]» (1963:16). Interessa focar que a relação entre a literatura e as artes plásticas é importante porque o texto pictórico verbaliza formas, texturas, cores, representações presentes no texto literário, esse mesmo corpus que reflecte a sociedade em determinadas épocas históricas.

Assim o modernismo brasileiro desenvolvido nas décadas de 1930 e 1940 por poetas como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, preconiza temáticas poéticas exclusivamente brasileiras, populares e tradicionais, bem como o romance regional nordestino de Raquel Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos são particularmente sensíveis para os escritores caboverdianos. Segundo Simone Caputo Gomes.





O Modernismo brasileiro e a ruptura histórica que a Semana de Arte Moderna de 1922 (desencadeou com relação ao paradigma estético-literário europeu constituíram o húmus que propiciou a busca da tradição regional (num primeiro momento) em consonância com os movimentos de autenticidade e de diferenciação face à cultura do colonizador. (2008:117).

Assim as relações entre a arte verbal e a pictórica constituem sentires que visualizam instantâneos do povo brasileiro e caboverdiano, destacando-se Tarsila do Amaral (Brasil) contemporânea do poeta Jorge Barbosa (Cabo Verde) e mais recentemente Kiki Lima, integrado na geração da poeta Vera Duarte.

Tarsila do Amaral (1886-1973) nasceu em Capivari, estudou pintura, desenho e escultura em São Paulo, viajou pela Europa, conheceu o meio intelectual parisiense, conviveu com Blaise Cendrars, André Lhote, Ferdinand Léger, participou em diversas exposições, em São Paulo, e inaugurou o modernismo brasileiro.

Esta artista que participou nos movimentos Pau-Brasil e Antropofágico, tendo como ponto de partida a tela *Abaporu* (1928), obra inspiradora deste último movimento inerente à construção de um projeto representativo de um novo modo de olhar para os aspectos culturais nacionais.

Na sua produção plástica, Tarsila do Amaral utiliza símbolos da cidade, como carros, trens, bombas de gasolina, torres, ou de tropicalidade, palmeiras, cactos, bananeiras, ou de história, construções coloniais, igrejas, cidades históricas, fazendas, ou étnicos, negros, mulatos, mamelucos, tipos regionais. Ela pintou paisagens, árvores, montanhas, casinhas simples, invenções plásticas que traduzem o urbano e o rural nacional brasileiro.

De acordo com o espírito da época, de reforçar a necessidade dos escritores e artistas plásticos valorizarem a sua terra, o popular e o primitivo do Brasil nas suas obras, Tarsila do Amaral pintou *Canaval em*

ESTAS RELAÇÕES  
CULTURAIS E LITERÁRIAS  
LEVARAM A LIGAÇÕES  
E ABERTURAS A  
NOVOS CAMINHOS E A  
INFLUÊNCIAS ESTÉTICO-  
IDEOLÓGICAS QUE VÃO  
MARCAR A POESIA E  
A PINTURA DAS ILHAS  
CRIOULAS.





*Madureira* (1924), *Palmeiras* (1925), *A Feira II* (1925), *O Mamoeiro* (1925) e outros quadros expressivos e representativos das terras brasileiras.

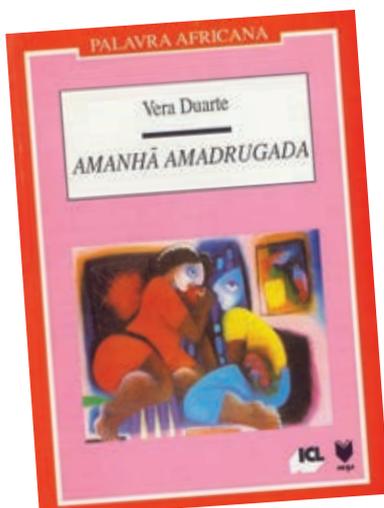
Igualmente Kiki Lima, artista plástico contemporâneo pinta cenas do povo caboverdiano, como os pescadores, homens e mulheres, trabalhadores do campo que mostram a alegria nas festas com as danças típicas, entusiasmos de esperança de uma população que luta contra as adversidades impostas pelo clima, a insularidade, a seca e também a angústia da partida a contrastar com a alegria da chegada. Este pintor procura resgatar as temáticas dominantes na literatura de seu país que o movimento *Clareza-Arte e Letras* (1936) introduziu, cujos escritores influenciados pelos artistas brasileiros, criaram uma literatura virada para os problemas sociais das ilhas caboverdianas.

Pelas mãos de Kiki Lima surgem quadros cheios de movimento e luz, elementos bem presentes em *Pilando sentada* (1997), *Regresso da pesca* (1998), *Conjunto viola e bique* (1998), *Festa Feminina* (2002) e outros momentos vividos pelo seu povo.

Ele estabelece diálogos entre os quadros que pinta onde a dimensão da narrativa da vida humana está presente, destacando-se a pintura *Resistência* (1981) pintado seis anos após a Independência Nacional de Cabo Verde, no dizer de Elter Manuel Carlos «[...] instaura uma relação de fortalecimento de identidade do povo cabo-verdiano.» (2015:53). Este pintor procura fundar o ambiente caboverdiano nos seus quadros que espelham os diversos movimentos e ritmos dos crioulos e ainda uma forte dimensão social.

## PALAVRAS FINAIS

A relação cultural entre o Brasil e Cabo Verde desenvolveu-se a partir dos anos 30, passando a escrita literária caboverdiana a situar-se num novo espaço literário, já desprendido dos modelos lusitanos e sofrendo grandes influências dos ecos modernistas brasileiros. Essa aproximação de Cabo Verde às terras brasileiras contribuiu para o lançamento das bases de cariz social e temáticas que constituíram os ideais do movimento da *Clareza – Revista de Arte e Letras* (1936).



No que diz respeito à dimensão estético-literária, como domínio de análise e reconhecimento de particularidades expostas na literatura caboverdiana no após 25 de de Abril é de grande importância referenciar as pontes de contacto e de intervenção cultural existentes em outros espaços da escrita literária, como é o caso de Vera Duarte que escreve uma obra de cariz universalizante, inovadora e insubmissa.

Nesta ótica, o pintor Kiki Lima afirma a singularidade do povo caboverdiano naquilo que ele tem de mais genuíno e capta figuras populares que expressam a continuidade temática dos escritores Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva e mesmo da pintora brasileira Tarsila do Amaral.

Dois poetas e dois pintores interligados a nível semântico e temático em épocas históricas distanciadas, mas percussores dos ideais propostos pelos modernismos brasileiro e caboverdiano com o intuito de revigorarem as matrizes culturais entre os dois países, Brasil e Cabo Verde.

Estas relações culturais e literárias levaram a ligações e aberturas a novos caminhos e a influências estético-ideológicas que vão marcar a poesia e a pintura das ilhas crioulas. ■



## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aracy (1975). *Tarsila sua obra e seu tempo*. São Paulo : Perspectiva.

BANDEIRA, Manuel (1936). *Estrela da manhã*. Rio de Janeiro :Ministério da Educação e Saúde (edição do autor).

BARBOSA, Jorge (2002). *Obra Poética*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

BLOOM, Harold (1981). *A angústia da influência*. Lisboa : Cotovia.

CARLOS, Elter Manuel (2015). *Filosofia, Arte e Literatura : Uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano*. Lisboa : Mil : Movimento Internacional Lusófono.  
DUARTE, Vera (2013). *A Palavra e os Dias*. Brasil: Belo Horizonte.

DUARTE, Vera (2018). *De Risos e Lágrimas*. Mindelo: Livraria Pedro Cardoso.

GOMES, Simone Caputo (2008). *Cabo Verde Literatura em Chão de Cultura*. Praia : Instituto Nacional do Livro.

LIMA, Kiki (2003). *Kiki Lima*. Lisboa : Editorial Caminho.

JENNY, Laurent (1976). « La stratégie de la forme » in *Poétique*. Paris : Seuil.8.

RABAU, Sophie (2002). *L'intertextualité*. Paris: Flammarion.

SANTOS, Elsa Rodrigues dos (1989). *As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana*. Lisboa : Caminho.

# DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS A AUTORES E ARTISTAS NO DOMÍNIO

A SOCA fez uma distribuição de Direitos Autorais e Conexos (artísticos), em dezembro, a seis artistas, no domínio da música no Restaurante Hotel Vucão.



# DA MÚSICA, NUMA SOIRÉE MUSICAL NO RESTAURANTE HOTEL VULCÃO



## DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS, A AUTORES E ARTISTAS NO DOMÍNIO

A SOCA fez uma distribuição de Direitos Autorais e Conexos (artísticos), em dezembro, a vários artistas musicais, no 5Tal da Música, tendo convidado o Vice-Primeiro Ministro e o Secretário de Estado para a Comunicação Social para a Cerimónia de entrega desses Direitos.



# DA MÚSICA, NUMA SOIRÉE MUSICAL NO RESTAURANTE 5 TAL DA MÚSICA



## GALA LITERÁRIA DISTRIBUIÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS NO FORTE REAL

Em dezembro, já quase na quadra natalícia, a SOCA fez a distribuição de Direitos Autorais, Compensação Equitativa pela Cópia Privada, numa Gala Literária, que decorreu no Forte Real da Cidade Velha, onde se promoveu o livro, através de uma Feira de Livro com preços especiais; Para coroar esse evento, houve momentos de poesia e música, com alguns artistas convidados, nomeadamente: Alice Moreira, numa performance poética, e Sandra Horta, numa atuação musical fabulosa, ao pôr-do-sol.



# DA CIDADE VELHA, NUMA NOITE ENCANTO COM A CANTORA SANDRA HORTA



# GALA LITERÁRIA APRESENTAÇÃO DA REVISTA SOCA MAGAZINE HOMENAGEM NO RESTAURANTE POETA, NUMA NOITE DE ENCANTO COM A CANTORA



# AO DANÇARINO MANO PRETO ASSOL GARCIA

Relançou ainda a Revista SOCA Magazine em homenagem ao dançarino Mano Preto numa soirée especial, que aconteceu no 18, no Restaurante Poeta, onde se apreciou boa música, numa Noite Encanto especial com a cantora Assol Garcia.



## GALA LITERÁRIA DISTRIBUIÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS EM PORTUGAL

A SOCA organizou uma semana de Arte e Cultura na Associação Cabo-verdiana de Lisboa, com o lançamento da Revista SOCA Magazine, em Homenagem ao dançarino Mano Preto, e apresentação de vários livros.

Na sequência, fez a entrega de Direitos Autorais a quatro escritores radicados em Portugal, numa cerimónia especial, onde a poesia e a música estiverem em destaque, com as participações glamorosas da cantora Paula Sant'Ana e do músico Djone.





## SOCA DISTRIBUI CARTÃO DE ASSOCIADOS E ORGANIZA EXPOSIÇÃO/VERNISSAGE DE PINTURA PARA COMEMORAR O SEU 17º ANIVERSÁRIO

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) organizou um programa de atividade para assinalar o seu décimo sétimo aniversário, que teve lugar no passado dia 19 de fevereiro, na sua sede, no plateau.

Lançamento de um jornal, suplemento da revista SOCA Magazine, uma Exposição de Pintura e tertúlia musical, foram os momentos altos da SOCA nessa data especial.

Segundo o Presidente da SOCA, este suplemento, que passa a sair trimestralmente, e que será distribuído gratuitamente, é uma forma de levar, ao público em geral, informações sobre as atividades da SOCA, que não são cobertas pelo Mídia público, nem pelos jornais comprometidos e mercantilistas.

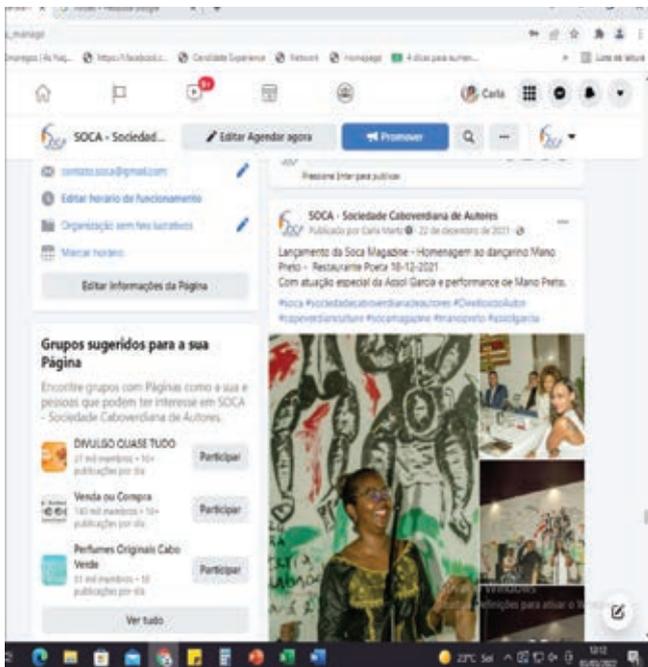
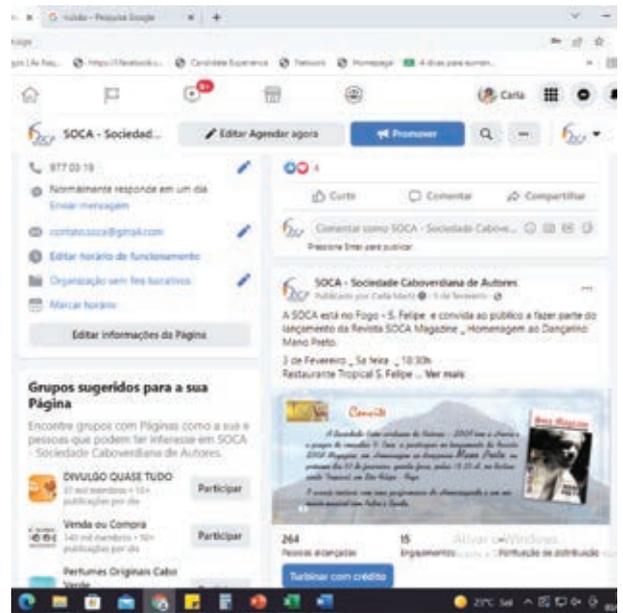
Para encerrar essa comemoração, estiveram presentes *vários artistas*, convidados especiais da SOCA, que abrilhatarão a **Soirée Cultural/ Musical**, nomeadamente: Pantcho e Zé Diola, Ailton Gomes, Tonito Sanches, George Tavares, Nhanha de Felipa, Kim di Nanda e Mick Baptista.



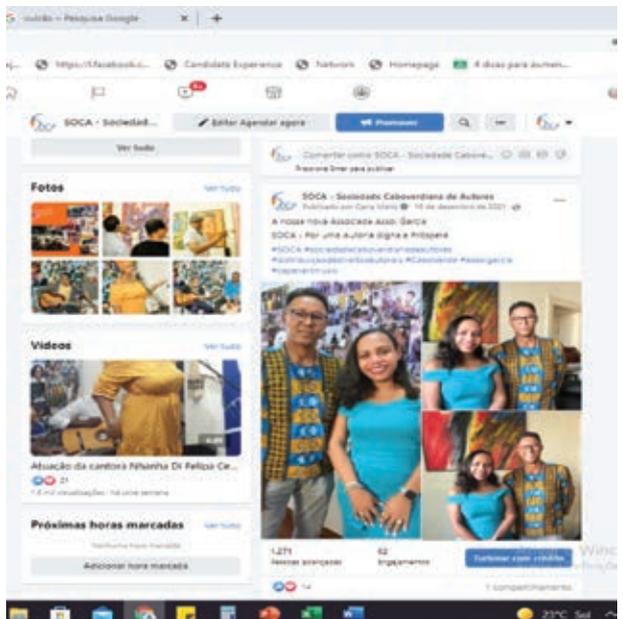
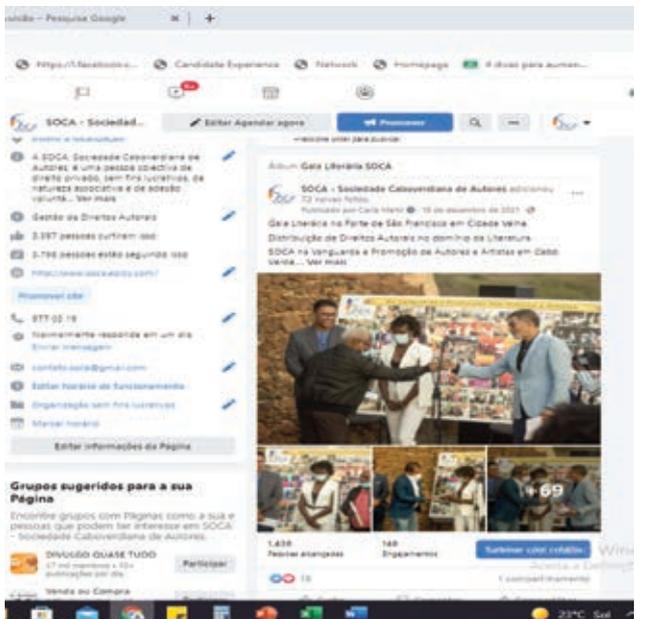


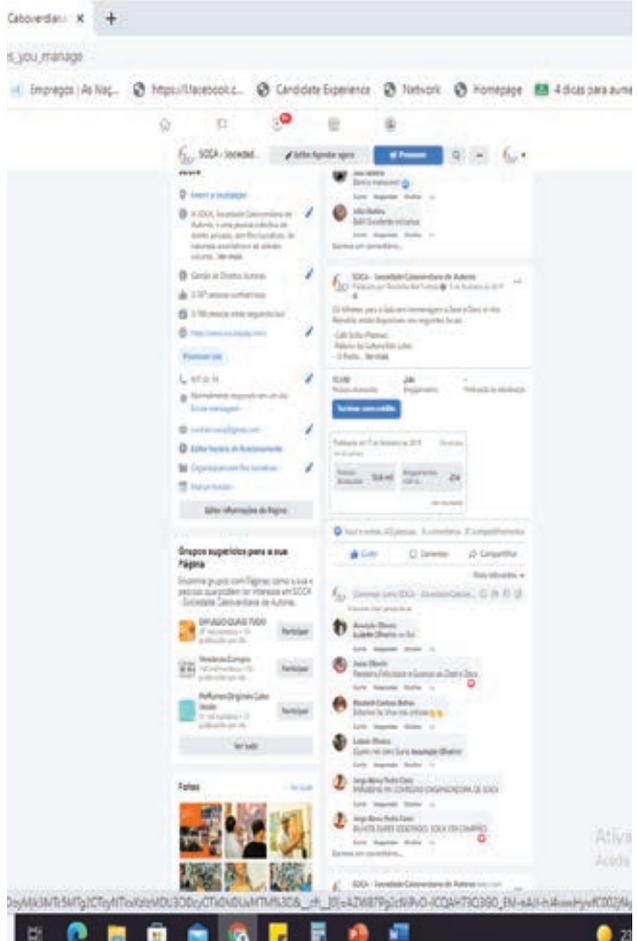
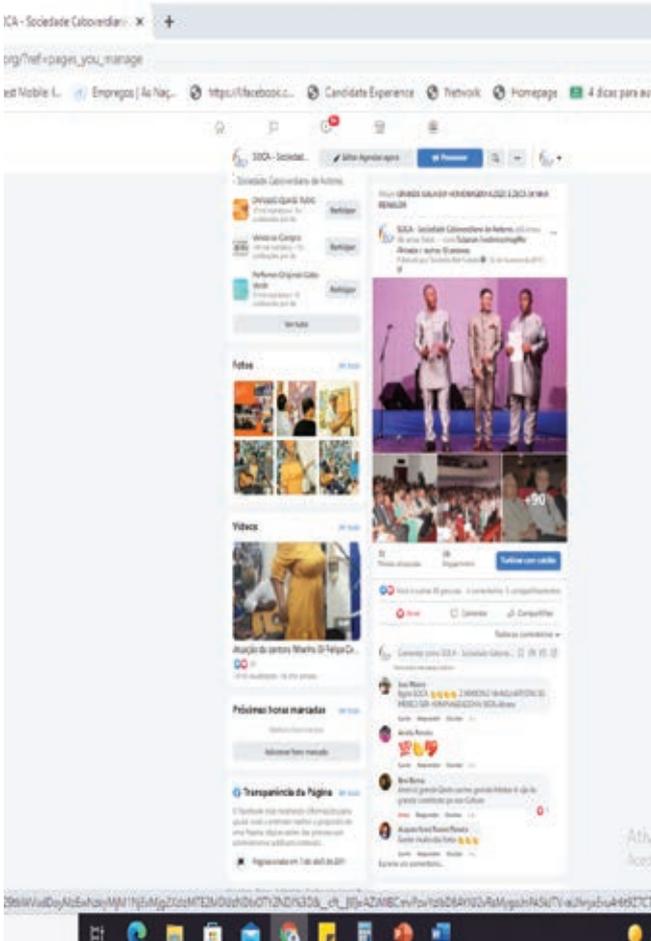
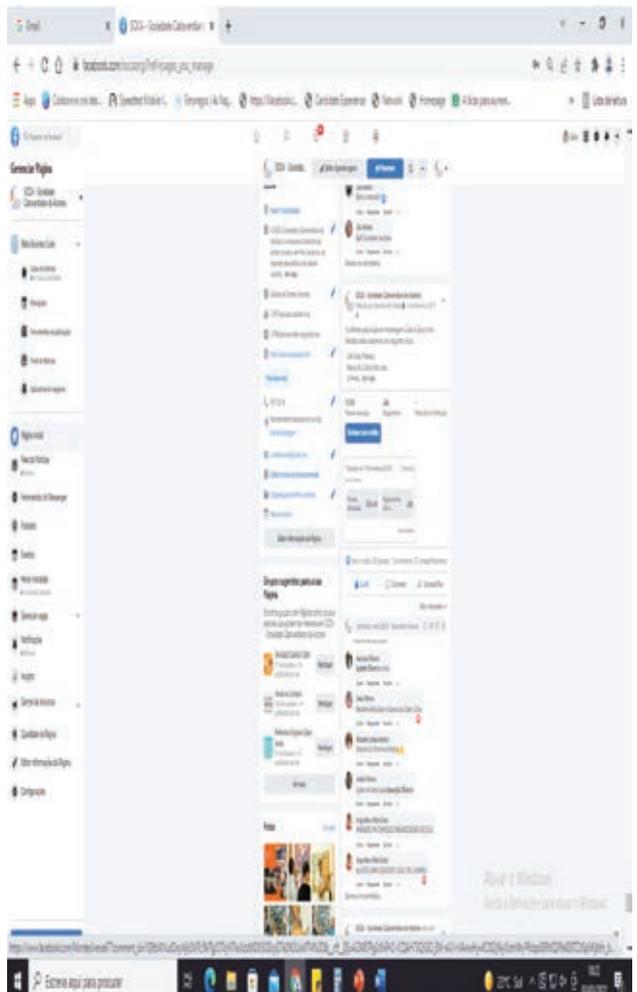
Fotos: Tó Gomes

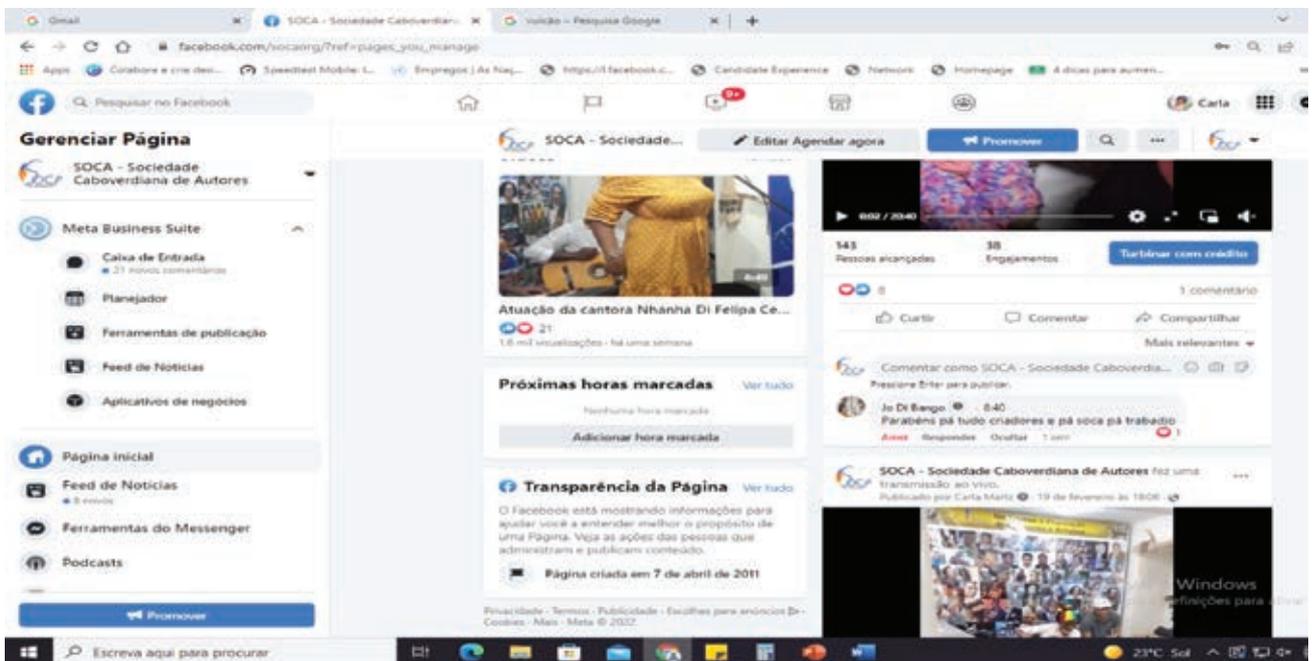
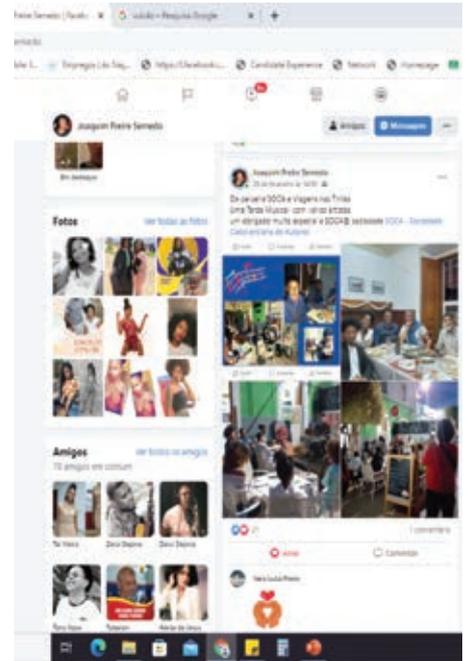
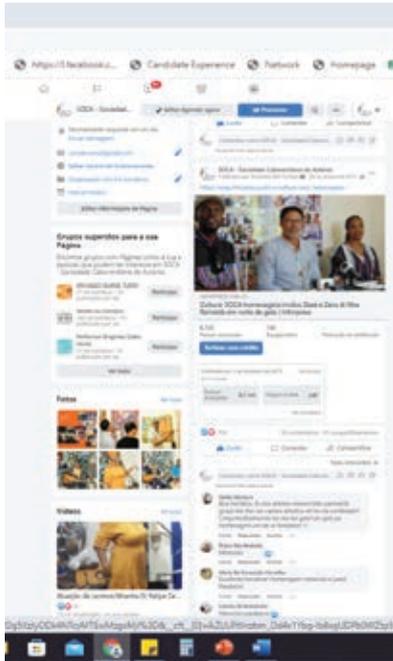
# SOCA NAS REDES SOCIAIS



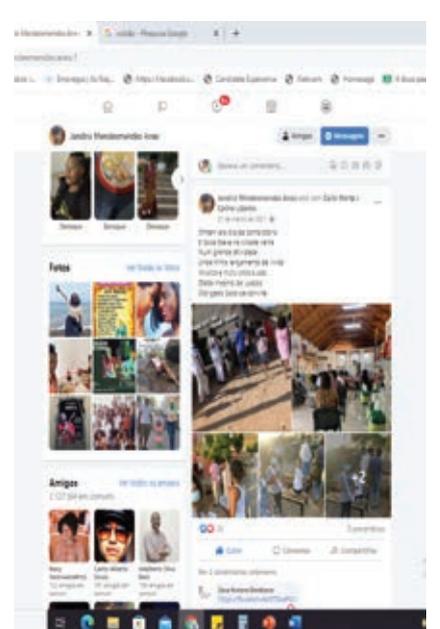
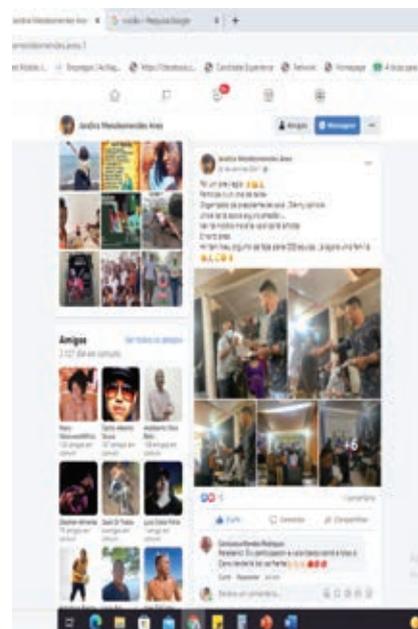
62  
Soca Magazine







64  
SOCA Magazine





# O Pavão e a Águia

**N**a Serra de Ermida, há muitos e longos anos, a Águia decidiu que o mais importante para ela era o Pavão. Quis agradar o Pavão e como o Pavão nunca voava, um belo dia a Águia também deixou de voar.

Pensou que, ciscando que nem galinha, rasteira pelo chão, agradaria o Pavão e tudo ficaria bem. Decidiu que, em vez de voar, poderia cantar...

E ficaria tudo bem.

Mas o Pavão não cantava nunca e achava ainda que cantar era tolice...

Viu que assim não agradaria o Pavão. E então arranjou um cantinho, de um quarto bem escuro. Com a porta bem fechada e janelas bem trancadas, podia cantar à vontade. Não seria o caso de incomodar ninguém.

O Pavão, que tudo via, sabia e podia, fez entender à Águia que cantar é uma fraqueza.

– Todos são alguma coisa. Disse a Águia para si mesma.

Pensou muito e decidiu que não se importava nada de ser tola e fraca. Melhor tola do que um nada.

Foi falar ao Pavão.

Mas o Pavão passou a desprezá-la por sua tolice. E assim a Águia se encolheu toda. Deixou de voar. Deixou de cantar. Mas as penas e as asas teimavam em crescer. Tinham vida própria e, se o Pavão passasse perto dela, podia vê-las.

A Águia sempre soube que, se culpa houvesse, seria certamente dela. Assim cuidava, todos os dias, de cortar suas próprias asas e arrancar suas próprias penas. Já que o Pavão tinha uma linda pluma e uma cauda exuberante, ficaria feliz e orgulhoso de si mesmo, e tudo estaria bem.

A Águia olhava para o Pavão e lhe dizia sempre:

- Que lindo que és, meu amor!

E o Pavão respondia:

- Zombas de mim, porque não posso voar nem cantar? Mas fica sabendo que quem alto sobe despenca no chão; e quem bonito canta é mordido pelo cão.

A Águia não queria se despencar no chão, nem ser mordida pelo cão. Queria sim ser olhada pelo Pavão. Queria mesmo era ser protegida pelo seu amado. Na terra dos seus pais e de seus avós, as águias cantavam e, se quisessem, podiam voar. E os pavões são os reis do matagal: porque, da sua beleza e realeza, vinham toda a bondade e doçura.



Mana Guta

Pedi ao seu amado que lhe mostrasse suas belas formas e cores. E assim viveriam felizes no paraíso.

- Quero estar sempre ao teu lado. Olha, fiquei sem penas. Cortei minhas asas.

- Eu sou o Pavão e assim me chamo. Nada passa por mim, que eu não note e anote. Plantas, cobras e lagartos, nada me escapa.

- Não me importa se te alimentas de plantas venenosas e cobras rastejantes. O Criador te fez assim e eu te aceito como és. Daí vem a tua força...

Assim dizia a Águia, antes de declarar como apreciava a beleza do Pavão. Mas o Pavão não foi feito para ouvir. Cortou-a logo. Calasse:

- De cobras e lagartos é feita a vida. Néscio seria eu, se não me precavisse, todos os dias.

- Minhas garras são fortes e meu bico é curvo.

Tens o que me falta e eu só tenho a ti. Onde faremos o nosso ninho? Disse a Águia sonhadora.

E o Pavão abriu sua cauda.

Era o verde da floresta, o azul do mar. As estrelas e o universo. Sua coroa de seis pontas tinha toda a magnitude. Daí vinha o seu poder. Da coroa até a cauda estava toda a eternidade. Os dois seriam imortais e se completavam na totalidade.

- Foi-me dada a onisciência. Sou como um Deus que tudo vê.

- Então por que me queres contigo? Não tenho nada para te dar.

E o Pavão respondeu:

- És a minha alegria. Quero-te comigo. Façamos um ninho para nós. Tenhamos filhos. Tu tens a alegria. Eu tenho a ciência. Não te faltará de comer. Estarás em segurança. E os filhotes que virão terão um pai cuidadoso, em chão seguro.

- Mas eu sou do ar.

Vivo de voar, gosto de cantar.

Sentir o vento...

Antes que chegasse a parte mais bela do dia, a Águia quis dizer o que para ela era a alegria. Mas o Pavão não foi feito para ouvir. Que calasse. Que escutasse o silêncio do amado. Que antes olhasse para ele. E lhe desse alegria.

## A ERMIDA

A ermida ficava no ponto mais alto da serra.

Chegava-se lá através de uma estrada feita de paralelos de basalto, com curvas e contracurvas, que se estreitavam à medida que subíamos.

A travessia era enfeitada com palmeiras e mangueiral, entre diversas árvores de fruto e plantas decorativas de pequeno e grande porte. Chamava a nossa atenção uma série de buganvílias que coroavam o trajeto do princípio ao fim. Elas foram cuidadosamente entrelaçadas, de modo a comporem gigantes ramalhetes de flores, de cores alternadas: buganvílias brancas ficavam ao lado das roxas, com as de cor laranja atrás, e à frente as vermelhas. Seguiam-se novamente as brancas, amarelas, de novo as roxas, laranjas, vermelhas, e de novo as brancas. Era uma paisagem majestosa.

De ambos os lados havia muros altos feitos de paredes protetores e que, por sua vez, contornavam pequenos bangalôs mandados construir na primeira metade do século XX.

Os bangalôs eram agrupados de forma concêntrica em pequenas aldeias que ostentavam uma tabuleta com nomes de movimentos culturais, tanto no portão de entrada, como no pequeno palco instalado no meio, para onde eles convergiam. A decoração de cada aldeia era condizente com o movimento que lhe denominava.

A estrutura principal que abrigava a ermida ficava a dois mil metros de altitude. Era uma construção do século XVI, restaurada cuidadosamente, de forma a não perder a arquitetura original. Preservava também as esculturas, que decoravam os corredores e jardins do pequeno palácio, que se estendiam na direção dos quatro pontos cardeais.

À volta do castelo, que ficava no extremo direito do palácio, havia um grande bosque, onde se viam animais de estimação, em seus pequenos habitats. Chamavam a nossa atenção as aves de muitas espécies. Entre elas, os cisnes, os colibris e os pavões que rodeavam os fontanários.

As construções da serra eram de rara beleza, de estilo renascentista, do tipo inicialmente desenvolvido em Florença. Assim, as residências dos antigos nobres, os salões de banquetes e bibliotecas eram obras de arte de grande valor.

A Igreja central já ostentava uma decoração com vitrais, e praticamente todas as esculturas e pinturas do estilo barroco. De um barroco ainda mais vistoso, tendente ao rococó, eram as esculturas religiosas e as ornamentações do sacrário, da nave e dos diferentes detalhes do altar.

Excetuando-se a igreja, as demais construções, na sua quase totalidade, voltavam ao renascimento, pois primavam pela simetria, proporção, geometria e a regularidade das partes. Quase sempre lembravam a antiguidade clássica, em particular a arquitetura romana antiga. Arranjos ordenados de colunas, pilastras e lintéis e arcos semicirculares eram conjugados com cúpulas hemisféricas, nichos e edículas. Estátuas e bustos de homens e mulheres da cultura ornamentavam o local.

Proseguimos a caminhada, pela via do lado do riacho. Chegados ao topo da montanha, vislumbramos a ermida, à distância de tudo, ladeada de eucaliptos e apenas um casal de aves.

Cantos gregorianos entoados por monges preenchiam todos os nossos sentidos. Destacava-se teimosamente um casal de aves. Pois, olhadas com atenção, causavam estranheza.

“Diz a lenda que não obstante a humidade existente na serra, mosquitos não há porque receiam o cheiro a eucalipto”.

O porteiro reparou que eu fixava o olhar nas aves. Fez um tímido sorriso e me disse:

- São o casal perfeito.
- Uma águia e um pavão? Como é possível?
- Diz a lenda que eles habitavam a ermida ainda antes da família Habsburgo.
- Diz a lenda?

Águia e Pavão, um casal! Eram um casal muito antigo, porque estavam juntos, mas não se olhavam. A águia observava as crias. O Pavão rondava o majestoso ninho. Ela imponente e cuidadora. Ele se fazendo notar sem o menor esforço.

Curioso.

Fazia muito frio. Entrei. A ermida era coroada de cantos, incensos e velas. Todo o conjunto da serra era o lugar perfeito para abrigar qualquer evento de arte integrada. De aposentos a auditórios e espaços de lazer, tudo poderia ficar concentrado no mesmo lugar.

## O NINHO

Não muitos anos se foram, a Águia cuidava de des-ser. Já não voava, nem cantava, nem pensava. Também desconseguiu de falar. Mas levava amor nos olhos.

- Porque me olhas tanto, Louca Águia?
- Volto a minha face para ti, para me espelhar na tua beleza. Não gosto que me chames de louca. Sou tua. Tudo o que é meu é teu. Tudo o que és tu sou eu. Somos um só, assim está escrito.
- Por que não te calas?

E assim a Águia fez o que as águias sabem fazer: bicou o Pavão, arrancou-lhe as penas. Chamou-lhe de nomes. Culpou-lhe de suas misérias. Disse o que lhe estava entalado. Fez e aconteceu.

Cuspiu-lhe em cima. Mandou-lhe comer vermes e engolir víboras.

Não quis saber. Arreventou a gaiola.

Na saída, arrancou mais penas ao Pavão. Barralhou a sua cauda. Jogou-lhe terra nos olhos. Chispou.

Mas perdeu-se. Não era mais ela. Foi tratando de sair dali.

O Pavão assustado e depenado ficou sem palavras, sem chão, sem cauda e sem pluma. Mas manteve a crista erguida e confirmava a cada dia que a Águia, louca que sempre foi, havia de voltar. Uma Águia que não voa, não canta e não fala precisa de um Pavão destemido a olhar por ela. Todos os casais se completam um ao outro. Mas com certeza o mais fraco precisava sempre do mais forte.

.....

Dias e noites se passaram, e a linda pluma do Pavão, sua cauda e sua beleza, ficaram à espera da Águia.

Ela sempre vinha.

Reclamava, ouvia o silêncio. E depois ficava tudo bem.

Ouvia as promessas, juras de eterno amor e voltava a ser a Águia alegre.

A coroa do Pavão era a coisa mais importante daquele reino das aves. Todas as espécies olhavam e admiravam-na. Mas aos olhos do Pavão, sem pluma, sem cauda, sem Águia, não havia graça. Não via mais ninguém. Decidiu que ia procurar sua Águia.

Tinha sido convidado para morar num castelo de ouro e seria servido por criados. A Águia teria todas as mucamas que quisesse. Nada haveria de lhe faltar. Pedisse o que quisesse e ser-lhe-ia concedido.

Perante o silêncio da Águia, o Pavão se humilhou, pediu perdão. Disse que a Águia podia voar para onde quisesse. Que ele Pavão sempre gostou de a ouvir cantar. Que pensasse nos filhotes e no Palácio de ouro para onde iam viver... que isso, que aquilo.

- Sua Majestade Sr. Pavão, por que queres uma louca, que só pensa tolices, no teu castelo de ouro?

- Porque és a minha alegria. Diz que sim. Precisas de um tempo? Preferes outro castelo? Vamos para onde quiseres:

Meu povo será o teu povo. Mas o teu Deus será o meu Deus.

E foi aí que a Águia se lembrou do que lhe tinha dito o Criador:

“Águias foram feitas para voar. E para cantar. Nunca te esqueças de ti.”

- Vens comigo, Águia? Insistia o Pavão.

Fazia uma terrível tempestade. Era noite de escuro em breu e não era possível ver-se nada, para além do farol que ao longe piscava. A Águia não sentia as suas asas. Não sentia dor, mas pesava-lhe o corpo. Estava no alto de alguma torre, ou duma montanha ou duma falésia. Não se lembrava bem.

Estava escuro.

O Criador se transformara em farol que piscava ao longe. Estavam só os dois, no escuro, no meio do nada.

- Vens comigo, Águia? Insistia o Pavão.

- Vai para o teu castelo Pavão. Volto para te ver na próxima lua.

Na serra da ermida, contam-se lendas destas. Ninguém viu a Águia, depois daquele dia.

O ninho onde a Águia brigava com o Pavão não está vazio. Tem lá uma tabuleta que diz:

- Karingana ua caringana...

E, desde ontem, a Águia decidiu voar. ■

# Jorge Querido

## Tempos de um Tempo que Passou

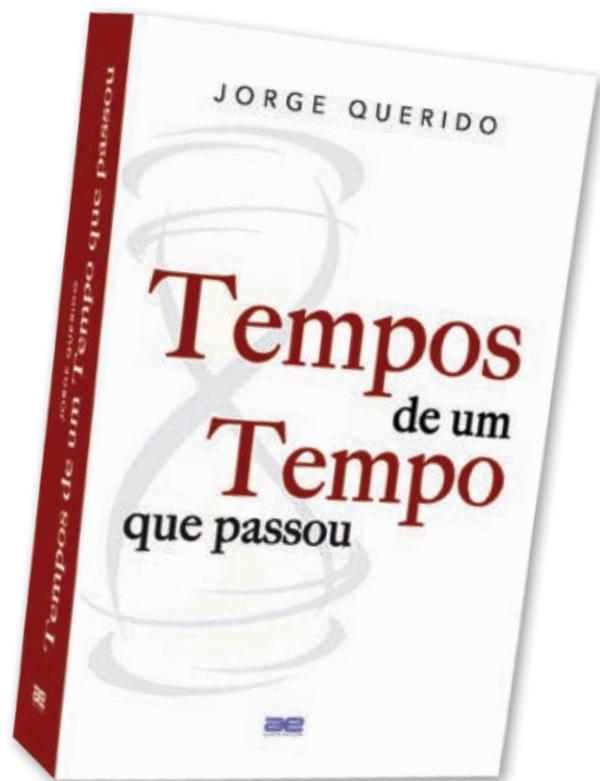
70

Socia Magazine

*Após as apresentações públicas dos livros “Um Breve Olhar Sobre Cabo Verde” e “Um Demorado Olhar Sobre Cabo Verde, Jorge Querido lança Tempos de Um Tempo que Passou”, complementando e sedimentando, assim, a sua perspetiva sobre a génese e o percurso político e social de Cabo Verde ao longo do tempo, desde os imemoriais idos da colonização escravocrata, passando pelas tempestivas fases do colonial fascismo, pidesco, até à atualidade, analisando e criticando as várias fases das duas repúblicas, após a independência do país*

*Por: Danny Spínola*





São livros que abordam questões históricas, assuntos políticos e sociais, com olhares críticos e, pode-se até dizer, polémicos, em termos de abordagem e considerações. José Luís Hopffer Almada, na apresentação do “*Tempos de um Tempo que Passou*” na Associação Cabo-verdiana de Lisboa, diz que o livro «é um convite à leitura atenta, parcimoniosa e crítica.» E que «o Autor propõe-nos transitar por seus textos não só ao considerável equilíbrio, mas também na vertigem dos imponderáveis.» E arremata, ainda, dizendo que «O que chama a atenção neste novo livro é a fluidez da linguagem e o sortilégio da narrativa a revelarem vários momentos existenciais e históricos». É a consciência crítica da função memorialista de um ‘eu’ que, na primeira pessoa do singular, não se desapega do coletivo, nem se aparta de corresponsabilidade na montagem do *ethos nacional*.

Nessa trilogia, em jeito de saga sobre a vida, a vivência e as convivências sociais, económicas e, principalmente, políticas, deste nosso Cabo Verde, Jorge Querido debruça... e esmiúça, de forma pertinente e sagaz, os bastidores das governanças do país, e, segundo a sinopse do..., ele pretendeu trazer à tona «*A ambiguidade identitária cabo-verdiana, que nunca os responsáveis pelos destinos deste país souberam, puderam ou quiseram tentar contrariar, com origens bem conhecidas e enraizadas no passado, revelou-se, após a independência, um dos muitos obstáculos ao nosso desenvolvimento e afirmação como povo.*»



QUANTO A MIM, ACHO QUE NÃO ESTAMOS UM POUCO ALIENADOS, ESTAMOS MUITO ALIENADOS, E CADA VEZ MAIS; QUER DIZER, O PARADOXO PRECISAMENTE É ESSE. NÓS CONSEGUIMOS A INDEPENDÊNCIA POLÍTICA EM 1975, ERA SUPOSTO, ENFIM, QUE FIZÉSSEMOS ALGUM ESFORÇO NO SENTIDO DE SE ELIMINAR, PELO MENOS DE SE IR REDUZINDO, VÁ LÁ, OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO DE DURANTE CINCO SÉCULOS

Ele acrescenta ainda, de entre outras ideias sobre a independência do país e da necessidade de uma política de desalienação da população, que a «questão da identidade cultural, não se efetivou com a independência nacional, pois que era necessário continuarmos a trilhar os caminhos ascendentes do “renascimento cultural” que sempre antecede, inspira, impulsiona e acompanha todos os verdadeiros movimentos de libertação, na medida em que optámos, com uma ligeireza confrangedora, por correr atrás de fantasias, de “cantos de sereias” e de ilusórias facilidades que, no fundo, mais não têm feito que dar destas ilhas uma imagem que muitos já consideram pouco digna do passado em que se sonhou o futuro”.

Numa entrevista concedida ao programa de *Arte & Cultura, Inéditos*, aquando do lançamento do livro *Um Demorado Olhar sobre Cabo Verde*, o antigo combatente na clandestinidade e deputado da nação, disse que «quanto a mim, acho que não estamos um pouco alienados, estamos muito alienados, e cada vez mais; quer dizer, o paradoxo precisamente é esse. Nós conseguimos a independência política em 1975, era suposto, enfim, que fizéssemos algum esforço no sentido de se eliminar, pelo menos de se ir reduzindo, vá lá, os efeitos da colonização de durante cinco séculos.»

Nessa entrevista ele falou ainda da questão identitária, enfatizando o facto de que «o cabo-verdiano, na linha do processo da alienação, decorrente da política assimilacionista da colonização portuguesa, o cabo-verdiano não se sente africano. Aliás, é ver, não há muito tempo, aquando daquela euforia, daquela corrida em direção à Europa, os nossos políticos nos deram um espetáculo, quanto a mim, também muito triste, mas isso acabou, porquê?»

Ainda, segundo José Luís Hopffer Almada *«A escrita de Jorge Querido, ressaltando a sua singularidade e a sua dicção textual, num diapasão da tradição crítica que vem de longe nas letras cabo-verdianas, incorpora novos significantes, mas similar significado, toda uma linguagem que o identifica com escritores de exegese e de afrontamento cívicos das temporalidades, como amiúde foram, outrora, Eugénio Tavares, Pedro Monteiro Cardoso e Luís Loff de Vasconcelos.»*

Jorge Querido que nasceu em Assomada, Santa Catarina, da Ilha de Santiago, onde fez os seus estudos primários e secundários, é licenciado em Engenharia pelo Instituto Superior Técnico. Fez, ainda, vários estudos complementares de pós-graduação em vários países da Europa, nos Estados Unidos da América e na China.

Tendo participado na luta de libertação de Cabo Verde, na clandestinidade, foi coordenador da Secção do PAIGC em Portugal (1959 a 1968) e o primeiro responsável do mesmo Partido em Cabo Verde.

Foi ativista e dirigente da Casa dos Estudantes do Império (CEI) e, após a independência do país, foi deputado na Assembleia Nacional, cabeça de lista pelo círculo eleitoral de Santa Catarina.

Tanto *Um Demorado Olhar Sobre Cabo Verde* como *Tempos de Um Tempo Que Passou* são livros que falam de Cabo Verde, desde os primórdios da sua formação até à atualidade, com abordagens baseadas em investigação dos factos históricos, com tónica sobre determinados comportamentos sociopolíticos. Nestas obras, o autor, Jorge Querido, engenheiro de formação, levanta questões pertinentes e que podem ser polémicas sobre algumas das grandes decisões políticas e o percurso que Cabo Verde trilhou, indo aos meandros da realidade socioeconómica decorrente dessas decisões, com a preocupação fundamental de trazer à baila aspetos de foro identitário.

Editado pela Acácia Editora, este livro *Tempos de Um Tempo Que passou* traz muita informação e factos relevantes sobre a realidade social, cultural e política do país, pelo que o saudamos veementemente aqui, destacando o texto de apresentação feito pelo professor e investigador Daniel Medina, que põe em evidência muitos pormenores e aspetos importantes desta obra, numa esmerada e pertinente análise. ■

## UM TEMPO QUE PASSOU TRAZ MUITA INFORMAÇÃO E FACTOS RELEVANTES SOBRE A REALIDADE SOCIAL, CULTURAL E POLÍTICA DO PAÍS



# Jorge QUERIDO

Um testemunho  
imprescindível,  
numa  
perspetiva  
ímpar

74

Sociedade

*Neste número da SOCA Magazine, revisitamos o artigo sobre Jorge Querido que publicamos na efémera Revista Acácia Magazine, a propósito dos seus livros «Um Demorado Olhar sobre Cabo Verde». Aproveitamos para divulgarmos, também, a entrevista que na sequência saiu no programa cultural Inéditos, onde deixou o seu testemunho e perspetiva sobre vários momentos do percurso político e social de Cabo Verde*

Por: Danny Spínola





ACREDITO QUE HÁ MUITA COISA POR INVESTIGAR PARA SE CONHECER MELHOR A REALIDADE CABO-VERDIANA, MAS EU PROCUREI IR, DE FACTO, AO ESSENCIAL, QUE ME PREOCUPAVA MAIS, - A QUESTÃO IDENTITÁRIA SOBRETUDO.

**O** livro faz uma [...] de Cabo Verde, também numa expectativa analisando, abordando Cabo Verde, mas também numa perspectiva crítica, não só os factos e documentos, mas como uma perspectiva crítica, digamos assim...

**Jorge Querido** – Bom, este meu livro surgiu, como eu diria, não propositado. Estava a escrever um artigo, na altura, em que estava em voga a adesão de Cabo Verde à União Europeia como membro de pleno direito.

E então, escrevi um artigo, aliás, publiquei o artigo intitulado “Nós e a União Europeia”, em que, de facto, contestava essa nossa atitude um tanto... não diria leviana, mas quase, de Cabo Verde ser de pleno direito da União Europeia. Mas, depois de ter escrito o artigo, eu achei que pudesse ir mais longe, e fiz então incursões tanto a montante como a jusante.

Comecei então a fazer pesquisas sobre Cabo Verde, enfim sobre tudo aquilo que acabei de pôr no livro. Isso deve ter começado em 2007 a 2008, com paragens pelo meio, claro está. Em 2010 disse, «bom, já chega, tenho o suficiente, vou publicar o livro», esse livro saiu em 2011, e acabou por ser, de facto, um olhar no entanto um bocado demorado, e acabei também por me referir a Cabo Verde, não só no presente como também ao longo do tempo, praticamente foi um historial, claro que não é uma coisa aprofundada, é superficial porque foi uma investigação.

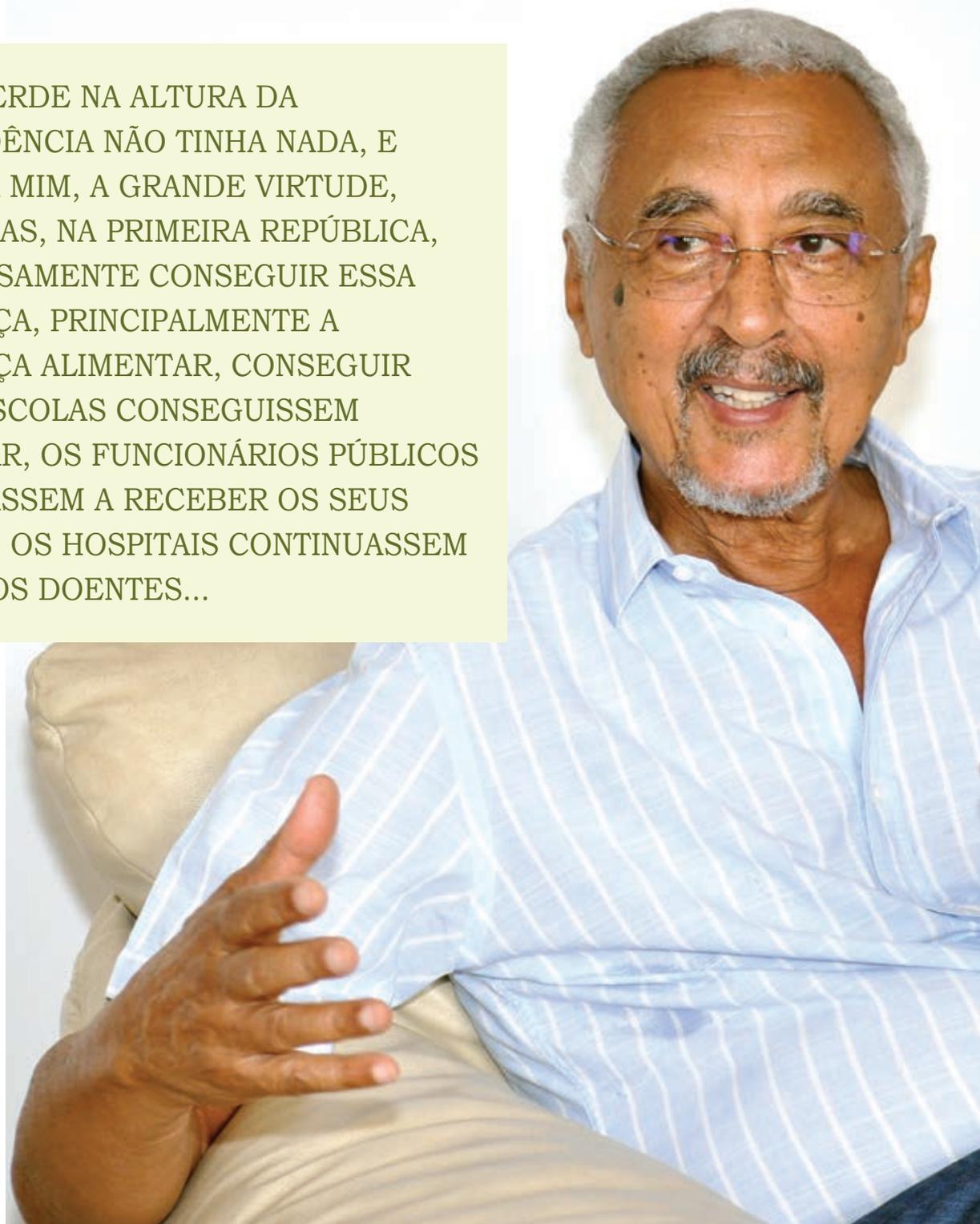
Acredito que há muita coisa por investigar para se conhecer melhor a realidade cabo-verdiana, mas eu procurei ir, de facto, ao essencial, que me preocupava mais, - a questão identitária sobretudo.

– **Eu acho que o que, de facto, marca o livro é essa questão de identidade, no sentido de que foi também na linha do que disse José Carlos Anjos, um pouco inventada. Será que ainda nós estamos um pouco alienados nessa ideia passada pelo colonialismo que também foi assimilada pela elite cabo-verdiana, pelos activistas claridosos... põe-se uma questão que ainda acontece um pouco?**

– Eu, quanto a mim, acho que não estamos um pouco alienados, estamos muito alienados, e cada vez mais, quer dizer, o paradoxo precisamente é esse. Nós conseguimos a independência política em 1975, era suposto, enfim, que fizéssemos algum esforço no sentido de se não eliminar, pelo menos de se ir reduzindo, vá lá, os efeitos da colonização durante cinco séculos.

A colonização deixa sempre marcas, normalmente marcas profundas, isso em todo lado, porque Europa na sua expansão colonizou uma boa parte do mundo. E deixou marcas profundas, marcas que ainda perduram e com todos os seus aspectos negativos, e em Cabo Verde eu estava convencido que efectivamente a partir da

...CABO VERDE NA ALTURA DA INDEPENDÊNCIA NÃO TINHA NADA, E QUANTO A MIM, A GRANDE VIRTUDE, DAS POUCAS, NA PRIMEIRA REPÚBLICA, FOI PRECISAMENTE CONSEGUIR ESSA SEGURANÇA, PRINCIPALMENTE A SEGURANÇA ALIMENTAR, CONSEGUIR QUE AS ESCOLAS CONSEGUISSEM FUNCIONAR, OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS CONTINUASSEM A RECEBER OS SEUS SALÁRIOS, OS HOSPITAIS CONTINUASSEM A CURAR OS DOENTES...



nossa independência iríamos combater isso, tomando medidas político-culturais, sobretudo que fizessem frente a essa deformação, digamos, da mente do cabo-verdiano, mas infelizmente não foi o que se fez.

Há quem diga que havia outras prioridades, é certo, de facto havia outras prioridades porque Cabo Verde é um país muito frágil, em 1975 a população cabo-verdiana, de um modo geral, vivia ainda sob o espectro da fome, porque eu ainda vivi, eu era miúdo,

garoto lembro da fome de 47. Aquilo foi uma coisa terrível, aqueles que não presenciaram uma coisa desta não fazem a mínima ideia de o que é haver cadáveres no meio da rua a serem transportados em grandes caixotões com braços de fora, pés de fora, quer dizer, são coisas terríveis que eu vi.

Por exemplo, em Santa Catarina as crianças a comerem as próprias fezes, vi pessoas a comerem burro encontrado morto já fedorento, etc., tudo isso



são coisas terríveis. Mas, eu creio de facto que havia esse espectro ainda, e tinha que se dar uma certa tranquilidade à população, porque a população depois da independência disseram «mas nós não temos barcos, quem é que vai trazer mantimentos para Cabo Verde? Quem vai trazer o milho, quem vai trazer o feijão? Nós não temos nada...» .

De facto que Cabo Verde na altura da independência não tinha nada, e quanto a mim, a grande virtude,

das poucas, na primeira república, foi precisamente conseguir essa segurança, principalmente a segurança alimentar, conseguir que as escolas conseguissem funcionar, os funcionários públicos continuassem a receber os seus salários, os Hospitais continuassem a curar os doentes, tudo isso foi, de facto, uma tarefa pesada, e talvez os dirigentes não tivessem tido tempo, talvez também nem muita preparação para criarem política de atacar outros aspectos.

**– Se calhar não tenha havido, de facto, políticas, mas creio que tem havido, até certo ponto, uma procura de aproximação à África no início, não é? E houve uma certa recuperação dessas tradições, inicialmente, mas depois, com a globalização e outros adventos, talvez essa alienação tenha outra vez surgido.**

Mas, queria que falasse um pouco na questão dessa identidade propriamente, a partir dos nativistas, dos claridosos, que eram já assimilado, e não aceitavam bem a questão da África. Parece que houve uma polémica inclusive, com o Gilberto Freire, Baltazar Lopes, porque havia essa ideia de elite, «nós cabo-verdianos, somos cabo-verdianos, não temos nada a ver com a África...» e fala disso no seu livro.

– Quer dizer, estou em crer que em Cabo Verde, houve, digamos, de facto houve uma certa reacção, digamos, sobretudo dos letrados, reacção negativa, que os fizesse lembrar das suas origens africanas, mas eu creio também que havia muita ignorância em Cabo Verde e ainda há muita ignorância, porque quando um cabo-verdiano diz «nós não somos africanos...», me lembro até um caso de um deputado em plena Assembleia Nacional, a dizer que o cabo-verdiano não é um africano... Me lembro até de um primeiro ministro, que já foi primeiro ministro de Cabo Verde a escrever um artigo e dizer que Cabo Verde teve um grande erro em ter aderido à CEDEAO, que devíamos preparar já, já, o nosso dossiê e entregar a Europa e entrar na União Europeia.

Bom, isso se cobriu de um bocado de ridículo, mas eu acho que o cabo-verdiano quando fala de África e fala de Europa, é uma posição um bocado... preto e branco, é uma coisa ou é outra, a África não é uma coisa homogénea, como na Europa; qual é a semelhança, por exemplo, entre um siciliano e um sueco, qual é a diferença entre um moldavo e um português? No entanto há qualquer coisa que os une, nós também, aqui em África, qual a diferença entre um etíope um senegalês, qual a diferença entre um tunisino e um sul africano? Há diferenças grandes, culturais, etc.

Portanto, falar de África, Cabo Verde é África, mas tem as suas especificidades, nós temos a cachupa que, se calhar, outros países, muitos não têm, temos a morna, temos a coladeira, e nós não vamos perder nada disso. O cabo-verdiano teima em não aceitar nada disso, é aceitar a dimensão africana. Quando se fala em alienação, meteu-se isso na cabeça, o cabo-verdiano meteu isso na cabeça que o africano é um estereótipo que um cabo-verdiano tem. É um fulano selvagem, nu, com uma tanga e uma flechinha na mão.

Mas isso tudo o colonialismo português, na sua política simulacionista criou esses mitos, meteu-nos isso, inculcou-nos isso na cabeça... dividir para reinar, e nós, evidentemente, não é impunemente que isso acontece há vários séculos. Nós, o que devíamos fazer, aqui, em Cabo Verde, é precisamente como diz Amílcar Cabral, é reafrikanizar as mentes e os espíritos, isso não quer dizer hostilizar Europa ou hostilizar a África, a ver o que é nosso, o que bom, eliminar o que é mau, e assumir descomplexadamente a dimensão africana da nossa caboverdianidade, porque a caboverdianidade existe sim, mas tem várias dimensões lá dentro, não surgiu de nada.

Quando se fala de tal caldeirão da cultura, existiu vários ingredientes que foi lá metido e surgiu então qualquer coisa, mas este qualquer coisa temos que ver se é qualquer coisa aproveitável, ou se há aspectos que nós devemos melhorar, modificar, etc.

– **Aqui fala muito da questão do crioulo e da criolidade, não é bem criolidade, mas é a questão do crioulo que às vezes tem uma interpretação errada, quer dizer o crioulo, mestiço, podia falar um pouco disso, porque o nosso objectivo é sempre falar do livro, tentar aprofundar o livro...**

– Não, eu sou avesso à utilização do crioulo, eu não me considero crioulo, eu sou cabo-verdiano, evidentemente tenho no meu próprio corpo genes

QUANDO SE FALA DE TAL CALDEIRÃO DA CULTURA, EXISTIU VÁRIOS INGREDIENTES QUE FOI LÁ METIDO E SURTIU ENTÃO QUALQUER COISA, MAS ESTE QUALQUER COISA TEMOS QUE VER SE É QUALQUER COISA APROVEITÁVEL, OU SE HÁ ASPECTOS QUE NÓS DEVEMOS MELHORAR, MODIFICAR, ETC.

africano, tenho genes da Europa, evidentemente, mas eu sou cabo-verdiano, sou africano, mas não sou crioulo. Bom, há quem se considere crioulo, eu, quanto a mim o crioulo foi uma coisa inventada.

– **Quando fala da questão de caboverdianidade, faz várias abordagens, nomeadamente essa ideia de que do cabo-verdiano, em determinada altura, para se sentir um pouco superior, monosprezava a África, tendo os africanos como inferiores, e por isso queriam aproximar-se da Europa, daí essa atitude relativamente à África, e esse distanciamento do mestiço, que já se sente europeu...**

– Eu acho que ainda tem, o cabo-verdiano ainda tem essa tendência, aliás, é ver como nós reagimos perante os africanos do continente, os nossos *mandjakus*, como nós chamamos, e lá no fundo essa expressão é pejorativa, quer dizer, nós chamamos *mandjakus*... quer dizer, há *manjacos*, há *mandingas*, assim como há outras etnias em toda a África. Mas o cabo-verdiano,





na linha do processo da alienação decorrente na política similacionista da colonização portuguesa, o cabo-verdiano não se sente africano. Aliás, é ver, não há muito tempo quando daquela euforia, daquela corrida em direcção a Europa, os nossos políticos nos deram um espectáculo, quanto a mim, também muito triste, mas isso acabou porquê?

Muita gente pensa que Cabo Verde desistiu, não, Cabo Verde não desistiu, foi a própria Europa que nos mostrou o nosso lugar, que nos mostrou onde era o

nosso lugar, disse que nos dava ajuda mas integrados na África, aí que houve então uma certa mudança na política externa cabo-verdiana. Cabo Verde foi, praticamente, obrigado a mudar de política externa. Hoje em dia, pessoas que há pouco tempo verberavam a África, diziam que não queriam ser africanos, sobretudo alguns partidos políticos que eram absolutamente anti-África, hoje declaram-se africanos, hoje falam na CEDEAO já com toda naturalidade, e ainda bem, porque há males que às vezes vêm por bem.

– No livro fala dessa fase, portanto, essa abordagem do período colonial, fala da fome, da emigração, aborda, de uma forma muito mais particular, a questão da luta armada e da independência de Cabo Verde. Na questão da luta armada, e a luta clandestina na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, e mostra o papel de Amílcar Cabral, na manutenção, digamos assim, dum clima de estabilidade, porque havia certos conflitos entre fraccionistas.

– Eu não estive na Guiné, pessoalmente não estive na Guiné durante a fase da luta, estive aqui em Cabo Verde, nós tínhamos ligações estreitas, sabíamos o que se passava na Guiné, e nós conhecíamos bem as dificuldades que havia, quer dizer, a forma genial, eu utilizo sem remorso(?) a palavra genial, como Amílcar Cabral conduziu todo aquele processo de luta, partindo, praticamente, enfim, do nada, porque Amílcar Cabral só pode contar com os amigos que nem todos tinham a preparação que ele gostaria que tivesse, e a partir de tão pouco recurso foi capaz, de facto, de fazer aquilo que fez, que todos nós conhecemos hoje.

Utilizar um povo que tinha 99% de analfabetos, pôr esse povo em frente de um exército poderoso relativamente... relativamente não, mesmo poderoso e vencer, porque os portugueses saíram da Guiné vencidos militarmente, isso, de facto, foi uma... foi algo de impensável, algo de imaginário, mas aqui em Cabo Verde foi completamente diferente, Cabo Verde a luta não podia ser. Aí estive envolvido, fui durante uns anos responsável do PAIGC em Portugal, de 1960, mais ou menos, porque foi na altura em que instalamos em Portugal a organização do PAIGC, até 1968 ano em que vim para Cabo Verde.

A organização continuou, mas já em novos moldes, porque foi na altura em que a organização foi assaltada por pessoas que operavam mais com questões ideológicas que com questões da nossa luta de libertação, e aí houve uma série de problemas. Eu, precisamente estou a escrever um outro livro em que vou esmiuçar mais essas questões...

– Mas aqui no livro já fala desse grupo, dessa comissão nacional de Cabo Verde que não fazia bem, quer dizer, manipulava um pouco o relacionamento... portanto era ponte entre Cabo Verde e Guiné, mas faziam coordenação...

– Nós tínhamos em Lisboa um Comité de Coordenação que, praticamente, dirigia o trabalho em Portugal, e fazia uma ponte entre Cabo Verde, Conacri, sobretudo através de Paris. Isso depois criou uma série de problemas em que vários problemas entraram,



oportunismo, corrida ao poder... enfim, atitudes menos edificantes, mas de qualquer modo, apesar de tudo, chegou-se à independência, houve pelo meio muitos problemas, houve o grupo, os tais chamados «trotkistas», que foram afastados do partido, na altura, embora tivessem tido um papel muito relevante na altura, sobretudo entre 1974, depois do golpe de estado em Portugal até a data de independência, tiveram um papel muito...

**EM CABO VERDE HOUE,  
DE FACTO, COISAS BOAS,  
COISAS MENOS BOAS E  
HOUE COISAS MÁS, E NÓS,  
NESTE MOMENTO, ESTAMOS  
NUMA ENCRUZILHADA, ACHO  
QUE CABO VERDE, NESTE  
MOMENTO, ESTÁ NUMA  
ENCRUZILHADA.**

– Mesmo aqui fala muito de aproveitamento de oportunistas também, e até depois muitas pessoas que reivindicam ser serem revolucionários, serem combatentes da liberdade aqui em Cabo Verde, e que, no fundo, muita gente não foi, foi um aproveitamento...

– Sim, sim foi um fenómeno, eu chamo a isso mais um acidente de percurso. É natural que depois da independência muita gente quisesse pôr-se em bicos de pés, dizer que tinham feito e acontecido, fizeram isto, fizeram aquilo, muitos até na esperança de obterem algumas genesses do novo poder. Isso eu acho natural, agora, é preciso que isso aconteça de forma comedida, dentro dos limites, senão tudo pode ficar adulterado, pode acarretar prejuízos muito fortes. Em Cabo Verde houve, de facto, coisas boas, coisas menos boas e houve coisas más, e nós, neste momento, estamos numa

encruzilhada, acho que Cabo Verde, neste momento, está numa encruzilhada.

– Bom, antes de irmos para este momento, gostaríamos que falasse um pouco logo depois da independência, portanto, da 1ª República. Houve esta questão com os trotkistas, e também com... digamos assim, começaram a trabalhar mesmo para ultrapassar a situação calamitosa em que se encontrava logo após a independência, esse período, portanto, colonial.

– Eu acho que a 1ª República teve que enfrentar problemas muito graves, e talvez os seus principais dirigentes não estivessem preparados suficientemente para gerir, de facto, situações que surgiram, porque de facto havia esta questão de que falamos a pouco das prioridades em termos de segurança alimentar, segurança dos funcionários em continuarem a receber o seu salário, as escolas a continuarem a funcionar, os hospitais também a continuarem a funcionar, tudo isso era a prioridade das prioridades, mas havia também outra questão que é questão, enfim, de políticas na área cultural, etc., etc., de fazer frente, de eliminar ou então de fazer frente aos séculos de colonização.

Nesse aspecto, praticamente, não se fez nada, escolheu-se o caminho mais fácil, havia uma situação criada pela colonização, havia, portanto, os nossos crioulos, a nossa vocação atlântica fora do contexto africano, nossa maior proximidade mental dos europeus, tudo isso foi aproveitado, razão pelo que a 1ª República foi absolutamente barlaventista, aliás, a prova é só ver...

– Depois houve uma altura até que algumas pessoas não queriam a transição que apareceu depois



para 2ª República, questão do multipartidarismo, a abertura, e houve resistência até porque alguns achavam que se estava a dar oportunidades muito aos santiaguenses, e estavam a ser marginalizados.

– Aliás, ainda hoje se verifica essa reacção, talvez se fale disso mais adiante, não sei, mas a tal regionalização política que querem criar agora é uma maneira, de facto, de fugir um bocado a isso, que a maioria exerça, de facto, democraticamente os poderes que têm, utilizando os instrumentos que a democracia põe à disposição de todos.

Portanto há uma minoria aqui em Cabo Verde que se acha maioria sociologicamente, isso porque acha que

PORTANTO HÁ UMA MINORIA AQUI EM CABO VERDE QUE SE ACHA MAIORIA SOCIOLOGICAMENTE, ISSO PORQUE ACHA QUE TÊM QUE RECEBER UMA HERANÇA DO TEMPO COLONIAL QUE DÁ POR PRESERVAR ESSA HERANÇA, ISSO PODE NOS TRAZER ALGUMAS COMPLICAÇÕES



têm que receber uma herança do tempo colonial que dá por preservar essa herança, isso pode nos trazer algumas complicações. Mas eu acho que a 1ª República pecou essencialmente por isso, foi totalmente barlaventista, a ponto, de, por exemplo, houve uma altura que aqui em Santiago... em Santiago, se não estou em erro, só tinha quatro Concelhos, era Praia, Santa Catarina, Santa Cruz e Tarrafal, todos os cabeças de lista de Santiago eram de barlavento, não havia um único.

Houve uma altura que o Comité da Praia do PAI-GC... tinha um nome, não tinha um único indivíduo de Santiago, não tinha justificação, até politicamente foi um erro crasso, isso criou problemas de tal ordem, basta ver a situação em que se encontrava o PAIGC em 1990/91, na altura das eleições, foi uma derrota

tão violenta que houve até casos anedóticos, que numa mesa ou duas, por exemplo, em Santa Catarina o PAI-GC não teve nem um único voto, que é um autêntico absurdo porque na mesa estão os elementos que são escolhidos e eles votam também. Portanto, o descalabro foi de tal natureza e a derrota foi tão violenta, que se entregou a um partido, a um movimento, que foi criado uns meses antes, uma maioria qualificada, com possibilidades de fazer o que bem entendessem em Cabo Verde.

– Recuando ainda um pouco à questão do pós independência, havia muitos problemas entre os políticos, em termos de decisão tanto na Guiné como em Cabo Verde, dos que deviam encabeçar,



**digamos assim, portanto, o país, tanto Cabo Verde como a Guiné Bissau, houve alguns problemas, porque depois da morte de Amílcar Cabral houve como que um conflito, conflitos internos, faccionismo no PAIGC, relativamente à Guiné Bissau e também a Cabo Verde, a questão Luís Cabral, Nino Vieira, porque segundo aflora aqui no livro alguns posicionamentos difíceis quanto à liderança...**

– Eu acho que o golpe de estado de Nino Vieira em 1980, constitui um grande alívio para os nossos dirigentes do PAIGC cabo-verdiano, que se apressaram imediatamente em criar o PAICV, porque efectivamente os cabo-verdianos que estavam na direcção do partido, sabiam perfeitamente que

não podiam continuar como dirigentes do PAIGC na Guiné, sobretudo dentro do Estado, e houve então alguns erros cometidos, isso precipitou, talvez, os acontecimentos de 80 de Nino Vieira, e até acontecimentos posteriores.

Eu acho que esta questão é extremamente delicada, e estou, neste momento, a ler um livro dum pesquisador guineense, Sousa... Julião, estou a achar aquele livro absolutamente indispensável, admirado porque ele fez uma pesquisa, de facto, ele é um investigador sério, fez uma pesquisa aprofundada, e estou com curiosidade de ler até ao fim o livro porque há muitas questões que aconteceram no interior do PAIGC, que nós aqui conhecemos muito mal, e portanto, como diria há muito lixo escondido debaixo do tapete. Isso depois de dar muita coisa, o golpe de Estado, etc., etc., etc., e tudo isso, mas esse assunto, de facto, tenho alguns conhecimentos superficiais, incompleto...

– **De facto aflora essa questão, mas depois fala da 2ª República, questão de abertura, para alguns foi devido a determinados factores, para outros não, põe essa questão, demonstrando que não foi só no partido ou no governo, na altura, partido único querer a abertura mas que havia imposição um pouco externa, e depois aquele que acabaram por fazer parte de constituir a 2ª República, que queriam ainda ter essa primazia em termos de que de facto eles é que conquistaram a abertura, e depois também aborda a 2ª República, quase deixa transparecer que quase um pouco neo...**

– Eu creio que a coisa é evidente, em 1991 eu costumo dizer que é o PAICV é que perdeu, e apareceu o... aliás, é interessante, há um fulano lá em Santa Catarina o **Jorge Kutan**, ele disse-me um dia “...não me interessa qualquer que seja o partido que aparecer aqui em Cabo Verde contra o PAICV, eu voto nele, seja comunista, fascista, racista...” ele disse uma série de «istas», quer dizer, o partido tinha de facto de tão baixo, era... um autêntico descalabro que qualquer partido que surgisse, qualquer grupo que surgisse, na altura, venceria o PAICV.

De facto surgiram... o problema, precisamente os fulanos que tinham sido afastados do partido, em 1979, houve uma dispersão, cada um foi para seu lado, poucos ficaram porque cada um foi para seu lado, voltaram e encabeçaram de facto, e cavalgaram, vá la, a onda da mudança.

– **Tentaram negar até o que tinham feito e que motivaram o afastamento...**

– Com certeza, utilizaram novas vestes, já não eram homens da extrema esquerda, agora eram homens

quase da extrema direita, neo-liberais e defendiam, vá lá, a ditadura quase do mercado, um estado mínimo que fosse um árbitro, um pequeno árbitro, e tudo entregue às regras do mercado. A preocupação deles era precisamente contrariar toda política que tinha sido levado a cabo até aquele momento. Eles utilizaram Mao Tsé Tung, aquele seu livrinho vermelho, há uma situação que aparece naquele livro que diz o seguinte “nós devemos contrariar tudo aquilo que o inimigo apoia, a apoiar tudo aquilo que o inimigo contraria”.

Os dirigentes da altura levaram aquilo ao pé da letra, de facto foram longe demais sem ter pernas para um passo tão grande. Entregaram todos os sectores aos portugueses nossos sectores financeiros, nossos sectores estratégicos, todos foram entregues de bandeja na mão dos portugueses. Aconteceu com eles algo que tinha acontecido ao PAICV antes, chegaram a 2000, fim de uma década, completamente exauridos, completamente esfrangalhados, privatizações pouco claras, em fim, uma série de outros erros, inclusivamente, voltando à questão de identidade, eles deram um golpe violento nessa questão de identidade. Foi nessa altura que praticamente cortaram com África, tiveram declarações terríveis.

– Parece que [...] Amílcar Cabral, outras figuras...

– Não, tentaram mas recuaram, eles fizeram isso, pegaram em personalidades inactivistas(?) ou claridosos, etc., etc., vestiram novas roupas, deram uns retoques e tal e ofereceram à população, e fizeram, de facto, coisas que, quanto a mim, prejudicaram imenso Cabo Verde. Agora, será que depois, a partir de 2001, quando eles caíram, houve uma mudança num outro sentido, aí já a coisa é mesmo do presente, e não sei se efectivamente teria acontecido aquilo que eu, pelo menos, contava que aconteceu.

– Até aqui fala da questão da bandeira, das coisas que Cabo Verde tinha que... aproximava-se um pouco da África, e tentaram abominar tudo isso e impor coisas que nada tinham a ver com África nesse sentido que fala...

– Sim, eles tentaram, tentaram claramente, inclusivamente foi nessa altura que houve deputados que surgiram na Assembleia Nacional a dizer que nós não somos africanos, houve artigos escritos por um próprio primeiro ministro, segundo primeiro ministro da década de noventa, que disse que Cabo Verde nunca devia ter entrado para CEDEAO, etc., e que devia preparar o dossiê para dar entrada na União Europeia. Houve situações até ridículas que espero que não venha a repetir-se.



COM CERTEZA, UTILIZARAM NOVAS VESTES, JÁ NÃO ERAM HOMENS DA EXTREMA ESQUERDA, AGORA ERAM HOMENS QUASE DA EXTREMA DIREITA, NEO-LIBERAIS E DEFENDIAM, VÁ LA, A DITADURA QUASE DO MERCADO, UM ESTADO MÍNIMO QUE FOSSE UM ÁRBITRO, UM PEQUENO ÁRBITRO, E TUDO ENTREGUE ÀS REGRAS DO MERCADO

– Bem, falando da actualidade com a questão de toda essa alienação, como disse meio pouco, não tem a ver só com a questão de globalização, mesmo com as políticas dos novos governos, sucessivos novos governos, não tiveram à questão cultural, à questão de identidade, à questão de, digamos, até sociais.

– A identidade não é algo que se cria, de facto, em momento nenhum com o estalar dos dedos de um dia para outro, nós devíamos aprender muito, enfim, com muitos povos, por exemplo, o caso de Israel, por exemplo, é um caso interessante porque o judeu é um povo que esteve espalhado pelo mundo, perdeu a sua identidade, o hebreu era praticamente uma língua morta, falava-se só daqueles actos religiosos deles, era como o latim, praticamente.

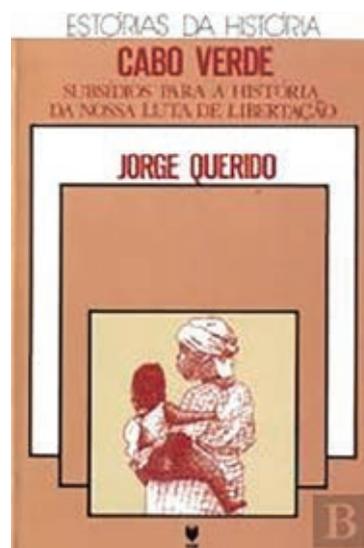
No entanto, eles foram para Israel, reavivaram, digamos, ou conseguiram que o hebreu se tornasse uma língua viva de novo, efectivamente trabalharam com muita força para criarem uma nova identidade. Ainda por cima os judeus vieram uns da Rússia, uns de Norte de África, outros da Alemanha, os que já tinham espalhados, criaram, mais ou menos, aportes, digamos, muito fortes dos locais onde viviam. Nós, aqui em Cabo Verde, o que é que fizemos nesse sentido? Os nossos manuais escolares [...] começam a sair na escola, eu não sei se ultimamente falam da África, mas durante muitos anos haviam referências muito leves, muito ténues à África.

As crianças que entravam para a escola e saíam continuavam a estudar a história mundial praticamente eurocêntrica, a Europa no centro de tudo, estava-se a desconhecer o que se passou em África, antes dos africanos terem vindo para Cabo Verde... eu lembro-me uma vez até que havia um ministro, na altura, não me lembro bem quem era, fui a Etiópia e visitei o Museu Nacional da Etiópia, em Adis Abeba, uma coisa fantástica, eu trouxe muitos elementos e mandei precisamente ao ministro da Cultura, na altura, um [...], que a Etiópia tem um museu, que introduz nos manuais escolares muita coisa sobre o império... vários imperadores que existiam em África, as lutas que travaram contra invasões dos... italianos e que venceram, vamos estudar a história...

Eu não sei se estudam história de África nas nossas escolas, mas não fizemos isso, no entanto continuaram a comemorar os descobrimentos, enfim, continuaram a agir como se fossemos ainda um produto luso tropical.

– Depois com todo agora a massificação da comunicação de multinacionais que tentam aproximar e impor as suas ideias de consumo...

– Eu acho que, quanto a mim, Cabo Verde não está no bom caminho, nós devíamos repensar seriamente,



temos gentes que é capaz, temos muita gente que é capaz e seriamente fazer muita coisa, alterar muita coisa que não está bem, e meter Cabo Verde, de facto, no caminho certo.

Cabo Verde tem que se assumir como país africano, é africano, mas, cabo-verdiano, nós somos cabo-verdianos, nós temos as nossas especificidades, nós não vamos deixar disso, claro que nós podemos abandonar alguns hábitos maus, alguns costumes maus, como, por exemplo, em África, nem tudo que é cultural é bom, como, por exemplo, há alguns países africanos que há aquela excisão genital, aquela coisa toda que tem quer ser abandonadas, aquilo vem de séculos, mas são costumes infelizmente. Há também costumes que não são bons, que são até contra o desenvolvimento, mas há outros que são bons, há outros que são aproveitáveis, temos que estudar isso, e tentar criar a nossa [...].

– Para terminar, falando aqui, no livro, até em termos de considerações finais, no livro, a situação em Cabo Verde é mesmo difícil neste momento, em termos sociais fala muito da questão da justiça, da questão dessa alienação mas que leva até a criminalidade, a situação de insegurança que se vive no país, neste momento, para além de falar também das várias situações precárias quanto ao saneamento, da água, etc., etc.

– Eu acho que há questões, de todas essas questões há algumas que são mais fáceis de resolver, mas há outros que são mais difíceis de resolver. Portanto, a questão da justiça, a preocupação que eu tenho acho que todo o cabo-verdiano tem, porque a justiça em Cabo Verde é anormalmente pouco célere, a minha maior preocupação é saber se efectivamente uma justiça célere em Cabo Verde não seria tremendamente incómoda para o poder.

Eu, há dias, por acaso, falei com um amigo que até que é jurista, ele disse; “olha, eu estou convencido que uma justiça célere em Cabo Verde não seria conveniente para o poder, por uma razão muito simples, porque o próprio poder serve-se das insuficiências da justiça para praticar actos pouco claros, e até pouco dignos”.

Até cito o caso de um país estrangeiro, num país europeu há tempos aplicaram uma série de injeções, por engano, num produto que não era o adequado, e provocaram cegueira numa série de pessoas, e o Hospital onde isso foi feito estipulou uma indemnização, alguns dos lesados acharam que aquilo era ridículo e não aceitaram, então foram as próprias autoridades que disseram; “é melhor aceitarem, porque se não aceitarem vão meter o caso no tribunal e o tribunal em Portugal, (bom, já disse que é Portugal), não funciona, ou funciona muitíssimo mal, vocês terão uma resposta daqui a dez ou quinze anos e alguns já estarão mortas”.

Quer dizer, é o próprio Estado a utilizar as suas insuficiências para fazer uma autêntica chantagem. Aqui em Cabo Verde também, eu vejo, às vezes o Estado estar a dever meio mundo, passa anos e anos sem pagar, se tivesse uma justiça célere, por exemplo, esses são casos pequenos, que se resolve em três meses, quatro meses, isso para o Estado, seria terrível. Eu, às vezes penso se não convém ao Estado ter uma justiça como a nossa funciona...

**– Depois o descalabro atinge à população, até fala no livro, dessa herança, quase de cópia mas cópia da herança portuguesa...**

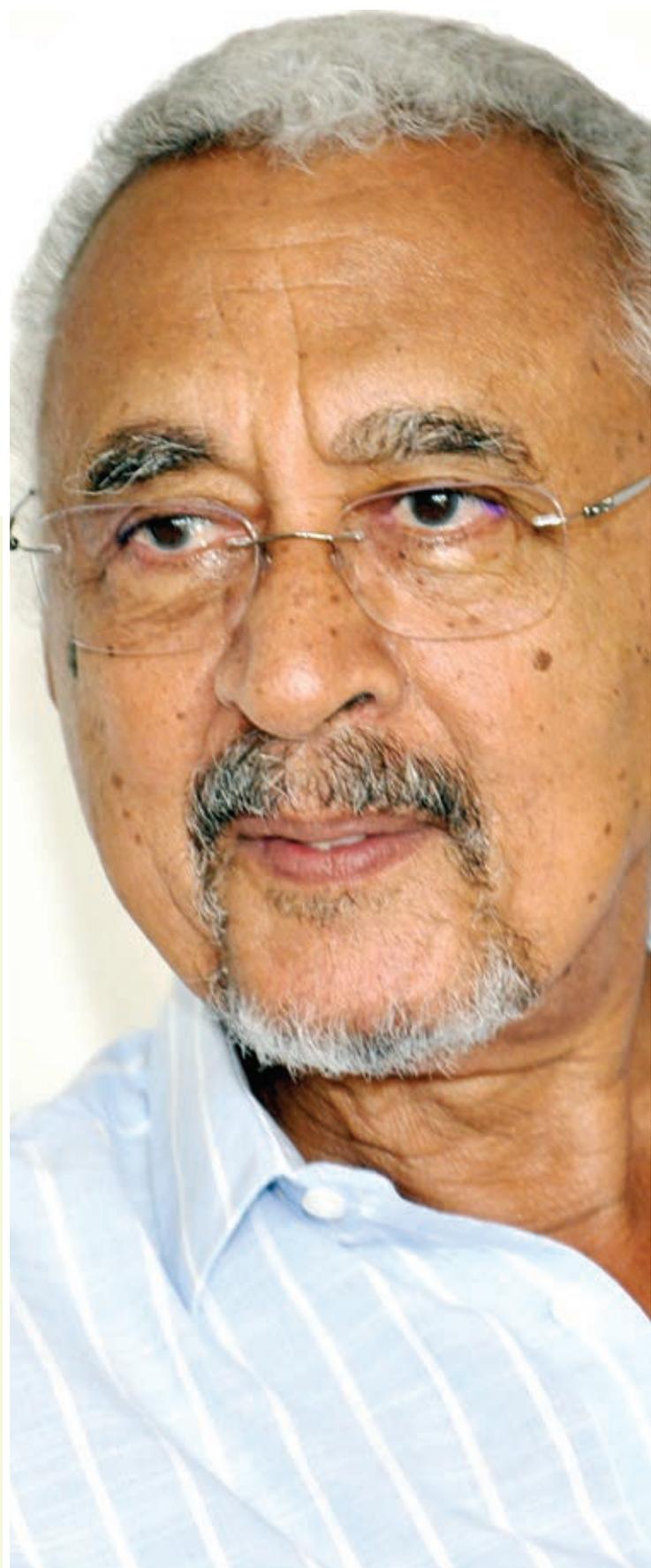
– Cópia de qualidade inferior à matriz original, e nós aqui vamos sendo permissivos [...], quer dizer, vamos sendo permissivos pela delinquência, a delinquência vai tomando conta da sociedade, porque a pequena delinquência vai acabando por gerar a grande delinquência, e é o que temos agora, temos a pequena e grande delinquência, e temos uma falta tremenda da autoridade do Estado, e no entanto se fala muito em democracia, e toda gente sabe precisamente que os regimes democráticos é que necessitam mais da autoridade do Estado, porque os totalitários não precisam de muita coisa com o poder, porque quem está no poder tem todos os instrumentos para exercer o poder.

Em democracia é que precisamente a autoridade do Estado tem que ser muito forte. É ver o caso dos Estados Unidos, etc., o que acontece, eles são, às vezes, até duros demais, a autoridade do Estado até se exerce com uma dureza tremenda, mas tem que ser assim porque em democracia é que precisamente o sistema é que exige uma autoridade mais forte do Estado.

**– Claro que há muita coisa que podíamos ter abordado, não sei se tem algo que acha que é de interesse falar aqui e acrescentar relativamente às questões(?).**

– Não, eu acho que tivemos uma conversa interessante, de facto há muita coisa, Cabo Verde é um país pequenininho mas tem, tem tudo que tem os

CABO VERDE É UM PAÍS PEQUENININHO MAS TEM, TEM TUDO QUE TEM OS GRANDES PAÍSES, E CLARO, NAS SUAS PROPORÇÕES DE VIDA, MAS HÁ OUTROS ASPECTOS IMPORTANTES, EU TENHO RECEIO DO QUE VEM ACONTECENDO EM CABO VERDE EM TERMOS DAS NOSSAS PREOCUPAÇÕES GERADAS COM ESTATÍSTICAS, SOMOS PRIMEIROS NO RANKING TAL, SEGUNDO NO RANKING TAL, TERCEIRO NO RANKING TAL, OU TEMOS DEZ UNIVERSIDADES OU DEZ INSTITUIÇÕES, PORQUE NEM SEMPRE A QUANTIDADE GERA QUALIDADE



grandes países, e claro, nas suas proporções de vida, mas há outros aspectos importantes, eu tenho receio do que vem acontecendo em Cabo Verde em termos das nossas preocupações geradas com estatísticas, somos primeiros no ranking tal, segundo no ranking tal, terceiro no ranking tal, ou temos dez Universidades ou dez instituições, porque nem sempre a quantidade gera qualidade.

A dialéctica nos diz isso, mas nem sempre isso acontece, temos de ter condições especiais para que isso aconteça, em Cabo Verde essas tradições não existem. Não sei o que poderá acontecer a Cabo Verde daqui a alguns anos se a mediocridade se instalar e tomar conta de tudo.

**– Mas isso é importante, acho que fala muito isso, de facto às vezes isso é aflitivo, vê-se, há clientelismo, há partidarismo, há sectarizado(?), bairrismo, há muita gente que vai para determinados lugares por essa via, e não porque de facto tem qualidade, tem capacidade para assumir os lugares, e depois, como diz no livro, ficam a rechazar aqueles potenciais quadros que de facto poderiam ocupar de forma honesta e legítima, os lugares, cria-se uma rede de mediocridade.**

– O medíocre, normalmente procura rodear-se de medíocre, porque tem sempre receio de que alguém o faça sombra, esse é um dos meus receios talvez, o meu grande receio, porque eu tenho visto coisas incríveis, há tempos peguei num texto escrito por um licenciado em direito, fiquei com os cabelos em pé, porque aquilo era tão mau, tão mau, quer em termos de ideias, etc., que disse “estamos a formar gente de má qualidade”. E não só, em várias outras áreas, depois tem um efeito multiplicador... enfim não sei até onde vamos.

**– Como disse, esse nosso tempo para o programa, letras vivas, não é muito, é apenas para despertar o interesse para a leitura, como tem dito que os livros encerram várias qualidades agradáveis aos que sabem escolhê-los, espero que escolham este livro, é um livro com um demorado olhar sobre Cabo Verde...**

– Já há uma segunda edição, algumas gralhas desapareceram, as notas de roda-pé que estavam no final dos capítulos passaram a ficar no final das páginas, isso de facto torna a leitura mais fácil. É a única diferença. ■

*Agradecemos ao Jorge Querido por este momento de conversa e de Aprofundamento Olhar sobre Cabo Verde, depois nos despedimos e até o nosso próximo encontro.*

A caneta é um instrumento usado para (nos tempos hodiernos) para escrever utilizando uma tinta apropriada. Os modelos variam, indo dos mais simples aos mais sofisticados e diferem, também, em matéria de cor e do material com que são confeccionadas.

No entanto, quando se assinam documentos com uma confortável caneta de marca conceituada nem se imagina o percurso desenvolvido até se chegar a este útil equipamento.

A história dos utensílios ligados à escrita confunde-se com o próprio progresso. Desde as suas origens o Homem procurou formas de comunicar, nomeadamente através de gravuras rupestres com que pretendia transmitir informações, ideias, desejos ou necessidades.

Este sistema de transmitir mensagens começou pelo uso da pedra para gravar os registos nas paredes das cavernas e numa fase mais avançada surgiram os hieróglifos (técnica de escrita) inscritos em blocos de argila utilizando pedaços de osso ou madeira rija para fazer os traçados.

Porém, a descoberta da escrita revelou-se um enorme avanço na civilização humana ao despontar como precursora dos sistemas de divulgação das ideias e da informação. Dado que escrever esteve sempre dependente de instrumentos para o seu registo, a utensilagem empregue contribuiu para o impacto que potenciou o intercâmbio económico, social, político e cultural entre povos e culturas.

Neste percurso (há milhares de anos) os egípcios começaram a usar o papiro como suporte da escrita, utilizando tintas e servindo-se de varetas ou canas de juncos para a sua aplicação. Também na Índia foram empregues paus de bambu e os chineses criaram pequenos pinéis com o mesmo efeito. Todavia, no passado o objeto mais usado para escrever foram penas de aves.

Entrementes, com o aparecimento do papel chegaram as primeiras “canetas” que substituíram as penas, porque a sua rápida degradação levou à procura de alternativas mais duráveis.

Deste modo, o tempo e o uso ocasionaram o aperfeiçoamento dos instrumentos de escrita até chegar ao que hoje conhecemos, um objeto que contém tinta e a vai transferindo para o suporte no ato de escrever. ■

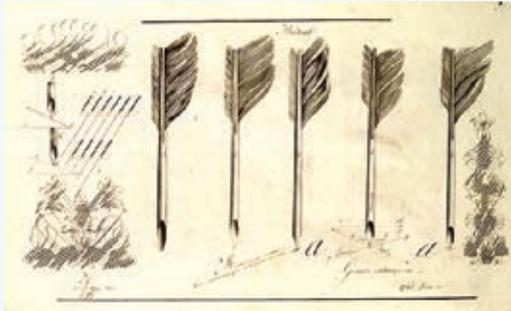
# CANETA DE APARO

*Por João Lopes Filho*



Canas

# 1 - Penas



*Penas aparadas*



*Pena e tinteiro*

No seu decurso evolutivo, durante a maior parte da Idade Média os instrumentos mais utilizados foram simples penas de aves talhadas em bico, cuja ponta era molhada na tinta para escrever.

Contudo, a antiga pena (de ganso, de cisne ou de pato) precisava de ser regularmente “aparada”, ou seja, cuidar do bico em ponta à medida que se ia desgastando. Dado tratar-se de um material orgânico que se deteriorava rapidamente, tornou-se necessário encontrar opções mais duradouras, o que conduziu ao aparecimento da caneta de aparo, também chamada “caneta de bico de pena”, que igualmente tinha de ser mergulhada frequentemente na tinta para escrever.

# 2 - Canetas de aparo

De um modo geral estas canetas são constituídas por uma pequena haste ou suporte em que se encaixa, se adapta ou se ajusta um aparo (peça com alguns centímetros de comprimento).

Essas canetas trazem acopladas na extremidade uma peça metálica, o porta-aparo, destinada a facilitar a sua substituição determinada pelo uso, quando assim o exige a qualidade da escrita ou o tipo da letra pretendido.

Para escrever o aparo tem ser molhado regularmente na tinta escolhida para o efeito. Este equipamento possui um orifício, ligado à ponta por um recorte, que serve de “canaleta”. Quando a bico de pena é mergulhada em tinta, a tensão superficial faz com que ela se fixe nesse buraco e depois vá escorrendo até a ponta, dependendo da pressão exercida variar a grossura do traço.

Assim como outros utensílios, a caneta de aparo também passou por diversos aperfeiçoamentos até chegar à que temos hoje. Por isso existem canetas com diversos tipos de hastes e de diferentes espessuras, bem como tipos de aparos, cada um com seu traço específico e características próprias, na medida em que a caneta de aparo oferece a possibilidade de uma escrita com a letra desejada, não deformada, correta para cada fim e, por conseguinte, mais personalizada.

Qualquer das partes constituintes das canetas de aparo podem ser adquiridas separadamente, uma vez que se mostra mais confortável usar o suporte que se adapte bem a cada mão ou o aparo que melhor se adequa ao tipo de letra pretendido, o que possibilita a cada um preparar o seu conjunto preferido.



*Canetas de aparo*



*Caneta de aparo em prata*

### 3 - Aparos



Aparos



Aparos

Associado à escrita manual estão a caneta e o tipo de aparo utilizado. Daí existirem referências de tentativas de confecção de “penas de metal” que remontam a tempos anteriores. Mas até ao século XVIII não se procedeu à sua vulgarização devido a dificuldade do fabrico em quantidades razoáveis.

Só com a invenção do aço foi possível criar aparos metálicos de alta qualidade, que se generalizaram por oferecerem um excelente conforto na escrita, justificando a produção em massa desse equipamento. No entanto, como a ponta gastava-se depressa, fabricaram peças mais sofisticadas nas quais foram acrescentados outros metais nos bicos dos aparos, permitindo-lhes maior durabilidade.

Os aparos de alta qualidade oferecem uma escrita fluida, acrescido do facto de possibilitarem conferir à caligrafia um carácter pessoal, permitindo mesmo desenvolver um estilo próprio. Assim, quanto mais valioso for o material do aparo e mais elaborado for o acabamento, mais suave será a sensação de conforto ao escrever.

Relativamente à escrita, se se desejar uma caligrafia com letra de pequena dimensão e apertada, recomendam a utilização do aparo tipo “fino”, para escrever com letras grandes sugerem o tamanho de aparo “médio” e para o itálico existe um modelo ligeiramente inclinado que confere à escrita um toque especial, com linhas verticais mais amplas do que as linhas horizontais.

Por norma, quanto maior for o aparo, mais esforço exigirá para oferecer “automaticamente” boa flexibilidade. Todavia, os bons aparos não precisam de grande pressão durante a escrita. No concernente à regularidade, tamanho dos caracteres e estilo, se acrescenta o conceito de obter “letras bonitas” que, para além das ferramentas adequadas, por vezes se liga a alguma empatia ou o objetivo do trabalho em vista, depende da utilização do aparo mais adequado de entre os diferentes modelos disponíveis.

No entanto, a estética da escrita está, ainda, enquadrada no campo das competências técnicas, velocidade de transmissão e as limitações materiais das diferentes épocas, sendo o estilo definido como sistema pela caligrafia, termo com origem no grego *kalligraphia*, arte visual que consiste na habilidade de escrever à mão, modo de formar letras, símbolos e sinais de maneira expressiva, harmoniosa e habilidosa. Por tudo isso, o aparo interfere na prática da caligrafia justamente como a pena de escrever, a sua predecessora.

## 4 - Porta-canetas



*Porta-canetas*

O formato das canetas, normalmente aproximando do cilíndrico, facilita o seu deslocamento sobre superfícies planas, o que conduz muitas vezes à sua queda partindo os aparos, para além de a tinta de que se encontrarem embebidos sujar os espaços com que entram em contacto.

Para solucionar este problema prepararam suportes conhecidos por porta-canetas, onde elas eram colocadas quando não em uso. Foram igualmente acoplados espaços com a mesma função junto a alguns tinteiros, circunstância que conduziu à existência de vários modelos de porta-canetas consoante a criatividade e diversidade de materiais com que foram confeccionados.

## 5 - Tintas



*Tintas*

Complemento essencial dessas canetas são as tintas agradáveis para a escrever e com bom desempenho sobre o papel.

A tinta de escrever remonta à antiguidade e generalizou-se na Idade Média através de vários processos da produção de cores e materiais que eram utilizadas nas iluminuras. Porém, só no século XIX surgiu a produção industrial de tinta para escrita fabricada e vendida a preços compatíveis.

Essas tintas resultam geralmente de uma solução à base de água, menos viscosa do que as tintas feitas com óleo usadas em impressões. Porém, dependendo da respetiva preparação, podem ainda conter partículas em suspensão, casos em que se apresentam de cores variadas.

Importante é que uma tinta de qualidade flua bem na caneta de modo a lubrificar o atrito do aparo e, uma vez sobre o papel, convém que seque rapidamente e sem penetrá-lo, nem espalhar-se, devendo, ainda, ser resistente a outros solventes.

Mas a qualidade das tintas varia consoante as suas características e cada fabricante conjuga os ingredientes de maneira um pouco diferente, embora seja possível apontar alguns atributos comuns às tintas de cada período de manufatura das mesmas.

## 6 - Tinteiros



*Tinteiro para tintas de duas cores*



*Tinteiro em vidro*



*Tinteiro de secretária com porta canetas*

O tinteiro, recipiente que continha a tinta, apresentava-se em diversos modelos e materiais, indo dos mais vulgares em cerâmica aos mais esmerados de porcelana, como também os havia de vidro em vários formatos, tamanhos e cores.

Merecem referência os tinteiros ricos ricamente confeccionados em prata e outros metais preciosos, alguns artísticos ou profusamente decorados e que representavam não só o *status* como símbolo da cultura e do saber.

Devido a essas características, muitos dos tinteiros antigos figuraram atualmente como peças de museu ou em coleções particulares.

## 7 - Mata-borrão



*Aparelho mata-borrão*



*Papel mata-borrão*

Inerente à atividade de escrita, surgiu o papel mata-borrão, um tipo de material que tem a propriedade de ser absorvente. Esse utensílio era empregado para embeber o excesso de substâncias líquidas, tal como a tinta da escrita fresca na superfície do papel ou de outros objetos.

O papel mata-borrão era apresentado tanto em folhas individuais ou agregadas num aparelho oscilante que fazia parte do material característico dos escritórios, e o seu uso foi significativo como absorvente da tinta quando se utilizavam as canetas-de-aparo para escrever e daí o seu nome.

Assim, empregavam o mata-borrão normalmente no final da escritura de textos ou assinatura de documentos para absorver o excesso de tinta que ainda não tinha secado impedindo que se formassem borrões.

Habitualmente, o mata-borrão era um aparelho de madeira, de formato ovalóide, que oscilava como uma cadeira de balanço. Na parte de baixo ficavam presas várias camadas de papel mata-borrão destinado a sugar a tinta. Quando uma dessas capa se mostrasse suja devido ao uso, bastava tirar aquela folha destarraxando a pega e encontrava-se uma nova logo por baixo.

## 8 - Caneta de tinta permanente

A evolução levou a um modelo de caneta que contém um reservatório recarregável da tinta feita à base de água e pigmentos corantes.

Desde a invenção da tinta líquida, houve tentativas de incorporar um reservatório no instrumento de escrita para evitar ter de se mergulhar a ponta do aparo no tinteiro o tempo todo e, ainda, a necessidade de escrever um texto corrido sem a preocupação dos borrões conduziu à procura de uma solução mais eficaz.

Daí surgir, no final do século XIX, a caneta-tinteiro que englobava numa única, as três peças indispensáveis para a escrita: a caneta, a tinta e o aparo, a qual se mostrou realmente funcional, uma vez que possuía um reservatório recarregável.

Por volta de 1884 apareceu a primeira versão comercial da caneta-tinteiro, mas que para funcionar tinha de ser injetada tinta no pequeno reservatório, mas continuava o problema de vazar e borrar a escrita, apesar de o líquido secar rapidamente. Foram muitas as experiências até obter uma caneta com escrita tranquila e que assegurasse um fluxo de tinta seguro, o que aconteceu com aplicação de um alimentador de ebonite por baixo do aparo que garante um corrimento regular do líquido, para além da entrada simultânea do ar para compensar a depressão causada pela saída da tinta.

Uma boa caneta de tinta permanente (caneta-tinteiro) é o instrumento que permite uma escrita suave, em que praticamente não há atrito na superfície do papel. Assim, a pena quase parece “flutuar” sobre uma camada de líquido e pouca pressão é necessária para escrever. Basta encostar no papel e redigir. É interessante verificar que a caneta de tinta permanente funciona segundo princípios físicos tão básicos como capilaridade e tensão superficial.

Complemento essencial do êxito são as geralmente chamadas “tintas molhadas”, preferidas por serem mais confortáveis devido ao seu desempenho ser muito bom (lubricidade, comportamento sobre papel comum, etc.).

Sendo o aparo âmago de uma boa caneta de tinta permanente, nalgumas marcas ele é feito a partir de materiais especialmente selecionados, moldados e gravados, num trabalho de precisão pelo detalhe. Alguns aparos são mesmo melhorados por uma ponta arredondada feita em irídio, cuidadosamente soldada ao aparo e com um acabamento brilhante. Existem mesmo casos em que o aparo é suavizado com pequenas partículas de porcelana antes de lhe ser feito o polimento brilhante.

Importa referir que diferentes modelos de canetas se foram produzindo e atualmente existe no mercado uma enorme variedade, todas de boa qualidade e, inclusive, algumas em materiais nobres cujos aparos são feitos com componentes que vão do aço inoxidável ao ouro ou platina.

Como a caneta de tinta permanente personaliza a escrita, quem usar uma caneta de tinta permanente durante bastante tempo, acaba por se tornar aquela que praticamente não lhe sai do bolso por se ter adaptado ao seu tipo de escrita.

Determinadas marcas de canetas de tinta permanente são por vezes consideradas símbolos de *status*, de luxo (pelos materiais valiosos com que são feitas), uma forma de marcar a personalidade do seu usuário, um símbolo de elegância e bom gosto e, ainda, algo com valor sentimental/estimativo como o caso de lembranças que antepassados deixaram aos descendentes.



## 9 - Caneta esferográfica

O Homem foi moldando o instrumento de escrita até chegar a um objeto que contem tinta e que a vai transferindo para um suporte. Desta maneira apareceu nos princípios do século XX uma caneta mais eficiente, porque deixa o papel seco, sem borrões e não necessita de recarregar o reservatório com tinta, ou seja algo considerado muito mais prático - a caneta esferográfica.

Deste modo, cerca de 1932 apareceu a primeira caneta que não borrava o papel e cuja tinta não esgotava no depósito, como acontecia com a antiga caneta-tinteiro. A solução foi encontrada com o acondicionamento da tinta dentro de um tubo (polipropileno - plástico resistente a substâncias químicas e que é capaz de manter contato com a tinta sem estragar) no qual, pela força de gravidade, desce para a extremidade do tubo.

Este tipo de caneta possui uma pequena esfera metálica na ponta que, humedecida pela tinta, ao girar rola e a distribui enquanto desliza sobre a superfície do papel. O corpo da caneta (tubo envolvente) também é feito de plástico resistente, cujas tampas são fabricadas com outro tipo de plástico flexível e fácil de colorir. No meio do corpo dessas canetas há um pequeno furo que mantém a pressão atmosférica lá dentro igual ao exterior para que a tinta possa escorrer.

Por causa da sua esfera recebeu o nome de esferográfica e é mais autônoma que a caneta-tinteiro, acrescido de ser agradável escrever com este utensílio, particularmente para quem precisa de escrever durante bastante tempo, atributos que tornaram-na a caneta hoje mais utilizada.

Saliente-se, entretanto, que atualmente à intimidade da letra escrita manualmente sobre papel se opõe a impessoalidade dos caracteres dos computadores, o que evidencia o interesse em usar boas canetas de tinta permanente apenas quem goste de escrever à mão.

Qualquer *software* ou um simples computador pessoal oferece hoje um nível de tratamento de texto que quase tornou desnecessários os instrumentos de escrita manuscrita, porque com o avanço das novas tecnologias, os portáteis e os *smartphones*, por vezes, passa muito tempo sem que se tenha necessidade de escrever algo manualmente.

Acrescente-se, a propósito, que na época da “escrita manual” a correspondência era um dos principais sistemas de comunicação interpessoal (e não só), ao ponto de levar Bernard-Henri Levy a considerar que “a correspondência é uma arte que se perdeu” (*Plume*, Março-Maio de 2005). ■



# SOCA distribui Direitos Autorais a cerca de 30 Autores numa Gala Literária

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) fez, no dia 17 de dezembro, a distribuição de direitos autorais, compensação equitativa pela cópia privada, numa “Gala Literária” na Fortaleza da Cidade Velha, onde 2800 contos foram distribuídos a 33 autores.

Segundo o presidente da SOCA, Daniel Spínola, os 33 autores beneficiaram-se das obras cadastradas nesta sociedade.

O evento que contou com as parcerias do Instituto do Património Cultural (IPC) e da Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago, teve, ainda, uma Feira de Livro, com preços especiais, e momentos especiais de poesia e música, com Alice Moreira, numa performance poética, e Sandra Horta, numa atuação musical especial, ao pôr-do-sol. A Gala Literária teve continuidade numa Feira de Livro, no Centro Cultural da Ribeira Grande de Santiago, e com o lançamento da revista SOCA Magazine, em homenagem ao dançarino Mano Preto, que aconteceu no 18, no Restaurante Poeta, onde se apreciou boa música, numa Noite Encanto especial com a cantora Assol Garcia.

Aproveitamos essa oportunidade para falar com o Presidente da SOCA, Daniel Spínola, sobre o trabalho que tem desenvolvido na SOCA e as distribuições de direitos autorais e artísticos que têm feito.



Daniel Spínola - Presidente da Sociedade Cabo-verdiana de Autores

**P**elo que podemos seguir, a SOCA organizou, no ano que passou, uma série de atividades culturais com várias distribuições de direitos autorais. Qual o balanço que faz?

Daniel Spínola (Presidente da SOCA) – Começando pelo início do ano, devo assinalar, em primeiro lugar, o 16 aniversário da SOCA, em que se organizou uma semana de Arte e Cultura, com uma exposição de pintura coletiva (acervo da SOCA Galeria de Arte), na Câmara Municipal da Praia; depois, realizamos, no Tarrafal, em parceria com a ALTAS, uma série de apresentação de livros, editados pela SOCA, nomeadamente: *Espermas de Sol*, de António Silva Roque; *Memórias Poéticas*, de Celine Lizardo; *O Moribundo*, de Daniel Ramos Mendes e *Sátiro Hesperitano I* de Moisés Monteiro, para além do lançamento, no Arquivo Nacional de Cabo Verde, do livro *Foi Colombo o Primeiro Cabo-verdiano?*, de Marcel Gomes Balla;

Ao longo dessa semana, realizamos várias tertúlias musicais e poéticas que culminaram no lançamento da Revista Soca Magazine, em Homenagem ao músico e compositor Princezito, com a especial prestação da Presidente da Assembleia Geral da SOCA, Augusta Teixeira.

Ainda, nessa quadra, organizamos vários momentos especiais de música, para apoiar vários artistas nesta conjuntura difícil do COVID 19, bem como a exposição/venda de artesanato, que teve lugar no Paços do Concelho da Câmara Municipal da Praia, numa parceria com a Associação **PraiArte**, cujo objetivo foi o de, também, apoiar os artesãos neste momento confrangedor.



No dia 21 de março, para assinalar o Dia Mundial da Poesia e da Árvore, fizemos, à semelhança dos anos transatos, uma arruada poética e musical, na Cidade Velha, numa parceria com a Câmara Municipal de Ribeira Grande de Santiago, e distribuímos cerca de 700 contos para apoiar mais de 30 autores, músicos e artistas plásticos, em situação de dificuldade;

Organizamos ainda um desfile de Moda, com a nossa associada Tairine Vieira, no quadro da comemoração do 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

De assinalar que fizemos duas distribuições de direitos conexos (artísticos), já mais próximo do fim do ano, a vários artistas musicais, em dois eventos que aconteceram no 5tal da Música e no Hotel Vulcão, tendo disponibilizado para o efeito um total de mil contos.

Organizamos uma semana de Arte e Cultura na Associação Cabo-verdiana de Lisboa, com lançamento da Revista SOCA Magazine, em Homenagem ao dançarino Mano Preto e apresentação de vários livros.

Na sequência, procedemos à entrega de Direitos Autorais, a quatro escritores radicados em Portugal, numa cerimónia especial, onde a poesia e a música estiverem em destaque, com as participações glamorosas da cantora Paula Santana e do músico Djone;

Em dezembro, já quase na quadra natalícia, fizemos a distribuição de Direitos Autorais, Compensação Equitativa pela Cópia Privada, numa Gala Literária, que decorreu no Forte Real da Cidade Velha, onde se promoveu o livro, através de uma Feira de Livro com preços especiais;

Para coroar esse evento, houve momentos de poesia e música, com alguns artistas convidados, nomeadamente: Alice Moreira, numa performance poética, e Sandra Horta, numa atuação musical fabulosa, ao pôr-do-sol.

Relançamos a Revista SOCA Magazine em homenagem ao dançarino Mano Preto numa soirée especial, que aconteceu no 18, no Restaurante Poeta, onde se apreciou boa música, numa Noite Encanto especial com a cantora Assol Garcia.

De se destacar que foram distribuídos, este ano, dois mil e oitocentos contos, a 33 autores, no domínio da escrita, com obras cadastradas na SOCA.

Somando esse montante aos outros distribuídos aos músicos, e às disponibilizadas nas atividades de apoio aos

artistas, na confrangedora situação do COVID, teremos como balanço a perceção de quatro mil contos, disponibilizados pela SOCA aos autores e artistas em 2021.

E fazemos questão de salientar aqui, que a SOCA já distribuiu mais de doze mil contos, a mais de cem autores e artistas, de 2017 ao momento, tendo efetuado a primeira distribuição de Direitos Autorais, no domínio da música, em Cabo Verde, em março de 2017, numa Grande Gala Musical, no Salão Nobre Abílio Duarte, da Assembleia Nacional, na Praia, tendo prestado, na altura, uma merecida Homenagem à cantora cabo-verdiana Titina Rodrigues, como forma de reconhecer o trabalho que fez, ao longo do tempo, para a divulgação da música Cabo-verdiana além-fronteiras.

**A SOCA JÁ DISTRIBUIU MAIS DE DOZE MIL CONTOS, A MAIS DE CEM AUTORES E ARTISTAS, DE 2017 AO MOMENTO, TENDO EFETUADO A PRIMEIRA DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS, NO DOMÍNIO DA MÚSICA, EM CABO VERDE, EM MARÇO DE 2017, NUMA GRANDE GALA MUSICAL, NO SALÃO NOBRE ABÍLIO DUARTE, DA ASSEMBLEIA NACIONAL, NA PRAIA, TENDO PRESTADO, NA ALTURA, UMA MERECEIDA HOMENAGEM À CANTORA CABO-VERDIANA TITINA RODRIGUES**

*– Após este balanço elucidativo, passemos às perspetivas: o que têm programado para este ano de 2022?*

**Daniel Spínola (Presidente da SOCA)** – Quero destacar, em primeira mão, que já está programada, para fevereiro próximo, no quadro da comemoração de mais um aniversário da SOCA, a distribuição de direitos a cerca de 15 autores que vão receber pela segunda vez.

Vamos organizar, como nos anos anteriores, várias atividades para assinalar: o Dia Mundial da Poesia e da Árvore, o Dia Nacional da Cultura e das Comunidades e o Dia Nacional da Morna.





Já estamos a programar, também, a comemoração do 5 de julho, Dia da Independência Nacional, com uma série de atividades, tanto no país, como na diáspora, culminando com um grande evento que, depois, divulgaremos.

*– Através das sucessivas edições da revista SOCA Magazine, a SOCA tem vindo a organizar desde 2008, atividades para homenagear autores e artistas, mediante a realização de grandes galas de música e publicação de livros e revistas dando destaque a muitos aspetos do mundo artístico-cultural. Não obstante a situação da Covid-19, que balanço é que faz das atividades realizadas em 2020?*

– Antes de mais, gostaria de dizer que, logo no início de 2020, para assinalar os 15 anos de existência da SOCA, realizámos três grandes eventos: uma Grande Gala em Homenagem à Morna e ao Djozinha; a Pré-bienal de Artes Plásticas e uma Grande Gala em Homenagem aos músicos Kaká Barboza e Princezito.

Para a Gala de Homenagem ao Djozinha, criámos uma Comissão Organizadora, coordenada por Jorge Costa (mentor do projecto Jovens Cantam Morna, que transformámos em homenagem à morna) e Jorge Tavares, após um ano de procura de patrocínios e parceiros para a materialização desse projeto.

Assim, uma vez que não conseguimos atingir o objetivo proposto, resolvemos fazer uma Grande Gala em Homenagem à Morna e ao Djozinha, com os mesmos elementos da comissão Organizadora, sob a minha liderança. Assim, foi com gáudio e gratificação que realizámos essa grande gala, no quadro do Dia Nacional da Morna e no âmbito da Candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade.

Depois, organizámos a Grande Gala em Homenagem a Kaká Barboza e Princezito, (mas, sem esses

elementos da comissão). E, sem dúvida alguma, esse evento teve um grande impacto no público em geral e nos meios culturais e artísticos.

Quanto à Pré-Bienal de Artes Plásticas, que teve lugar em Assomada, em parceria com a Câmara Municipal de Santa Catarina, pode-se dizer, também, que foi um sucesso, tendo reunido sete pintores e um escultor numa exposição inédita.

Ainda, durante 2020, com a confrangedora situação da Covid-19, e o subsequente estado de emergência, suspendemos a realização de todas as atividades programadas para esse ano e reestruturamos o nosso plano de atividades, organizando algumas atividades para serem compartilhadas nas redes sociais, com destaque para a Comemoração do Dia da Mulher Africana e Celebração da Independência Nacional, através de momentos de música, poesia e artes plásticas, com Vozes & Cores No Feminino, em que estiveram presentes vários artistas, convidados especiais, nomeadamente Carla Martz, Dulce Sequeira, Jaíze Anes, Nanny Vaz e Teté Furtado, na música; Celina Lizardo e Helena Lisboa, na poesia; Jo Arch, Natalina Delgado e Sónia Lopes, nas artes plásticas.

Realizámos, ainda, dois eventos especiais de apoio a cerca de 20 artistas em situação precária devido à pandemia da Covid-19. Fizemos o lançamento da revista SOCA Magazine em Homenagem a Kaká Barboza, uma edição que reúne vários depoimentos na sequência do seu passamento.

Destaco, igualmente, o momento especial de música e poesia em saudação a esse nosso imortal da cultura cabo-verdiana.

Em fevereiro, lançámos o Concurso de Fotografia Artística da SOCA, e, depois, organizámos, em dezembro, uma Cerimónia Especial de Entrega de Prémios e Certificados aos vencedores desse concurso,

que teve momentos especiais de música e poesia com a participação de vários artistas;

Coorganizámos, em parceria com a Curadoria do Prémio Guerra Junqueiro, a Entrega do Prémio Guerra Junqueiro, Lusofonia 2020, ao escritor e Académico Jorge Carlos Fonseca, e organizámos uma pequena atividade de Comemoração do Dia Nacional da Morna com a participação de vários artistas.

Fechámos o ano, organizando, na quadra natalícia, um encontro especial com alguns autores e artistas. Na altura, oferecemos o livro Memórias Poéticas, de Celi-  
na Lizardo, em pré-apresentação.

De realçar que, desde 2008 organizamos, anualmente, três semanas de arte integrada com exposição de pintura, escultura, feiras e apresentação de livros, tertúlias musicais e poéticas assim como homenagem a autores e artistas para assinalar três grandes efemérides: o aniversário da SOCA a 19 de fevereiro, o Dia Mundial da Poesia e da Árvore, 21 de março, e o Dia Nacional da Cultura e das Comunidades, a 18 de outubro. Essas atividades também já foram organizadas em Portugal, Saragoça (Espanha), e E.U.A.

DE REALÇAR QUE, DESDE 2008 ORGANIZAMOS, ANUALMENTE, TRÊS SEMANAS DE ARTE INTEGRADA COM EXPOSIÇÃO DE PINTURA, ESCULTURA, FEIRAS E APRESENTAÇÃO DE LIVROS, TERTÚLIAS MUSICAIS E POÉTICAS ASSIM COMO HOMENAGEM A AUTORES E ARTISTAS

Tivemos um encontro de trabalho com o Instituto de Gestão da Qualidade e da Propriedade Intelectual (IGQPI), durante o qual fizemos a apresentação de um balanço de atividades da SOCA e trocámos impressões sobre a situação dos Direitos Autorais e Conexos em Cabo Verde. Posteriormente, participamos em duas atividades que o IGQPI organizou, nomeadamente um Fórum Virtual com técnicos do IGQPI e especialistas internacionais para a área dos direitos autorais e conexos, onde abordámos o trabalho desenvolvido pela SOCA no processo de cobrança e distribuição dos direitos de autor.

A SOCA também participou no **atelier** virtual sobre o Papel das Entidades de Gestão Coletiva (EGC's) dos Direitos de Autor e Conexos, em que se fez a entrega oficial dos Certificados de Autorização e Registo às EGC's.

Na ocasião, demos o nosso testemunho sobre a situação dos direitos autorais em Cabo Verde e recebemos o certificado que nos dá legitimidade enquanto entidade de gestão dos direitos autorais e conexos para a cobrança e distribuição dos direitos autorais em Cabo Verde.

## PRIMEIRA DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS E ARTÍSTICOS

– *Sob a sua liderança, a gestão da SOCA tem sido elogiada como sendo marcada por um grande empreendedorismo através da realização de iniciativas importantes, visando a valorização e dignificação dos autores e artistas como é o caso da distribuição significativa e substancial dos direitos autorais e artísticos. Quais foram as principais acções levadas cabo?*

– Relativamente à Distribuição dos Direitos Autorais e Conexos, razão da existência da SOCA, é de se ter em devida conta que, por ocasião da Grande Gala de Homenagem a Titina Rodrigues, realizada a 3 de



## ESTIMA-SE QUE A SOCA JÁ DISPONIBILIZOU AOS ARTISTAS UM MONTANTE DE APROXIMADAMENTE 12.000.000\$00 (DOZE MILHÕES DE ESCUDOS)



março de 2018, a SOCA fez a primeira distribuição, inédita e histórica em Cabo Verde, de direitos arrecadados a cerca de 28 autores e artistas musicais.

Do total do montante do direito arrecadado, isto é, 1.100.000\$00 (um milhão e cem mil escudos), 20% foi destinado ao funcionamento da SOCA.

Dos restantes 80%, a maior parte, ou seja, 800.000\$00 (oitocentos mil escudos), foi disponibilizada aos respetivos detentores de direito, tendo ficado 80.000\$00 (oitenta mil) para distribuir a alguns detentores de direitos utilizados pontualmente.

Em 2019, para além da homenagem aos músicos e intérpretes Zeca e Zezé di Nha Reinalda, a SOCA fez, também, a distribuição dos Direitos da Cópia Privada a 22 músicos e artistas. Ao todo, foram cerca de 2.000.000\$00 (dois milhões) de escudos distribuídos, cabendo a cada um cerca de 80.000\$00 (oitenta mil escudos).

Ainda, em 2019, fizemos a distribuição dos Direitos Autorais arrecadados pelo que contemplámos outros músicos e intérpretes com um montante à volta de 800.000\$00 (oitocentos mil escudos).

Depois, foi a vez de outros autores e artistas. Um total de 1.700.000\$00 (mil e setecentos mil escudos) foi distribuído a 17 escritores, cabendo a cada um a quantia de 100.000\$00 (cem mil escudos). Por outro lado, um montante de 1.300.000\$00 (um milhão e trezentos mil escudos), foi disponibilizado a 13 pintores, cabendo, também, a cada um, a quantia de 100.000\$00 (cem mil escudos).

Em 2020, a SOCA atribuiu cerca de 700.000\$00 (setecentos mil escudos) para a Gala de Homenagem à Morna e ao Djozinha, e cerca de 1.200.000\$00 (um milhão e duzentos mil escudos) para a Gala Kaká Barboza e Princezito.

Na sequência da Pré-Bienal de Pintura foi disponibilizado a alguns artistas plásticos o montante de 500.000\$00 (quinhentos mil escudos).

Até à presente data, a SOCA já distribuiu, de forma direta, cerca de 9.000.000\$00 (nove milhões de escudos) a mais de 100 autores e artistas, tendo, ainda, de forma indireta, através da organização de atividades várias, abrangido mais de 60 artistas, com um montante de mais de 3.000.000\$00 (três milhões de escudos) abarcando desde a Gala em Homenagem a Titina Rodrigues, até à mais recente, em Homenagem a Kaká Barboza e Princezito.

Recentemente, com a situação da Covid-19, a SOCA já apoiou mais de 20 artistas em situação precária. Estima-se que a SOCA já disponibilizou aos artistas um montante de aproximadamente 12.000.000\$00 (doze milhões de escudos).

### NOVO PARADIGMA E PRIORIDADE À COBRANÇA DOS DIREITOS AUTORAIS

*– A par da implementação de um novo paradigma no seu funcionamento, a SOCA tem vindo a dar uma prioridade à questão da cobrança dos direitos autorais. Qual é o balanço que faz destas questões?*

– Outra nota importante é o facto de estarmos a implementar, desde 2008, um novo paradigma baseado na inovação e diversificação das realizações ao longo do tempo e no sentido de termos uma sede própria.

Um dos focos da minha atuação tem sido no sentido de levar a cabo um trabalho de parceria e descentralizado, organizando eventos em vários pontos do país e não apenas na Praia.

Para o efeito, tenho dois colaboradores excepcionais nas pessoas do Vice-Presidente da SOCA, Daniel Medina e da Presidente da Assembleia-Geral, Augusta Teixeira. Destaco ainda a Presidente do Conselho Fiscal, Celina Lizardo e o Administrador responsável

pelas Relações Públicas, José António de Pina. Há vários colaboradores pontuais que também têm dado o seu contributo na organização das nossas atividades.

Entretanto, demos prioridade à questão da cobrança dos direitos autorais, realizando uma mesa-redonda, de onde saiu uma proposta de portaria que pudesse garantir legitimidade à SOCA, enquanto entidade de gestão dos direitos autorais em Cabo Verde.

Essa proposta foi enviada ao Ministério da Cultura para o devido seguimento, através das instâncias competentes do Governo, e posterior publicação, o que nos tem permitido exercer, de forma legítima, o nosso papel.

Após a publicação dessa portaria, começámos o processo de cobrança fixando uma Tabela de Execução Mínima, baseada em tabelas internacionais adaptadas à nossa realidade.

Enviámos propostas de contrato às rádios e televisão públicas e privadas, cartas de cobrança às discotecas, **pubs** e casas noturnas que utilizam a música como atração principal da sua atividade, bem como a alguns hotéis que utilizam a música como acessório importante para a valorização da sua atividade.

De se destacar a diligência feita, ainda nesse quadro, junto à IGAE, solicitando o seu apoio nessa demanda, junto às discotecas e às casas noturnas e de espetáculo, não tendo logrado também atingir o objetivo proposto, não obstante a boa atenção dispensada por essa entidade.

Concluindo, devemos dizer que a SOCA, já em 2010, estava completamente apta para desempenhar a sua função, enquanto entidade de gestão coletiva, tendo mesmo feito, na altura, um processo de cobrança, abrangendo cerca de 80 lugares, com alguns resultados positivos, traduzidos nos contratos celebrados com 10 usuários, o que demonstra que, se tivéssemos o apoio das autoridades competentes e afins (IGAE, Câmara Municipal da Praia, Ministério da Cultura e Entidades Públicas), teríamos, de facto, conseguido atingir o nosso objetivo na sua maioria.

Por isso, não tinha sentido nenhum (a não ser o de má vontade) todo o arazoado do Ministério da Cultura, de então, com o intuito apenas de denegrir a imagem da SOCA e encontrar razão para a criação do seu grupo de cobrança, com os “seus pares”.

Nós só não continuamos a receber desses usuários, com os quais celebramos contrato, porque achamos que seria injusto, já que os outros não pagavam, e, também, porque o montante coletado era irrisório para uma distribuição criteriosa e efetiva.

Também, não quisemos fazer acordos de reciprocidade com sociedades congêneres estrangeiras, porque pensamos que isto só será, de facto, e real, quando começarmos a ter uma arrecadação efetiva. De resto, seria um acordo unilateral e virtual, porque as sociedades congêneres não enviarão os montantes que arrecadarem para distribuímos, se nós não estivermos em condições de fazer o mesmo. ■





# LISTA DE AUTORES E ARTISTAS QUE RECEBERAM DIREITOS AUTORAIS DA SOCA

S O C I E D A D E C A B O V E R D I A N A D E A U T O R E S

## DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS – 2017 A 2019

	Autores/Artistas	Nome Artístico	Domínio Autoral	Quantia
1	Abrão Correia Sena	Abraão Sena	Literatura	100.000,00
2	Bernardina de Oliveira Salústio	Dina Salústio	Literatura	100.000,00
3	Carlos Alberto Barbosa	Kaka Barboza	Literatura	213.600,00
4	Carlos Jorge Rodrigues Spínola	Carlos Spínola	Literatura	100.000,00
5	Daniel do Rosário Medina	Daniel Medina	Literatura	100.000,00
6	Daniel Ramos Mendes	Daniel Mendes	Literatura	100.000,00
7	Daniel Euricles Spencer Rodrigues Spínola	Daniel Spínola	Literatura	100.000,00
8	Editora ACL	Editora ACL	Literatura	100.000,00
9	Hirondina de Fátima Bettencourt S. Lima	Fátima Bettencourt	Literatura	100.000,00
10	Hermínia Curado Ferreira	Hermínia Curado	Literatura	100.000,00
11	Iko Paulo Evora Ceuninck	Iko Ceuninck	Literatura	100.000,00
12	Jorge Tolentino Araújo	Jorge Tolentino	Literatura	100.000,00
13	Manuel Veiga	Manuel Veiga	Literatura	100.000,00
14	Maria Augusta Évora Teixeira	Mana Guta	Literatura	100.000,00
15	António Carlos dos Reis Barbosa (Kaya)	Kaya	Artes Plásticas	180.000,00
16	Domingos Luísa Silva	Domingos Luísa	Artes Plásticas	180.000,00
17	Manuela Brazão Barbosa	Nela Barbosa	Artes Plásticas	250.000,00
18	Paulo José Tavares Rosa	Paulo Rosa	Artes Plásticas	250.000,00
19	Rodrigo Correia Fernandes	Lu di Pala	Artes Plásticas	100.000,00
20	Joaquim Freire Semedo	Joaquim Semedo	Artes Plásticas	200.000,00
21	Severo Pedro Delgado	Severo Delgado	Artes Plásticas	200.000,00
22	Albino Eurico Miranda Baptista	Albino Baptista	Fotografia	220.000,00
23	António Gomes	Tó Gomes	Fotografia	220.000,00
24	José António Gonçalves Brazão	Kassanaya	Escultura	240.000,00
25	António Joaquim Santos	Toy Jack	Música	80.000,00
26	António Sanches	Tonito Sanches	Música	80.000,00
27	Ariana Maria Ramos Vaz	Nany Vaz	Música	80.000,00
28	Armilinda Cabral Semedo	“Gr Tradição di terra”	Música	80.000,00
29	Carlos Alberto Sousa Mendes	Princezito	Música	190.000,00
30	Carlos Manuel Tavares Lopes	Romeu di Lurdís	Música	80.000,00
31	Emanuel Maria Dias Fernandes	Zeca di Nha Reinalda	Música	158.600,00
32	Eliseu Alves Moreira	“Grupo Vibrason”	Música	80.000,00
33	Frederico Hopffer Almada	Nhonho Hopffer	Música	160.000,00
34	Gerson António Martins Spencer	Gerson Spencer	Música	80.000,00
35	Gracindo Évora	Grace Évora	Música	165.000,00
36	José Bernardo Dias Fernandes	Zézé di Nha Reinalda	Música	130.000,00
37	Hélio Batalha Gomes da Rosa	Hélio Batalha	Música	251.628,00
38	Mário Mendes	Mário Mendes	Música	80.000,00
39	Silvestre Alberto Soares Mascarenhas	Bob Mascarenhas	Música	80.000,00
40	Zé Rui de Pina	Zé Rui de Pina	Música	80.000,00
41	Edson Silva	Batchart	Música	28.600,00
42	Carlos Pereira Lopes	Bino Ferro Gaita	Música	84.000,00
43	Estêvão Moreno Tavares	Iduino	Música	143.000,00
44	Mayra Curado Andrade	Mayra Andrade	Música	85.800,00
45	Carlos Manuel Lopes Monteiro	Rapaz 100 juiz	Música	42.900,00
46	Aristides Paris	Tito Paris	Música	143.000,00
47	Rui Afonseca Sousa Cruz	Rui Cruz	Música	150.000,00
48	Fernando Jorge Tavares Silva	George Tavares	Música	235.000,00
49	Ecio Eduardo Borges Cardoso	Élzio Tchada	Música	28.000,00
50	Heleno Barbosa	Heleno Barbosa	Artes Plásticas	170.000,00
51	Leontina Marise Ribeiro	Leomar	Artes Plásticas	150.000,00
52	António Silva Roque	António Silva Roque	Literatura	185.000,00
53	Serge Guy Pinto	Serge Pinto	Artes Plásticas	120.000,00
54	Mário Barbosa	Zelito	Artes Plásticas	170.000,00
55	Tairine Vieira	Tai Vieira	Artes Plásticas	245.000,00
	<b>Total</b>			<b>7.369.128,00</b>

**DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS – 2021**

	Autores/Artistas	Nome Artístico	Domínio Autoral	Quantia
56	Isa Iolanda Brito Pereira	Isa Pereira	Música	100.000,00
57	Silvestre De Pina Rosa	Silva Rosa	Música	100.000,00
58	Maria Teresa De Sá S. Figueiredo Araújo	Terezinha Araújo	Música	100.000,00
59	José Salgado Da Silva	Zé Perdigão	Música	100.000,00
60	Alcindo Tavares Barbosa	Xindo Morandi	Música	100.000,00
61	Kwame Gamal Mascarenhas G. Monteiro	Kwame Gamal	Música	100.000,00
62	Ana Paula Gomes Moura	Batucadei Nos Erança	Música	100.000,00
63	José Luis Semedo Gonçalves	Zequinha Magra	Música	100.000,00
64	Francisco Gomes Correia	Nunaus	Música	85.000,00
65	Gonçalves António Correia	Tchalo Correia	Música	85.000,00
66	Vicente Tavares Alvarenga	Vicente Alvarenga	Música	85.000,00
	Total			1.055.000,00

**Apoio a 30 artistas no quadro da covid19 em situação de dificuldade – 2020/2021**
**700.000**
**DISTRIBUIÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS - OBRAS ESCRITAS (CECP) – 2021**

	Autores/Artistas	Nome Artístico	Domínio Autoral	Quantia
67	Celina Lizardo Torres Lopes	Celina Lizardo	Escrita	85.000,00
68	Carlota de Barros Firmino Alves	Carlota de Barros	Escrita	85.000,00
69	Danilson Teixeira Fernandes	Danilson T. Fernandes	Escrita	85.000,00
70	Domingos Landim de Barros	João Baptista Efigie	Escrita	85.000,00
71	Eurídice Furtado Monteiro	Eurydice Monteiro	Escrita	85.000,00
72	Jorge Octávio Soares Silva	Jossilva	Escrita	85.000,00
73	José Luís Hopffer Almada	Nze de Sant'yago	Escrita	85.000,00
74	José Luís Tavares	José Luiz Tavares	Escrita	85.000,00
75	José Joaquim Cabral	José Cabral	Escrita	85.000,00
76	José António Rodrigues Almeida Pereira	Zé Patta	Escrita	85.000,00
77	Lívio Fernandes Lopes	Leave you	Escrita	85.000,00
78	Maria de Lourdes F. S. Ramos Évora Pereira	(Herdeira) Tututa	Escrita	85.000,00
79	Maria Odete Reis		Escrita	85.000,00
80	Moisés Moreno dos Santos	Moshe	Escrita	85.000,00
81	Odair Varela	Dai Varela	Escrita	85.000,00
82	Paulo Jorge Furtado Brito	Paulo Furtado Brito	Escrita	85.000,00
83	Pedro Celestino Gomes Correia	Pedro Celestino	Escrita	85.000,00
84	Paulo Varela		Escrita	85.000,00
85	Salif Diallo Agues Da Cruz Silva	Salif Ddiallo	Escrita	85.000,00
86	Tomé Varela Da Silva	TV Da Silva	Escrita	85.000,00
87	Vera Valentina Benrós M. Duarte Lobo de Pina	Vera Duarte	Escrita	85.000,00
	Total			1.700.000,00

**OUTROS CONTEMPLADOS COM OS DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS - 2020/2021**

	Autores/Artistas	Nome Artístico	Domínio Autoral	Quantia
88	Ana Paula Monteiro	Ana Paula Songs	Música	50.000,00
89	Paula Cristina Barbosa Teixeira	Paulinha	Música	130.000,00
90	Vacilizia Pinheiro Chantre	Vacy Chantre	Música	45.000,00
91	José Pedro da Silva Barbosa	Zé Diola	Música	100.000,00
	Total			325.000,00

**OBRAS NO DOMÍNIO DA ESCRITA 2022**

	Autores/Artistas	Nome Artístico	Domínio Autoral	Quantia
92	Amália Maria Ver-cruz Melo Lopes	Amália Melo Lopes	Escrita	85.000,00
93	Armindo Martins	Armindo Martins	Escrita	100.000,00
94	Abrão Sena	Abrão Sena	Escrita	100.000,00
95	Bernardina Oliveira	Dina Salústio	Escrita	100.000,00
96	Daniel Medina	Daniel Medina	Escrita	100.000,00
97	Daniel Euricles Spencer Rodrigues Spinola	Danny Spinola	Escrita	100.000,00
98	Daniel Ramos Mendes	Daniel Mendes	Escrita	100.000,00
99	Hermínia Curado Ferreira	Hermínia Curado Ferreira	Escrita	100.000,00
100	Hirondina de Fátima Bettencourt	Fátima Bettencourt	Escrita	100.000,00
101	Elsa Maria Lopes Almeida Fontes	Elsa Fontes	Escrita	85.000,00
102	João Lopes Filho	João Lopes Filho	Escrita	100.000,00
103	Jorge Tolentino	Jorge Tolentino	Escrita	100.000,00
104	Manuel Veiga	Manuel Veiga	Escrita	100.000,00
105	Maria Augusta Teixeira	Mana Guta	Escrita	100.000,00
106	Madalena Neves	Madalena Neves	Escrita	100.000,00
107	Maria Helena Santa Rita Vieira	Maria H. Santa Rita Vieira	Escrita	85.000,00
108	Tino João Miroelho	Timoji	Escrita	85.000,00
	Total			1.640.000,00

**TOTAL GERAL**
**12.805.000,00**

# Soca Magazine

## Suplemento

Periodicidade: Trimestral  
Distribuição: Gratuita

Nº 9  
FEVEREIRO  
2022

### EDITORIAL



DANIEL SPÍNOLA  
Presidente da SOCA

**A** pesar da situação sufocante e conflagradora, devido ao COVID-19, o ano que passou foi de uma boa safra para a SOCA, em termos de atividades.

O interessante, de tudo isto, é que nenhuma das inúmeras atividades que a SOCA organizou, tais como lançamento de revistas e de livros, distribuição de direitos autorais, em quatro momentos diferentes, Semanas de Arte & Cultura, com certames de música e poesia (para assinalar o Dia Mundial da Poesia e da Árvore e o Dia Nacional da Cultura), foram acontecimentos para a rádio e a televisão públicas. Tão pouco foram para os *Mídia*, em geral.

E é essa fulgurante realidade que nos leva a tecer aqui algumas considerações, quase que manifestos, sobre determinadas questões, em vez de debruçarmos no aprofundamento do balanço das nossas ações, já que somos mais do tipo utilitarista e não hedonista.

Já dizia o nosso poeta Ovídio Martins, no seu poema **O Único Impossível**, para se referir à liberdade que o escrever e o denunciar as coisas contém:

*"Mordanças/a um poeta?/Loucura! E por que não/ Fechar na mão uma estrela? O universo num dedal (...)."*

Por isso, devido a essa atitude (que não compreendemos) do nosso

*Mídia Público, é que propomos esta alternativa de fazer veicular informações sobre os acontecimentos que não são cobertos pelo Mídia, pois, pode-se, facilmente, constatar que, praticamente, não temos um jornalismo que preste um serviço público, idóneo e correto, isento e transparente, com informações fidedignas da realidade do país, das coisas que acontecem e que são acontecimentos.*

O que temos a fazer, nesse caso, e nessa situação, é trabalharmos cada vez mais e fazermos o que temos a fazer, sem pensar nesses contratempores que não abonam a nossa jornada e dinâmica. É preciso seguirmos a máxima de um poema de Goethe "A vida de um homem - que é? Porém milhares podem/ Falar desse homem, daquilo que fez e como o fez. / Menos ainda é um poema; contudo mil podem gozá-lo, / Milhares censurá-lo. Amigo, continua pois a viver e a fazer teus poemas."

É neste contexto que passamos a publicar, trimestralmente, este boletim/ suplemento da nossa revista SOCA Magazine (que será distribuído gratuitamente), como forma de levarmos, até ao público em geral, informações sobre as nossas atividades, que não são cobertas pelo *Mídia público*, nem pelos jornais comprometidos e mercantilistas. Bem haja, a todos.

### SUMÁRIO

SOCA promove Semana de Arte Integrada para comemorar seu 18º aniversário ..... Pág. 2

SOCA Promove Desfile de Moda de Tairine Vieira ..... Pág. 3

Exposição de Artesanato ..... Pág. 4

Grande Prêmio de Fotografia Artística da SOCA ..... Pág. 5

Imagens de Distribuição de Direitos Autorais - STal da Música e Hotel Vulcão ..... Pág. 6 e 7

Imagens de Distribuição de Direitos Autorais - Lisboa e Forte Real, Cidade Velha ..... Pág. 8 e 9

Gala Literária apresentação da Revista SOCA Magazine Homenagem ao dançarino Mano Preto, no Restaurante Poeta numa noite encantada com a cantora Assol Garcia ..... Pág. 10

SOCA distribui Cartão de Assolados e organiza Exposição/Vernissage de Pintura para comemorar o seu 17º aniversário ..... Pág. 11

COVID-19: SOCA disponibilizou 500 contos para ajudar 30 artistas a fazer face às dificuldades ..... Pág. 12

Exposição de Pintura Acervo da Soca Galeria ..... Pág. 12

SOCA distribui Direitos Autorais a cerca de 30 Autores numa Gala Literária ..... Pág. 13 a 15

Lista de Autores e Artistas que receberam Direitos Autorais da SOCA ..... Pág. 16

Leia e divulgue o Suplemento Soca Magazine



## SOCÁ - Calendario 2022

### Janairo

Se	3	10	17	24	31
Te	4	11	18	25	
Qu	5	12	19	26	
Qi	6	13	20	27	
Se	7	14	21	28	
Sá	1	8	15	22	29
Do	2	9	16	23	30

### Fevereiro

Se	7	14	21	28	
Te	1	8	15	22	
Qu	2	9	16	23	
Qi	3	10	17	24	
Se	4	11	18	25	
Sá	5	12	19	26	
Do	6	13	20	27	

### Março

Se	7	14	21	28	
Te	1	8	15	22	29
Qu	2	9	16	23	30
Qi	3	10	17	24	31
Se	4	11	18	25	
Sá	5	12	19	26	
Do	6	13	20	27	

### Abril

Se	4	11	18	25	
Te	5	12	19	26	
Qu	6	13	20	27	
Qi	7	14	21	28	
Se	1	8	15	22	29
Sá	2	9	16	23	30
Do	3	10	17	24	

### Maior

Se	2	9	16	23	30
Te	3	10	17	24	31
Qu	4	11	18	25	
Qi	5	12	19	26	
Se	6	13	20	27	
Sá	7	14	21	28	
Do	1	8	15	22	29

### Junho

Se	6	13	20	27	
Te	7	14	21	28	
Qu	1	8	15	22	29
Qi	2	9	16	23	30
Se	3	10	17	24	
Sá	4	11	18	25	
Do	5	12	19	26	

### Julho

Se	4	11	18	25	
Te	5	12	19	26	
Qu	6	13	20	27	
Qi	7	14	21	28	
Se	1	8	15	22	29
Sá	2	9	16	23	30
Do	3	10	17	24	31

### Agosto

Se	1	8	15	22	29
Te	2	9	16	23	30
Qu	3	10	17	24	31
Qi	4	11	18	25	
Se	5	12	19	26	
Sá	6	13	20	27	
Do	7	14	21	28	

### Setembro

Se	5	12	19	26	
Te	6	13	20	27	
Qu	7	14	21	28	
Qi	1	8	15	22	29
Se	2	9	16	23	30
Sá	3	10	17	24	
Do	4	11	18	25	

### Outubro

Se	3	10	17	24	31
Te	4	11	18	25	
Qu	5	12	19	26	
Qi	6	13	20	27	
Se	7	14	21	28	
Sá	1	8	15	22	29
Do	2	9	16	23	30

### Novembro

Se	7	14	21	28	
Te	1	8	15	22	29
Qu	2	9	16	23	30
Qi	3	10	17	24	
Se	4	11	18	25	
Sá	5	12	19	26	
Do	6	13	20	27	

### Dezembro

Se	5	12	19	26	
Te	6	13	20	27	
Qu	7	14	21	28	
Qi	1	8	15	22	29
Se	2	9	16	23	30
Sá	3	10	17	24	31
Do	4	11	18	25	



Na Defesa e Promoção dos Autores e Artistas



autoría digna e próspera

**Sociedade Caboverdiana de Autores**  
17 anos promovendo: Autores, Músicos, intérpretes, Escritores, Poetas, Fotógrafos, Artistas Plásticos, Arquitectos... no país e na diáspora



... por uma autoría digna & próspera ...

